



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional Das Beiras
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

HABITAR E ENVELHECER NO SÉCULO XXI

HABITAÇÃO ASSISTIDA

*Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Por

Maria João Borges Centenário Pereira da Fonseca

Abril de 2012



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional Das Beiras
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

HABITAR E ENVELHECER NO SÉCULO XXI

HABITAÇÃO ASSISTIDA

*Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Orientador: Arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho

Co-orientador: Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne

Por

Maria João Borges Centenário Pereira da Fonseca

AGRADECIMENTOS

À Universidade Católica Portuguesa - pólo de Viseu, a todos os docentes que me acompanharam ao longo destes anos e que contribuíram para a minha formação; aos funcionários da instituição pelo apreço com que me trataram e aos meus colegas de curso pela cooperação diária.

Ao Orientador, o arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho e ao Co-orientador, Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne cujo conhecimento e experiência permitiram o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste estudo.

Aos meus pais, à minha irmã e ao Pedro pelo amor incondicional e educação, que fizeram de mim a pessoa que sou hoje e à tolerância com que ajudaram a suportar esta etapa.

A toda a minha família pelo apoio e estima.

Aos meus amigos, pelos bons momentos que completam a minha vida.

À avó Rosa e ao avô Normando que foram, em parte, personagens desta dissertação e cuja sabedoria e amor ainda hoje guardo.

Ao Fernando, que me mostrou o valor da verdadeira amizade e que todos os dias recordo.

RESUMO

Habitar e Envelhecer no século XXI, o tema base da dissertação, possui uma abrangência espacial e social muito ampla. O relacionamento entre a arquitectura e o homem configura-se, com o suceder do tempo, numa dinâmica vivencial que deve, sempre que possível, ser partilhada. O Habitar, que através das palavras de Baeza (2004, p. 57) se pode ler “ Primeiro foi a caverna. (...). Depois veio a cabana. (...). E, finalmente, chegou a casa. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar.”, define a necessidade de abrigo constante, que naturalmente indicou ao ser humano a carência de um espaço seguro. Actualmente, é possível falar-se numa quase banalidade de habitar porque evidentemente já não se vive em cavernas, mas é possível, falar-se na personalidade do habitar, o elemento diferenciador entre os espaços arquitectónicos, que devem, cada vez mais, ser evidenciadores da exigência e necessidades de quem o habita. O Envelhecer como justificação para a efemeridade da vida, define a passagem do homem pelo mundo. Desde o momento em que nos tornamos seres humanos estamos a envelhecer, é uma rotina constante e natural da nossa forma de vida. Mas o envelhecer, como redundantemente o imaginamos, encontra-se associado a uma faixa etária específica, que arranca aproximadamente a partir dos 65 anos. (Porter, 1995) É neste ponto que surge a ideia do velho e do idoso como materialização desse envelhecimento mais visível.

A evolução da era actual permite que tanto o habitar como o envelhecer se possam conjugar em vivências e espacialidades particulares, integradas no quotidiano. Resultando em características e necessidades próprias do ser humano enquanto ser idoso.

Desta mutualidade surgiu a inclusão do subtema Habitação Assistida como sucessão do tema base. A veiculação deste tema parte do propósito e da funcionalidade da arquitectura associados a uma forma de vida específica, integrada na exigência de meios e infra-estruturas próprios directamente direccionados para o habitante idoso e jovem. O estímulo social promovido através da solução arquitectónica funciona também como factor compressor deste estudo, bem como a possibilidade de criação de espaços e ambientes que promovam o bem-estar e uma dinâmica de vivência social contínua.

Palavras-chave: habitar, envelhecer, intergeracionalidade, estímulo, acessibilidade, individualidade/independência/autonomia, interacção social.

ABSTRACT

Live and aging in the 21st century, the basic theme of the dissertation, has a social and spatial scope too broad. The relationship between architecture and man sets himself, with the succession of time, a dynamic experiential should, whenever possible, be shared. Living, which in the words of Baeza (2004, p. 57) one can read "First it was the cave. (...). Then came the cabin. (...). And finally came home. The refuge itself and defend itself became the dwelling. " defines the constant need for shelter, said that naturally the human being the lack of a safe space. It is now possible to speak of living is almost trivial because evidently we no longer live in caves, but it is possible to speak in personality of living, the differentiator between architectural spaces, which must increasingly be evidenced the requirement and needs of their inhabitants. Aging as justification for the brevity of life, defines the passage through the world of man. From the moment we become human beings we are getting older, is a natural and constant routine of our way of life. But the old, as we imagine it redundantly, is associated with a specific age group, which starts from about 65 years old. (Porter, 1995) This is where the idea comes from the old and the elderly as the most visible embodiment of that age.

The evolution of the current era allows both aging and living as it can combine experiences and in particular spatial, integrated into everyday life. Resulting in specific characteristics and needs of human beings as elderly beings.

This inclusion of mutuality emerged as a subtheme Assisted Living succession from the base theme. The placement of this issue's purpose and function of architecture associated with a specific form of life, the demand for integrated media and infrastructures themselves directly targeted for local elderly and young. The social stimulus promoted through the architectural solution also serves as compressor factor in this study, as well as the possibility of creating spaces and environments that promote well-being and a continued dynamic social life.

Keywords: living, aging, intergenerational, support, affordability, individuality / independence / autonomy, social interaction.

ÍNDICE

I.	INTRODUÇÃO	9
II.	METODOLOGIA	9
PARTE 1 – DESENHO URBANO.....		11
1.	CONTEXTO URBANO	13
1.1.	A cidade de Viseu	13
1.2.	A cidade e o seu Contexto	14
1.3.	Localização da Área de Intervenção	15
2.	ANÁLISE URBANA	16
2.1.	Topografia do lugar	16
2.2.	Malha Viária	21
2.3.	Pontos Conflituosos	26
2.4.	Restrições Urbanísticas - O PDM de Viseu	26
2.5.	Ocupação do Solo	29
2.6.	Edificado Existente: Tipo de Edifícios e Número de Pisos	31
2.7.	Relação entre Cheios e Vazios	42
3.	LIMITES VISUAIS NATURAIS E ARQUITECTÓNICOS	45
4.	O PARQUE URBANO	48
PARTE 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....		52
5.	GUIA DAS CIDADES AMIGAS DOS IDOSOS – um ponto de partida	54
6.	O ENVELHECIMENTO	56
6.1.	Quem é idoso?	56

6.2.	2012 - Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações	57
6.3.	“Este País não é para Velhos”	58
7.	HABITAÇÃO ASSISTIDA	61
7.1.	Noção segundo a definição de alguns autores	61
7.1.1.	Victor Regnier	62
7.1.2.	Roberta Schultz Benor	63
7.1.3.	Barbara Resnick e Ethel Mitty	64
7.2.	Habitação para idosos, habitação para todos	67
PARTE 3 – DESENHO ARQUITECTÓNICO.....		70
8.	CASOS DE ESTUDO – Obras de Referência	72
8.1.	<i>Pile Up</i> – Hans Zwimpfer	72
8.2.	<i>The Dillon</i> – Smith-Miller e Hawkinson Architects	72
8.3.	<i>Habitação para idosos</i> – Dietrich Schwarz e Sergi Serrat, Gines Egea e Cristina Garcia	73
9.	O EDIFÍCIO	75
9.1.	Conceito	75
9.2.	<i>FORM follows FUNCTION</i> - A forma segue a função	77
9.3.	Edifício Intergeracional	78
10.	O QUARTEIRÃO	80
10.1.	Rede de Serviços Integrados	85
10.2.	A Envolvente Próxima – uma relação natural	88
10.2.1.	Pátio interior	89
10.3.	Zonas de Estar	94
10.3.1.	Galeria	94
11.	O APARTAMENTO	96
11.1.	T ₁ – o módulo base	97

11.2.	T ₁ lateral	99
11.3.	T ₂ duplex	100
11.4.	T ₄ duplex	101
11.5.	T ₂	102
12.	PORMENORIZAÇÃO CONSTRUTIVA	103
12.1.	Esquema Estrutural	103
12.2.	Materiais	104
III.	CONCLUSÃO	108
IV.	BIBLIOGRAFIA	110
V.	ÍNDICE DE FIGURAS	116
	ANEXOS	119
	Maquete	120
	Paineis Finais	121

I. INTRODUÇÃO

O estudo apresentado nesta dissertação abrange os dois semestres da cadeira anual de Projecto, dividida, respectivamente em Projecto Integrado Urbano, relativo ao desenvolvimento da solução urbana, objecto de desenvolvimento da primeira parte, e Projecto Integrado de Renovação, onde, posteriormente se procedeu à execução da solução arquitectónica.

Apesar da sua aparente distinção, existiu, em ambas as disciplinas, uma relação de reciprocidade, dada não só por uma resposta premente em termos arquitectónicos que se enquadrasse no tema apresentado, mas também uma interdisciplinaridade constante, que permitiu uma obtenção sucessiva e crescente de informação que culmina na apresentação das três partes deste estudo, o desenho urbano, a fundamentação teórica e o desenho arquitectónico.

II. METODOLOGIA

Parte 1 – Desenho Urbano

Esta primeira parte visa demonstrar a abordagem ao terreno e a consecutiva solução urbana. A partir de uma análise exaustiva da zona de intervenção, foram concebidos diversos pontos onde se caracteriza o local de modo a que a solução urbana obtenha um resultado adequado ao espaço e à envolvente. Para além da análise, a solução também se suportou em obras e projectos de referência adequados ao estudo.

Parte 2 – Fundamentação Teórica

Neste ponto reforça-se teoricamente o tema da dissertação, tendo por base o contexto a nível nacional e caracterização do público-alvo. A justificação do tema Habitação Assistida é dada pela integração de diferentes investigações desenvolvidas por vários autores, bem como uma visão pessoal acerca da matéria de estudo. Faz-se ainda a articulação entre o tema e diferentes propostas a serem integradas no mesmo.

Parte 3 – Desenho Arquitectónico

A parte final da dissertação, refere todos os pontos integrantes da solução arquitectónica. Neste ponto são especificadas as zonas do edifício que se potenciaram importantes para o suporte do tema, bem como a pormenorização arquitectónica dos espaços mais relevantes.

P A R T E 1

DESENHO URBANO

“(...). Os limites e as diferenças físicas e sociais entre cidade e campo tornam-se cada vez mais ténues. A dilatação dos territórios urbanos praticada usualmente pelos cidadãos enfraquece a importância da proximidade na vida quotidiana: o bairro é muito menos o lugar de integração das relações de amizade, familiares, profissionais, cívicas; os vizinhos mais próximos são cada vez menos os amigos, os pais, os colegas, salvo nalguns guetos de ricos e de pobres. O local muda de natureza e de sentido: é cada vez mais escolhido e abrange apenas realidades sociais fragmentárias. (...)”

1. CONTEXTO URBANO

1.1. A cidade de Viseu

A cidade de Viseu encontra-se situada no território de Portugal Continental, região Centro, sub-região Dão-Lafões, antiga província da Beira-Alta. Conta, actualmente, no que concerne apenas à delimitação da cidade, com cerca de 68.000 habitantes. Estabelecida no centro de uma extensa área com poucas linhas de relevo, Viseu possui uma altitude média de 450m (Figura 1) (Vaz,1997).

Cidade com um largo espólio histórico, desde a formação da metrópole a partir de acampamentos romanos, onde a figura de Viriato está constantemente presente, até à sua doação ao Infante D. Henrique, no século XV, Viseu apresenta-se, actualmente, uma cidade desenvolvida, onde são visíveis aglomerações de edifícios próprios das grandes cidades, edifícios tradicionais, identificadores de um passado majestoso e outros recentes de habitação em altura, caracterizadores da era contemporânea em que vivemos.

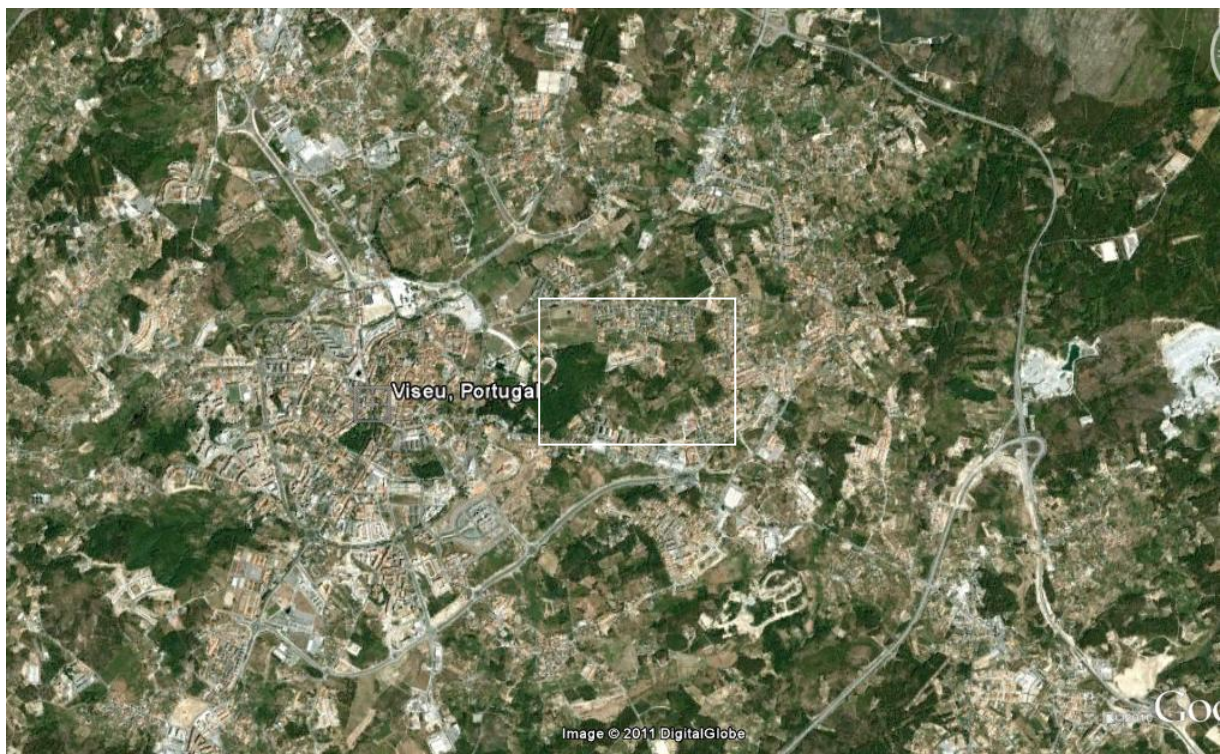


Figura 1 – Viseu.

Fonte: Google Earth

1.2. A cidade e o seu Contexto

A imagem da cidade contemporânea tem sofrido alterações constantes ao longo dos tempos, autores que sustentam os seus estudos nesta temática multiplicam-se em catadupa e criam, a par das modificações urbanas actuais, teorias e especulações que sustentam esta evolução. O novo conceito de cidade, tão monopolizador e personificado, define as bases para uma sociedade pouco habituada a viver em grupos, ou cada vez mais afastada desta realidade, sendo privilegiadas actividades individuais que isolam o homem da comunidade e do quotidiano. Este tipo de especulação, apoiada por Ascher (2010), cria um novo modelo de cidade e sociedade, a que o autor chamou de *Metapolis* e *sociedade hipertexto*, respectivamente. Estas novas definições são o ponto de partida e a assimilação da ruptura entre a sociedade contemporânea e os pontos que definem os padrões ainda existentes na sociedade actual. O que Ascher (2010) pretende demonstrar, na sua obra, *Novos Princípios do Urbanismo / Novos Compromissos Urbanos – um léxico*, é que a modernização da sociedade passa pela analogia com as tecnologias de transporte e armazenamento, cada vez mais capazes, formulando 10 princípios do urbanismo que julgou serem os mais adaptados às novas transformações urbanas e sociais.

Embora François Ascher se tenha proposto a compreender as novas sociedades e a sua importância na evolução do contexto urbano, Lynch (1990) procurou, através do estudo de 3 cidades, compreender a relação do ser humano com o meio urbano e de que forma e por que razão se ligavam ou não a determinado lugar. Lynch, em *A Imagem da Cidade*, determina 5 elementos delineadores que vinculam e definem a forma como o cidadão vê e depreende o local.

Neste contexto, e relacionando a área em causa com os pressupostos referidos, é visível que o enquadramento num perímetro que encerra duas zonas, uma urbana e outra rural, desenvolve um espaço ambivalente, capaz de absorver elementos das duas zonas e assim gerar ambientes capazes de dar resposta ao cidadão mais urbano ou mais rural (Fig.2).

1.3. Localização da Área de Intervenção

A proposta urbana realizada a Nascente do Parque do Fontelo, em Viseu. Caracterizado por ser um terreno sem identidade, apoiado em duas freguesias a Norte e Sul das quais é limite – respectivamente, Gumirães e Viso – acabou por, com o suceder do tempo, não acompanhar a evolução que na sua envolvente já se verificava (fig.2). Confrontado a Poente com o Fontelo, a Norte e Nascente possui um enquadramento marcado por habitações unifamiliares e a Sul, pela proximidade com a antiga estrada nacional de ligação a Mangualde, erguem-se habitações de carácter multifamiliar e zonas de comércio e armazéns industriais. Apesar da sua integração aparentemente frágil, com a envolvente a oferecer variadas abordagens, uma análise concisa da área de intervenção determinou que esta detém ainda múltiplos exemplos de tempos de outrora, como muros em pedra, uma nora, uma zona de eira e um antigo reservatório de água.



Fig.2 – Área de Intervenção

Fonte: Google Earth

2. ANÁLISE URBANA

2.1. Topografia do lugar

Viseu é abrangido pelo Rio Pavia a Norte, sendo possível, por isso, determinar uma zona nítida de fixação do Homem, concluída pela proximidade e importância dos cursos de água na antiguidade (fig. 6). Aliado à contiguidade com a rede hidrológica, sucede-se o cruzamento de várias vias romanas adjacentes àquele ponto hidrológico, como zona de passagem de elevado tráfego. O cume, onde hoje se encontra a Catedral da Sé, caracterizadora da zona histórica da cidade, constituiu-se, posteriormente, como outro ponto de fixação da população (Vaz,1997) (fig. 3, 4, 5).

Assim, é possível distinguir duas fases próximas de fixação castreja, criadoras dos primeiros vestígios de implantação geográfica no local. A primeira fase, junto à rede hidrológica do rio Pavia e a sua proximidade com o cruzamento de vias romanas de elevado interesse a nível territorial, e, uma segunda fase, que sucedeu a primeira, junto à Sé de Viseu, onde hoje se inserem as freguesias de São José, Santa Maria e Coração de Jesus, pela sua altitude em relação ao restante território, originando uma área de elevada carga defensiva. Importa ressaltar, neste ponto, a importância das vias de comunicação. Nada influencia mais a origem de uma cidade do que as vias de comunicação que nela se cruzam, mais do que os próprios recursos hídricos ou geológicos.

A área de intervenção, contraria a sucessão histórica de que o local da Sé seria o ponto mais alto, e por esse motivo, ter-se-á delineado como ponto de fixação. A zona mais alta do terreno em causa apresenta uma altitude média de mais de 520m e a mais baixa com cerca de 440m. (fig. 3, 4, 5) Também integrado na topografia do terreno, surgem as linhas de água. Esta característica, apesar de verificada na área em questão, não possui relevante importância devido à pequena dimensão que detém, estando encaminhada para o centro da freguesia de Gumirães. (fig. 6)

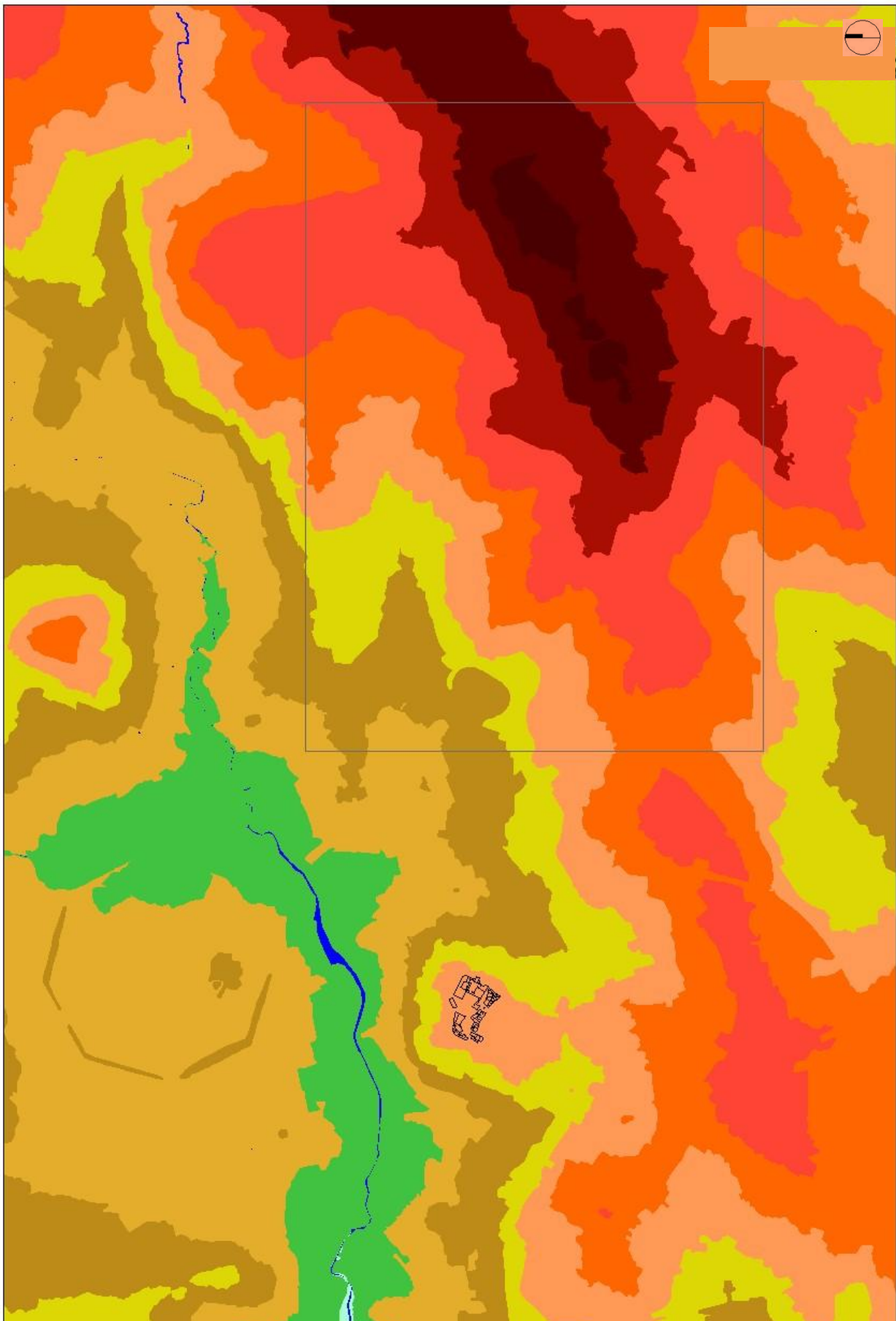


Fig.3 – Hipsometria

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio



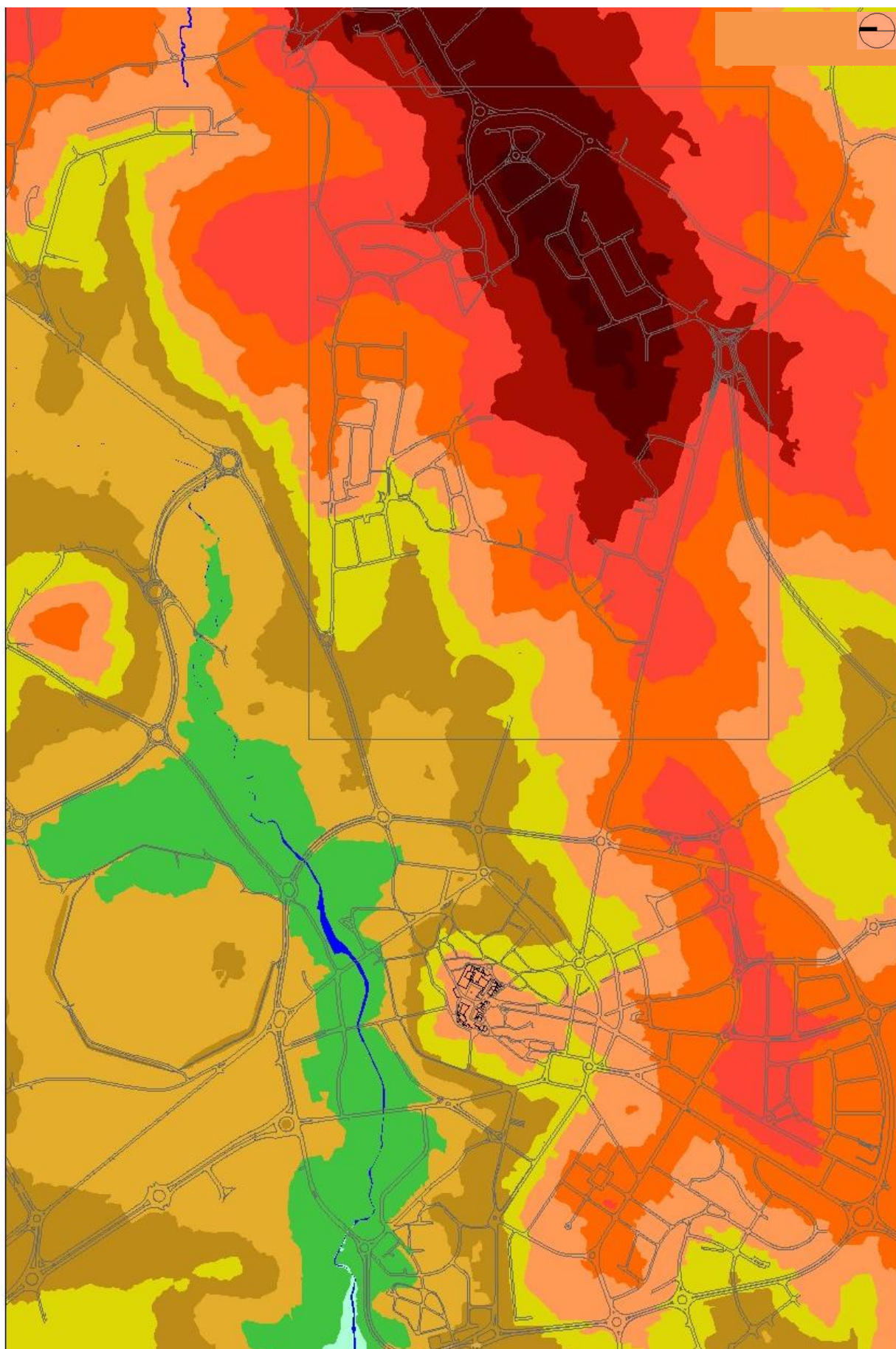


Fig.4 – Hipsometria e Malha Viária

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio



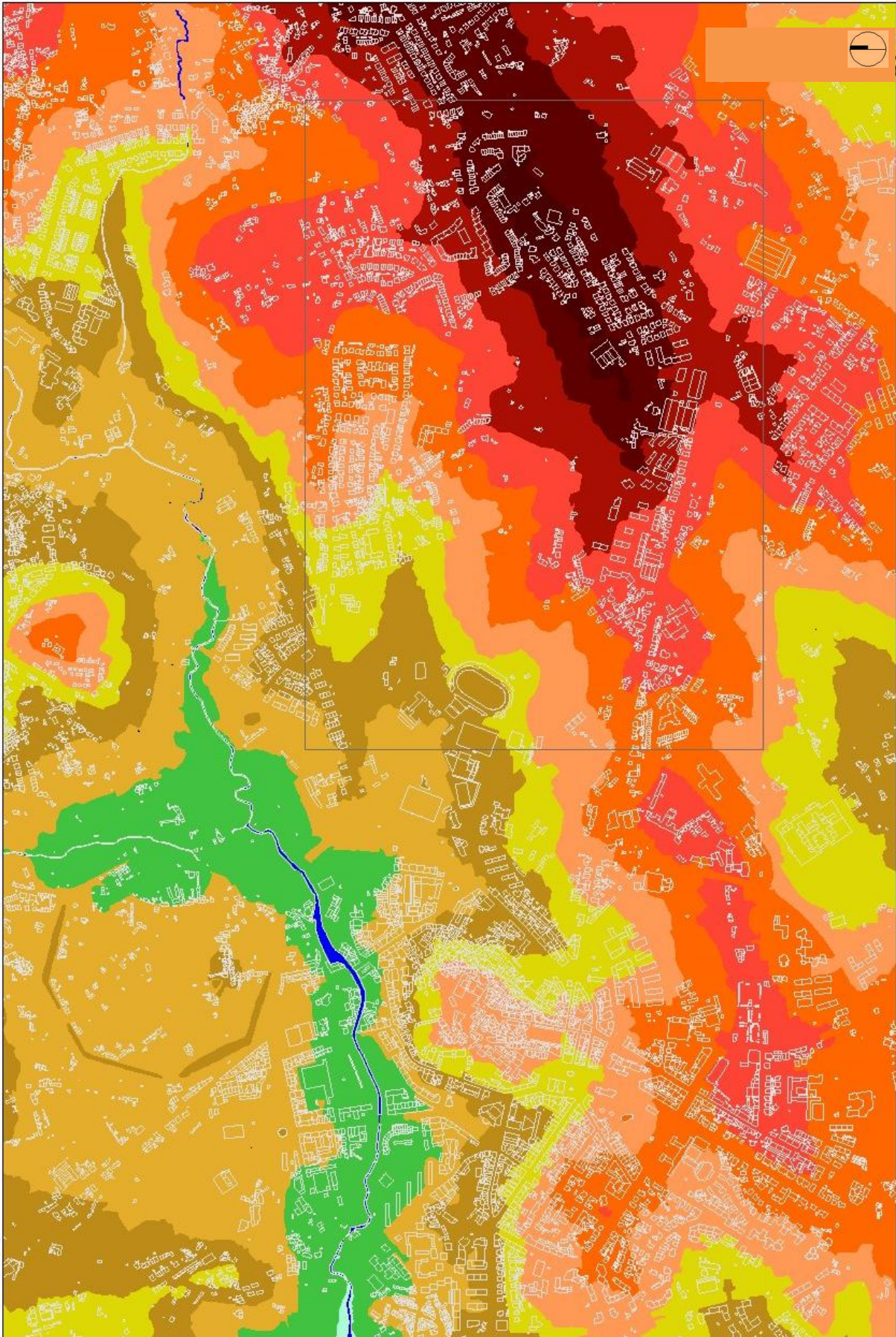


Fig.5 – Hipsometria e Malha Urbana

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio



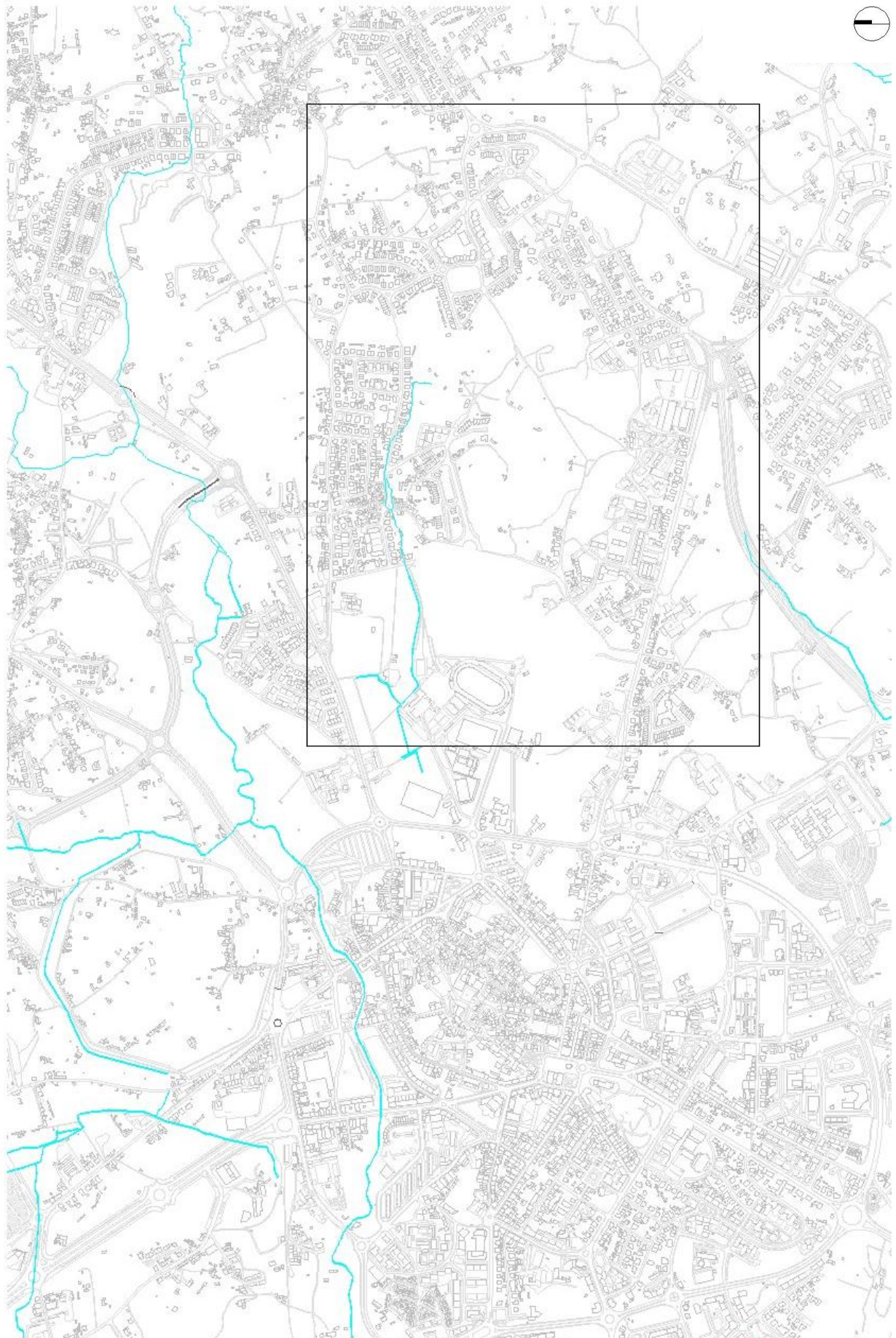


Fig. 6 – Linhas de Água

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio

— Linha de Água

2.2. Malha Viária

A expansão da cidade para zonas como o terreno em estudo é propícia e provável num período próximo, onde os múltiplos proprietários dos espaços contíguos são motivo suficiente para surgir como atraso ao desenvolvimento de intuítos externos. A difusão urbana para esta zona estava já prevista, com o atravessamento abrupto de vias de grande tráfego rodoviário no centro da grande área contida entre as freguesias de Gumirães e Viso, propostas pela Câmara Municipal de Viseu. O tapete de habitações unifamiliares a Norte e uma zona habitacional mais dispersa a Sul, seriam reanimados pela introdução destes eixos, integrados no Plano de Pormenor para a zona, que impunham conjuntamente a urbanização maciça do local. Embora se compreenda a intenção de propor espaço para construção, não é do mesmo modo que se explica a dimensão das vias propostas (figs. 8 e 10), semelhantes a perfis viários de circuitos urbanos periféricos e auto-estradas.

A área em causa tem ligações bastante fortes com o Parque do Fontelo, possuindo uma porção de terreno que goza de características semelhantes ao referido Parque, dada pela identificação de um maciço arbóreo de área relevante. Inserido ainda nesta área, encontram-se múltiplas espécies vegetais em extinção, implantadas contiguamente a um muro em pedra de proeminente extensão, o qual, em conjunto com as restantes desapareceriam com o novo traçado. Considera-se que esta área merece um conjunto de objectivos mais nobres e subjugados ao local, ao seu uso e à sua memória, podendo afirmar-se como pólo dinamizador através de uma utilização afastada dos moldes projectuais habitualmente aplicados no perímetro da cidade.

A importância das vias de comunicação rodoviárias tem um grande significado na cidade de Viseu, por estarem intimamente ligadas à expansão da cidade ainda na época romana. Muitas das vias que envolvem a cidade, nomeadamente as que se apresentam como vias de entrada/saída representam um melhoramento das antigas vias romanas (vias a amarelo – fig.7) (Girão, 1925). Desta análise, no que concerne a área de intervenção em estudo, reflecte-se uma hierarquia natural de vias de acesso, das quais apenas a via de acesso a Mangualde/Vilar Formoso integra o perímetro em estudo, constituindo-se assim como a via de maior dimensão (Figs. 8 e 9). Também integrados nesta análise encontram-se variados eixos viários de acesso local, maioritariamente estabelecidos através da área dos lotes das zonas habitacionais a nascente do parque do Fontelo.

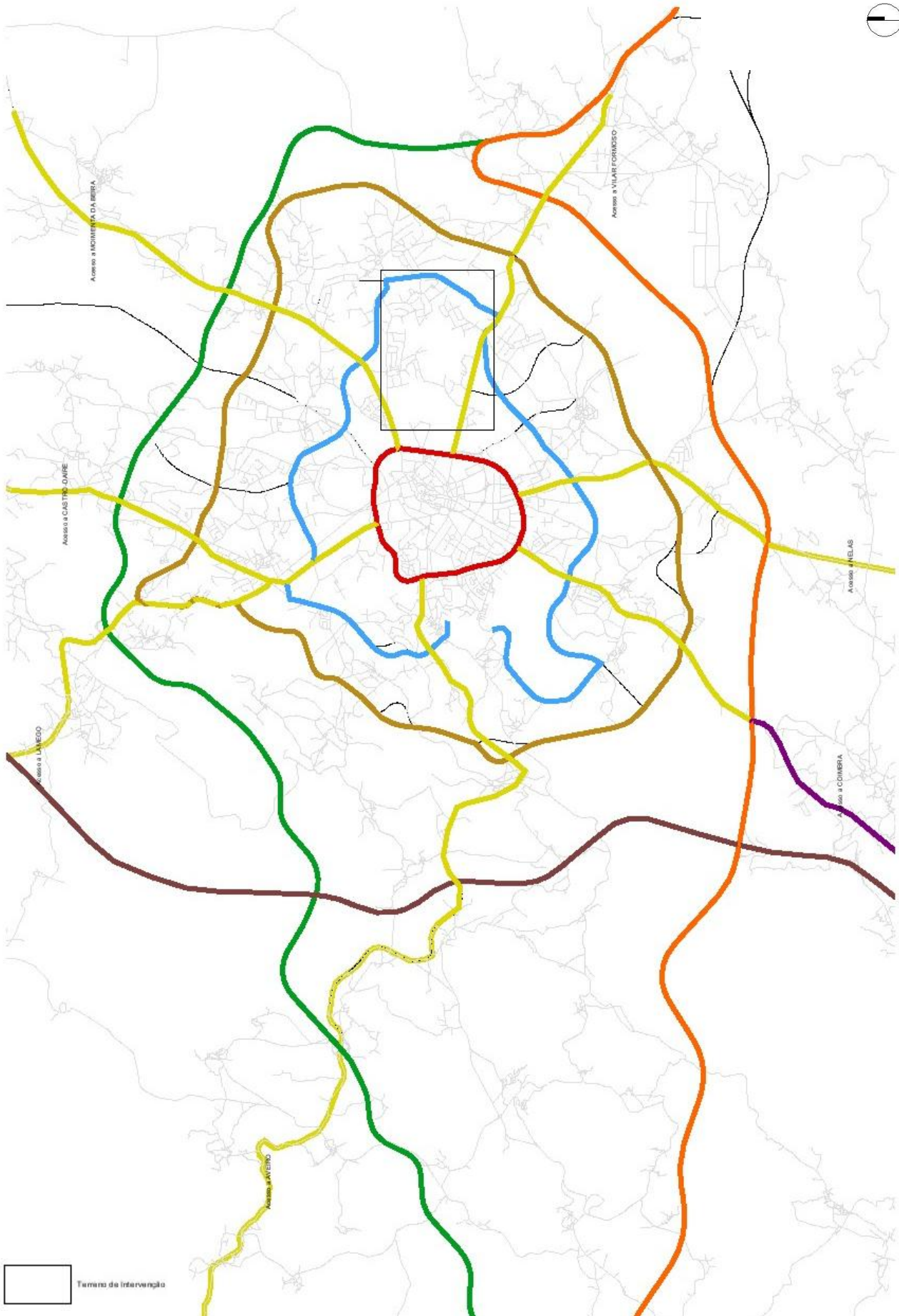


Fig. 7 – Malha Viária - Visu.

Escala: 1/60000 Fonte: Documento Próprio



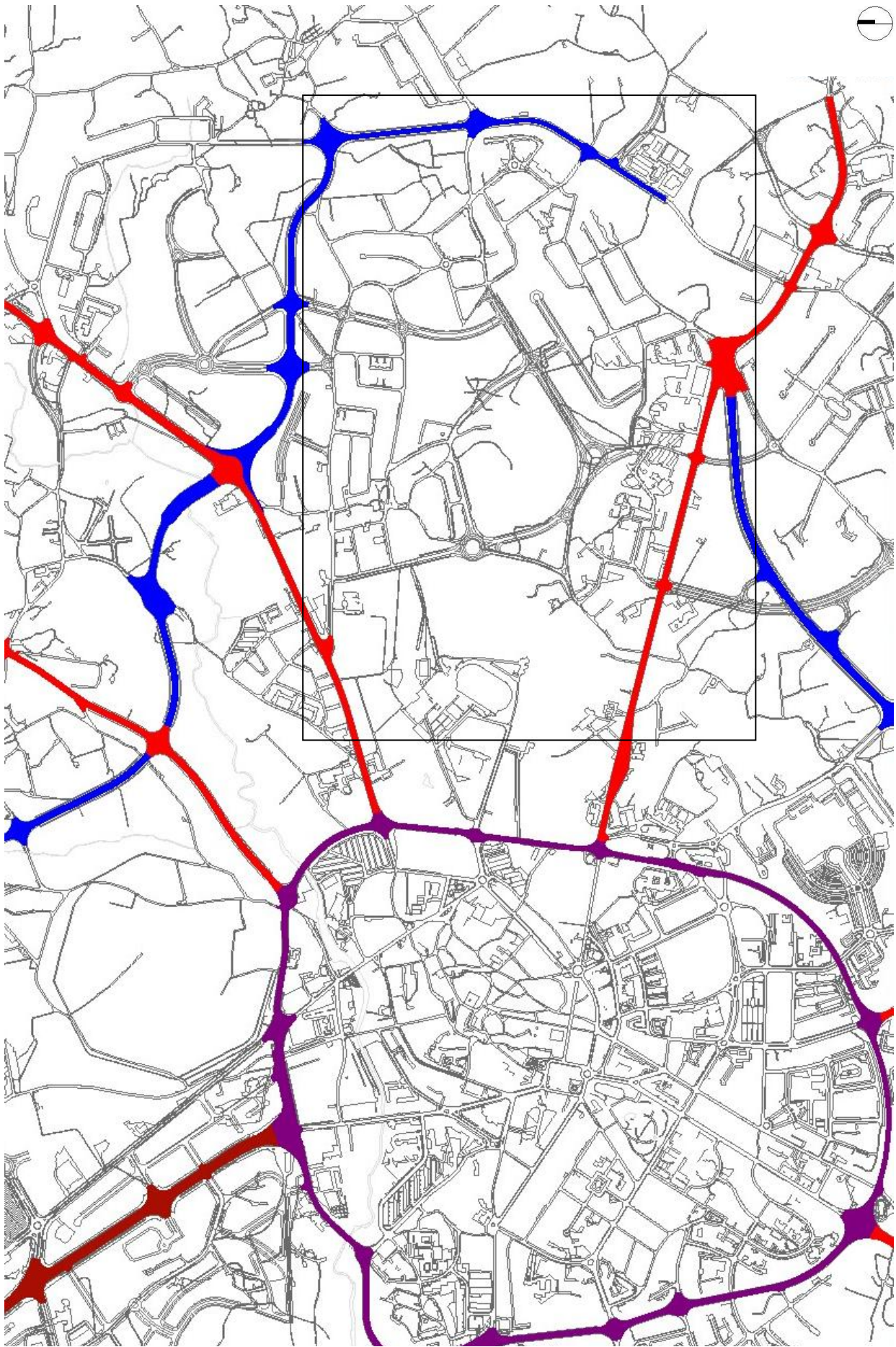


Fig. 8 – Malha Viária – Acesso Local.

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio



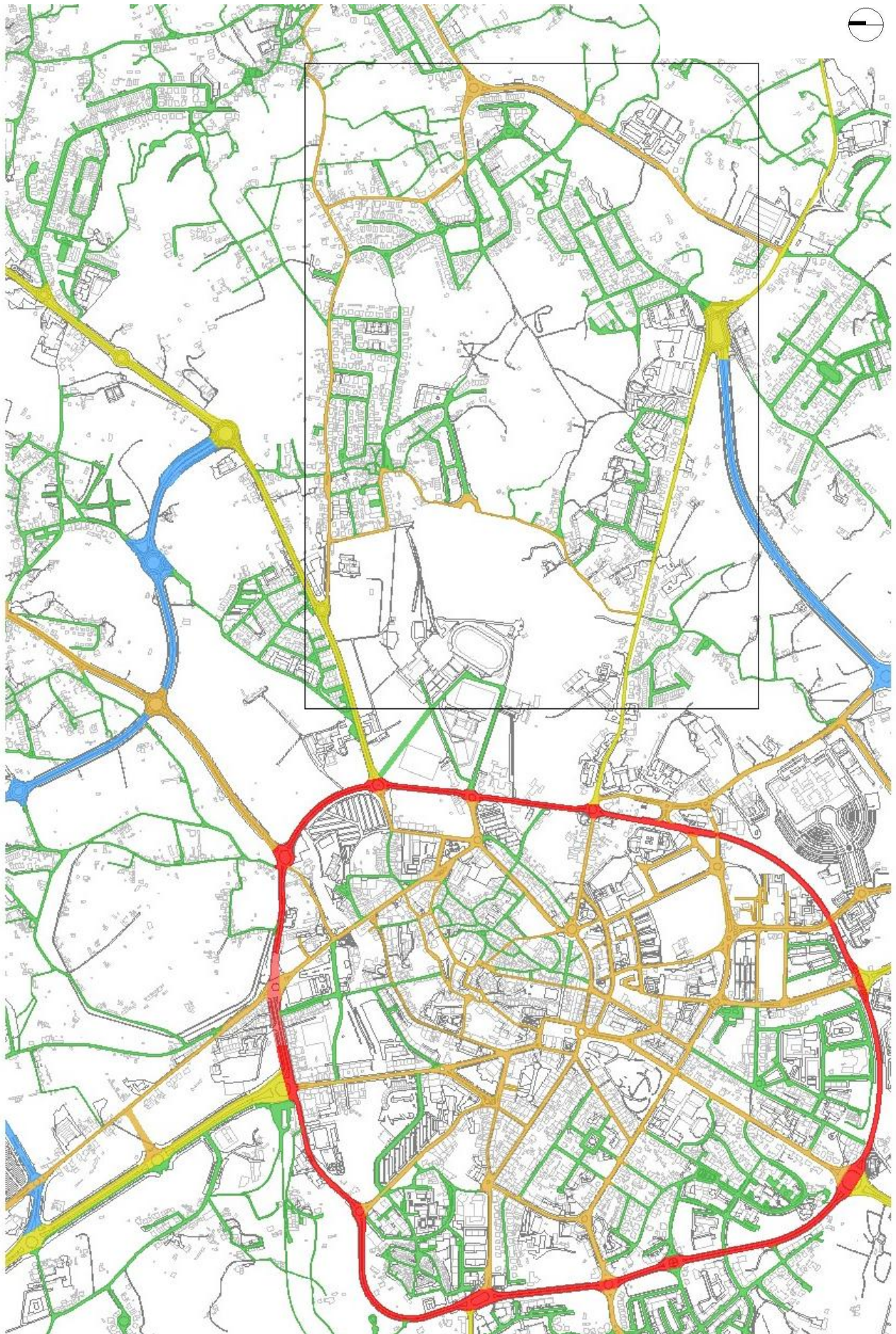
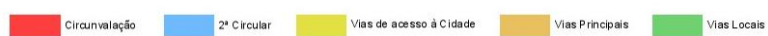


Fig. 9 – Malha Viária – Situação Existente

Escala: 1/15000 Fonte: Documento Próprio



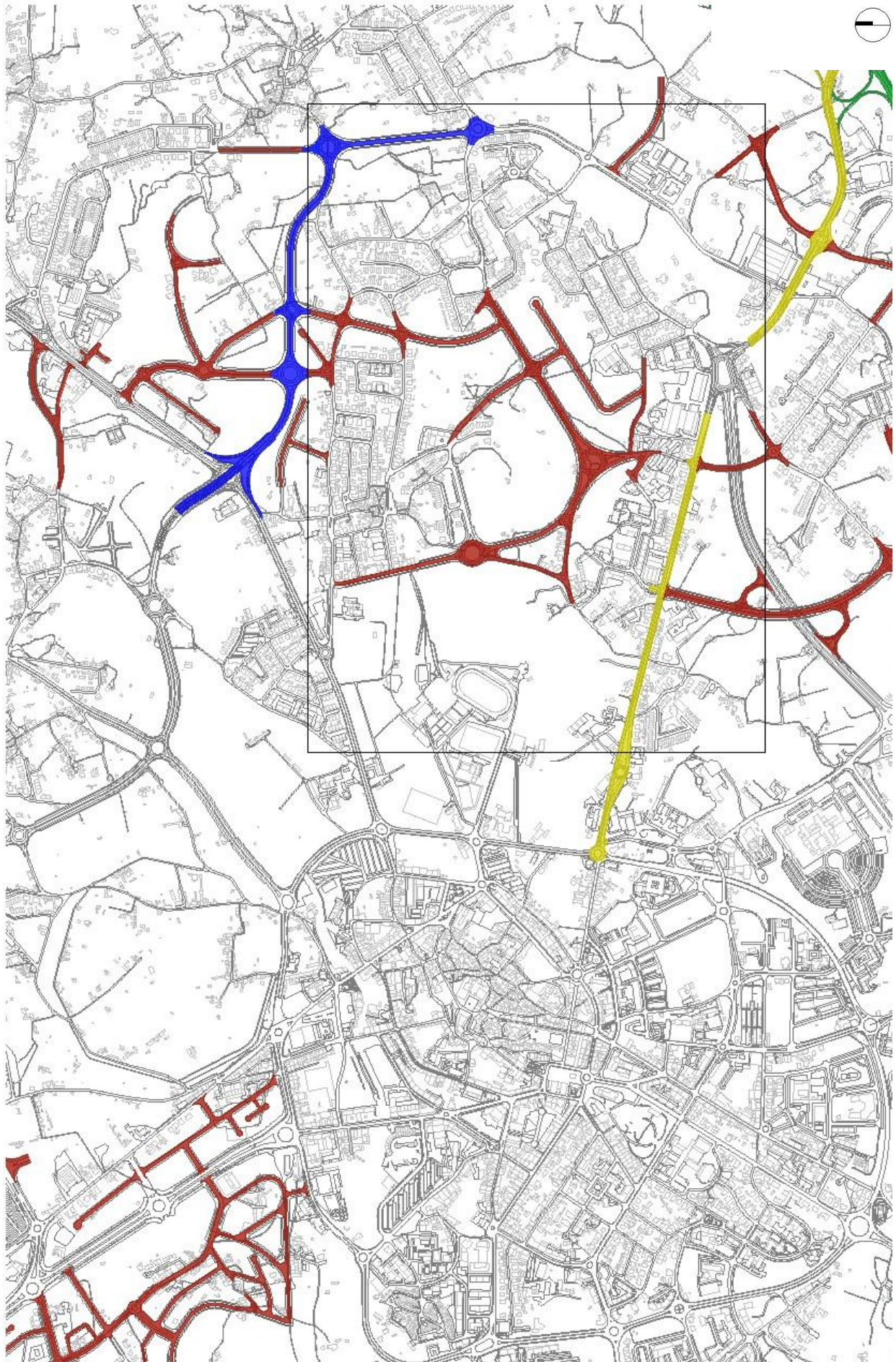


Fig. 10 – Malha Viária – Situação Proposta pela CMV

Escala: 1/15000 Fonte: Documento



2.3. Pontos Conflituosos

Durante a análise do terreno foram observados variados pontos de conflito. Estas zonas, integradas na malha urbana e na vivência dos moradores limita o acesso à área de intervenção, potenciando uma imagem de zona pouco acessível e pouco segura. Todos os limites observados dão-se ao nível da malha viária, culminando em situações de vias sem saída, rotundas inacabadas, estreitamento de vias e passagem de pavimento de estrada para uma área rural sem qualquer atravessamento viário correctamente definido. (fig.11)

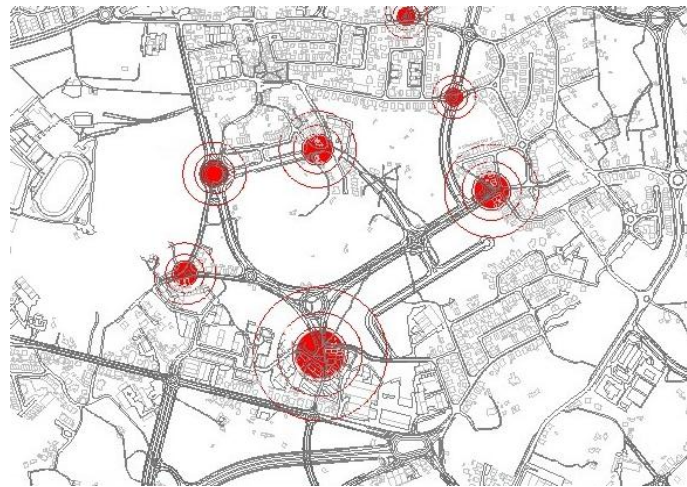


Fig. 11 – Zonas de Conflito.

Fonte: Documento Próprio

2.4. Restrições Urbanísticas - O PDM de Viséu

A partir da análise do PDM de Viséu, foi possível identificar, numa área total de cerca de 420 000 m² e um índice colocado nos 0.65, uma área de construção sobre a superfície total de cerca de 261 000m², onde destes são ocupados 41 103m² numa volumetria máxima de 4 pisos (com excepção de 5 pisos a Norte do Bairro da PSP), num número total de 122 habitações unifamiliares e multifamiliares.

Também pela análise da Portaria 216-B/2008 foi possível identificar uma área de espaço verde e de utilização colectiva total de cerca de 21 840m² e um total de 27 300m² para equipamentos de utilização colectiva. No que concerne a zona a intervir e, principalmente, as áreas que a rodeiam, são verificadas variadas distinções legais ao nível do PDM da cidade de Viséu da qual se destaca a zona do Fontelo, nomeada como Espaço Natural e inserida num

agrupamento de locais inscritos em Áreas de Expansão, também demarcados pelo mesmo PDM (fig.12). Em relação a disposições legais inerentes ao local de intervenção, não foram verificadas quaisquer condicionantes, apenas determinações legais que referem as normas a seguir a Norte do bairro de Santa Eugénia, acima mencionadas.

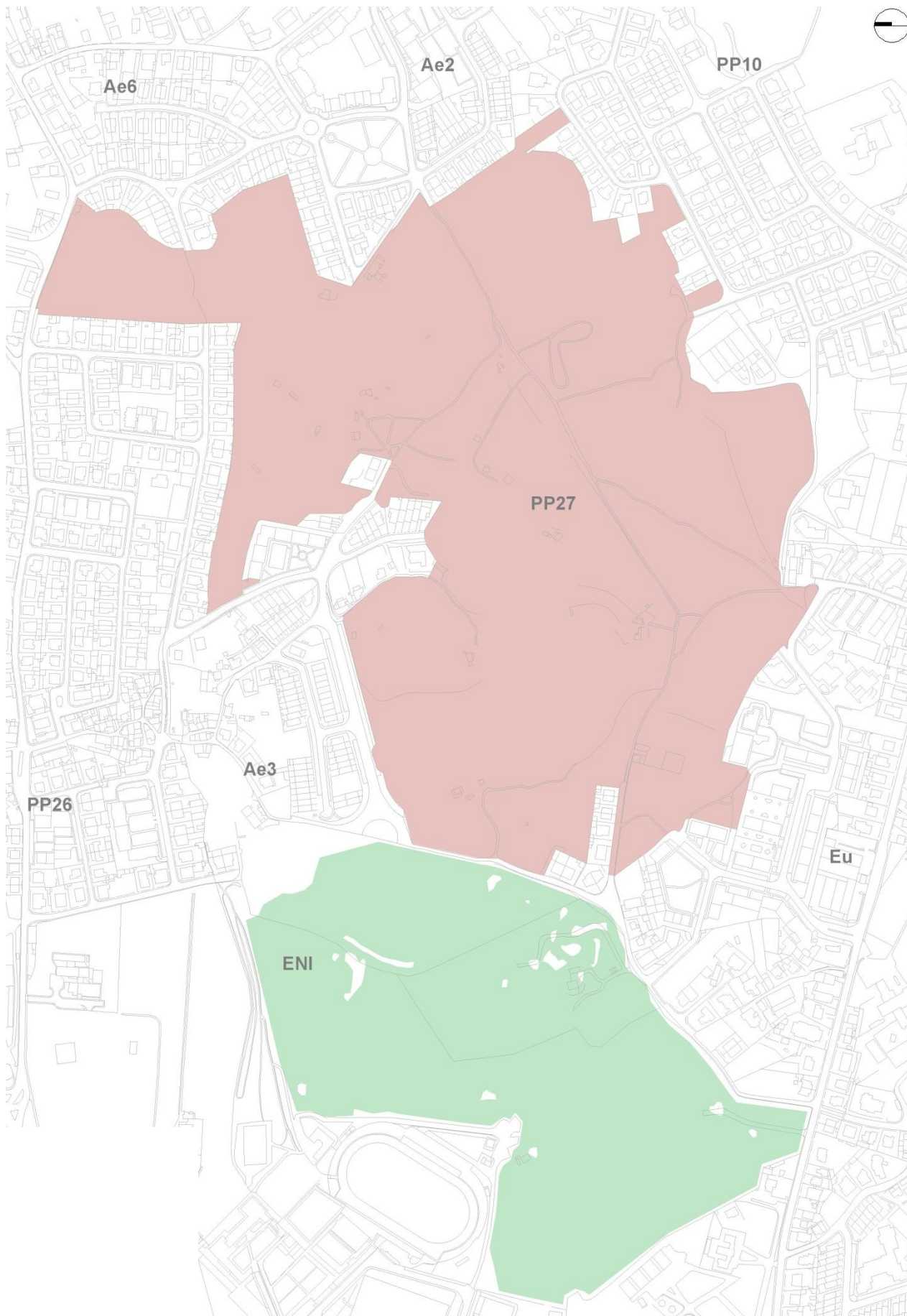


Fig. 12 – Planta de Condicionantes

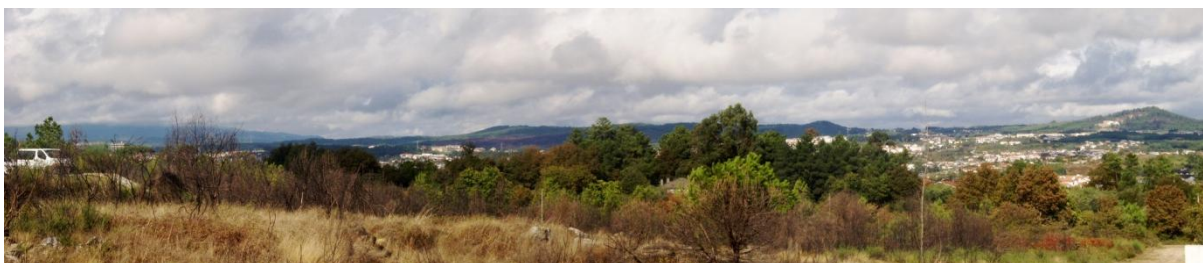
Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

EN – Espaço Natural Eu – Espaço urbano
 PP – Plano de Pormenor Ae – Área de Expansão

Área de Intervenção
 Parque do Fontelo

2.5. Ocupação do Solo

Pela sua integração no perímetro urbano, inserido ainda numa zona rural, é possível também verificar a existência de variados campos agrícolas, com actividade regular, diversos trilhos que conduzem a pontos diferenciados da envolvente, maciços arbóreos de importância relevante (fig.13 e 14) e várias espécies vegetais protegidas, como medronheiros, carvalhos e castanheiros.



Panorama Norte



Panorama Poente



Panorama Sul

Fig. 13 – Ocupação do Terreno - Panoramas

Fonte: Documento Próprio



Fig. 14 – Ocupação do Solo

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



2.6. Edificado Existente: Tipo de Edifícios e Número de Pisos

Na periferia da área de intervenção é possível definir vários tipos de edifícios, desde residências unifamiliares e multifamiliares, até edifícios de comércio e indústria. Integrados no grupo de edifícios residenciais é possível ainda caracterizar os edifícios quanto ao número de pisos, que se reflectem desde o rés-do-chão + 1 até ao rés-do-chão +6, onde não foram observados edifícios com número de pisos equivalente a rés-do-chão +5.

Existe uma maior concentração de edifícios com rés-do-chão +2, integrados numa mancha constante (fig.19) e uma concentração menor de edifícios com rés-do-chão + 4 (fig. 21) e rés-do-chão + 6 (fig. 22), concentrando-se estes apenas a Sul. Todos estes edifícios encontram-se integrados numa rede de bairros na envolvente do terreno, potenciando a zona como propícia ao desenvolvimento de áreas residenciais (fig.15).

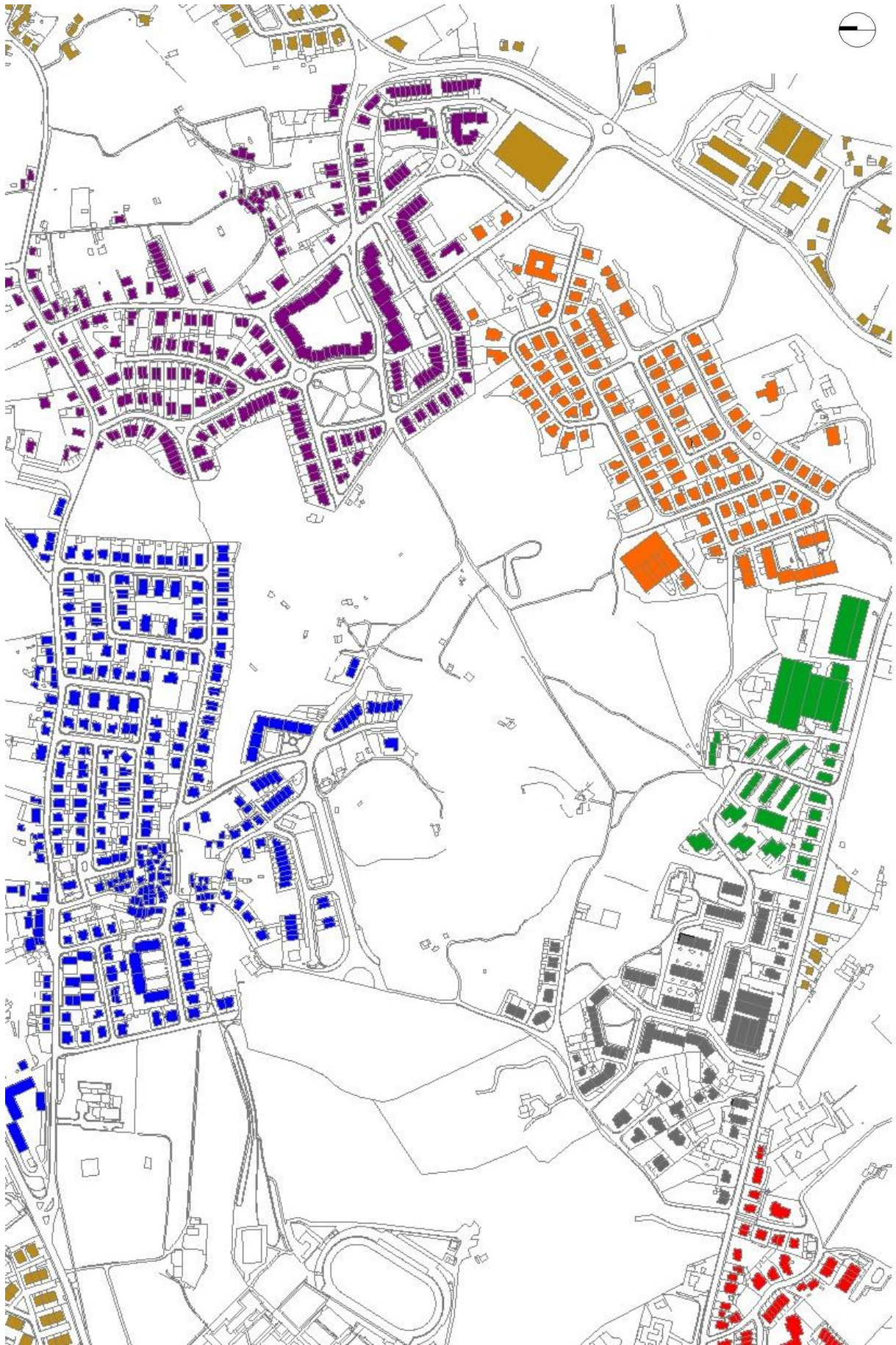


Fig. 15 – Periferia da Área de Intervenção

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

- | | | | |
|--|--|---|--|
| ■ Urbanização Alto do Pinhõ (Gumirães) | ■ Bairro da PSP (Viso) | ■ Viso Norte | ■ Outras zonas |
| ■ Urbanização do Fontelo | ■ Bairro Quinta das Lameiras | ■ Bairro de Stª Eugénia | |



Fig. 16 – Habitação Unifamiliar

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 17 – Habitação Multifamiliar

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

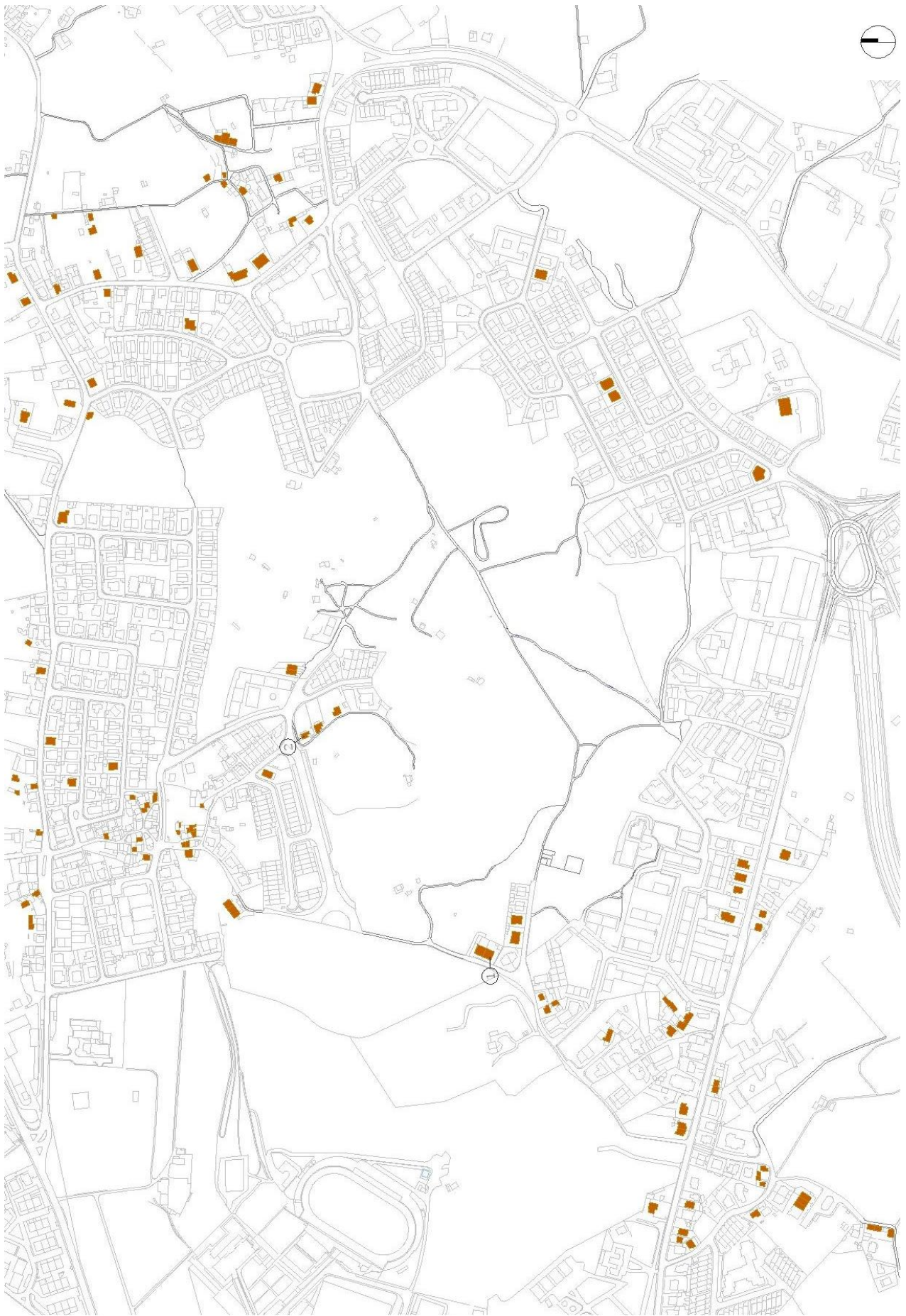


Fig. 18 – Rés-do-Chão + 1

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

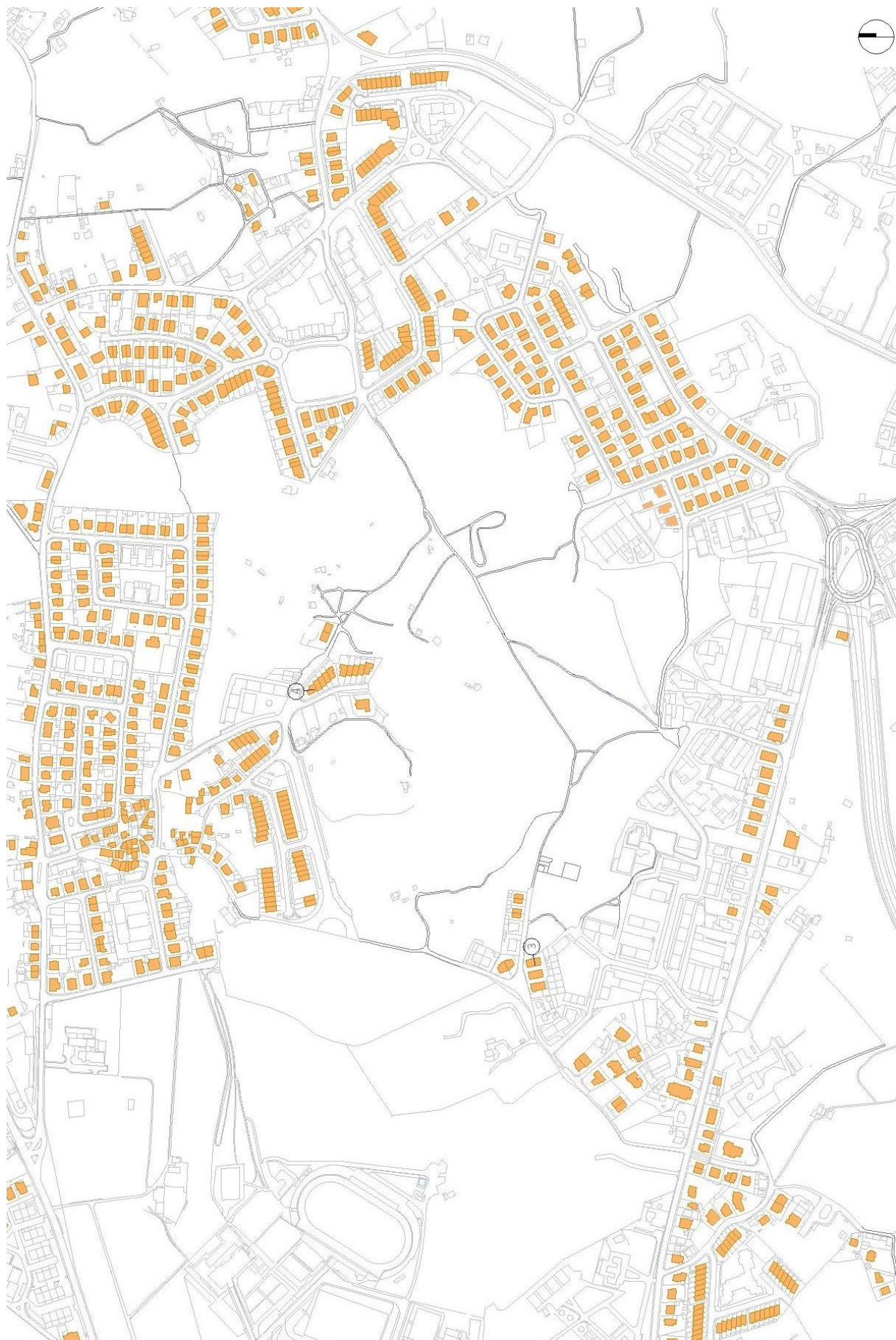


Fig. 19 – Rés-do-Chão + 2

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

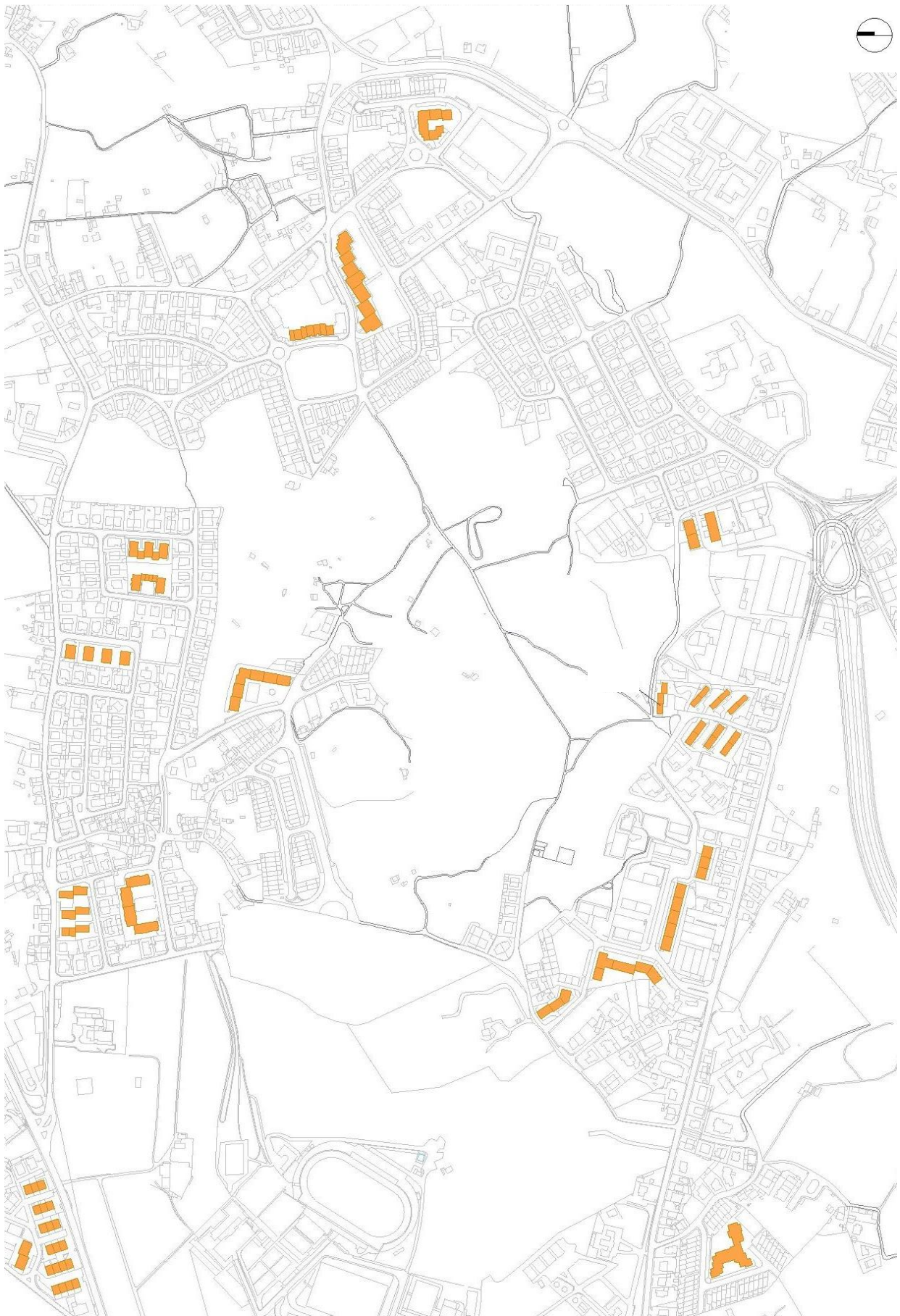


Fig. 20 – Rés-do-Chão + 3

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 21 – Rés do Chão + 4

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 22 – Rés-do-Chão + 6

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 23 - Comércio

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 24 – Indústria

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

2.7. Relação entre Cheios e Vazios

Nesta análise foram criados dois níveis de estudo no referente a cheios e vazios. Um primeiro nível onde se verifica a mancha dada pelos edifícios na periferia da área de intervenção (fig.25) e um segundo nível fornecido pela mancha criada pelos respectivos lotes (fig. 26). No primeiro ponto é notória uma mancha constante no contorno próximo do terreno, à exceção do vazio criado pela mata do Fontelo. Esta mancha, de elementos equidistantes, forma um conteúdo regular na periferia da área de intervenção. Este tipo de característica é delimitadora do tipo de edifícios que representam uma periferia residencial, bem como das vias de acesso que lhe dão expressão. É possível observar, que mesmo dentro de uma mancha coerente a Sul, onde se verificam edifícios multifamiliares, os mesmos se inserem num conjunto de vivência pouco urbana, detentores de uma forte densidade habitacional, mas de dimensão adequada à envolvente unifamiliar próxima, apenas alterado pela existência pontual de armazéns industriais (fig. 24).

No segundo nível presencia-se uma crescente acumulação a Norte que se vai dissipando até Sul, esta deve-se essencialmente à existência de lotes residências unifamiliares a Norte (fig. 16), evidenciando uma malha mais compartimentada em relação à zona sul, caracterizada por edifícios multifamiliares (fig. 17) que possuem uma área circundante ligeiramente mais ampla. Contudo o cenário é alterado neste nível de mancha referente ao lote. Onde no primeiro nível era possível observar uma mancha circundante regular, neste ponto é facilmente visível uma mancha mais forte a Norte, criando extensos conjuntos edifício/lote que apenas fazem denotar as vias que os atravessam, contrastando com os espaços verdes e vias de acesso que se desvendam na zona multifamiliar a Sul (fig. 26).



Fig. 25 – Planta de Cheios e Vazios – Edifícios

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 26 – Planta de Cheios e Vazios – Lotes

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

3. LIMITES VISUAIS NATURAIS E ARQUITECTÓNICOS

Aparentemente suave, o relevo do terreno no local de intervenção sofre variadas diferenças altimétricas, verificadas a Sul pela presença, ainda que longínqua da Sé e o Monte de Santa Lúzia como pontos de referência, e ao caminhar para Norte, o sucessivo desvanecimento dos mesmos, com a presença cada vez mais marcada das imponentes árvores do Fontelo e a inserção, quase imperceptível, numa zona fortemente habitada já na freguesia de Gumirães. Neste ponto do terreno, onde se atingem as cotas mais baixas (fig 3 - Hipsometria), insere-se o maciço arbóreo de forte presença. Este local, naturalmente intacto, cedo se afigura como símbolo de preservação, não só pela extensa área e imponentes espécies vegetais, mas também pelo seu enquadramento atractivo na área de intervenção, como se todas as atenções se voltassem para ele. É como centro de atenções que esta zona passa a ter importância definida no arranque da execução do projecto urbano.

Sendo o maciço arbóreo definido como centro, é possível identificar a Norte uma zona claramente unifamiliar, que se pretendeu unificar e clarificar, com a restituição de muitos bairros aparentemente inacabados, e a Sul onde existe a presença de edifícios com outro tipo de expressão, pretende-se continuar com a mesma leitura (fig. 27), a de uma zona claramente multifamiliar aliada a um espaço de grande movimento económico, dado pela presença de edifícios comerciais e armazéns e uma via rodoviária de forte apresentação e importância.

“A arquitectura começa por «dar um lugar», começa por construir um espaço como espaço propriamente humano, espaço reservado das relações sociais que põe à distância a natureza estranha, (...).” (Freitag, 2004, p. 17)

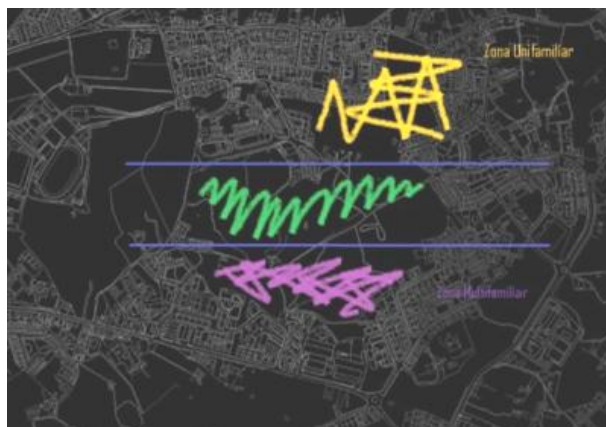
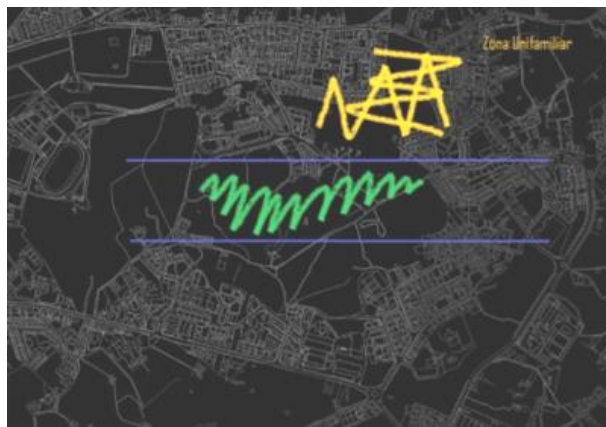
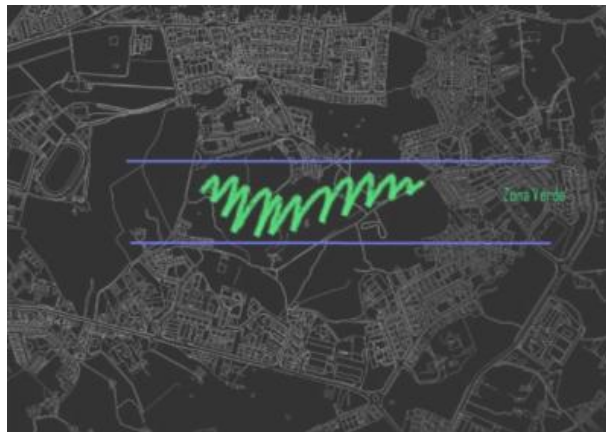
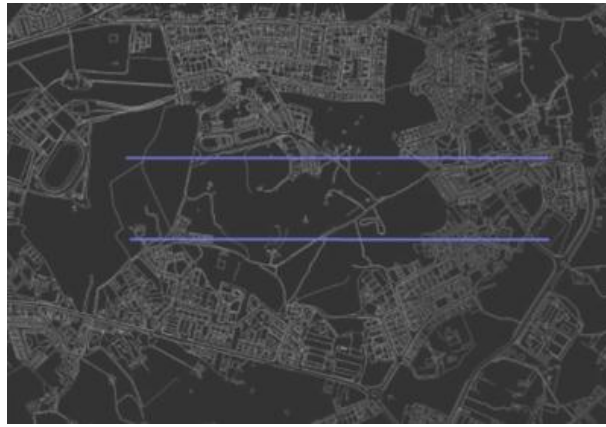


Fig. 27- Mapa Mental do Terreno

Fonte: Documento Próprio

Aliado à intenção de preservação do maciço arbóreo, surge também o objectivo de preservar os caminhos existentes, porque delimitavam passagens intrínsecas à história do local, ou seja, permitiam a verificação terrena dos trilhos usados pelo homem, o que levava, por conseguinte, à criação de passagens com uma probabilidade maior de serem atravessadas pelo cidadão e futuro habitante do local. Nesta lógica, e aliado à zona verde através da preservação dos trilhos existentes, surge a ideia de aumentar o número de trilhos e a sua extensão de modo a que abrangessem toda a área ocupada pelo maciço, delimitada pelo trilho principal. O trilho principal aqui referido, define um atravessamento longitudinal ao longo de toda a área de intervenção, aliado à existência de muros em pedra que lembram ocupações passadas. Devido ao atravessamento que define, e tal como a importância do espaço verde, também esta via passa a ser criteriosa na evolução do projecto. Através da preservação dos muros, pretende-se, para a zona que definia a antiga passagem, um atravessamento automóvel de acesso a variados pontos da área de intervenção. Este muro define ainda o limite físico entre a zona verde e a zona multifamiliar a Sul, oferecendo assim uma demarcação concisa de toda a área ocupada por árvores de elevado porte e espécies protegidas (fig. 28). É através da tentativa de reabilitação dos antigos trilhos e de um análogo esforço para a ampliação dos mesmos que surge a ideia do uso da folha como elemento delineador e hierarquizante. Esta nova via proposta em substituição do já definido traçado pretende dotar o espaço de dois atravessamentos principais, que definem, consequentemente os restantes eixos de menor âmbito, sendo os principais de ligação a vias de grande tráfego e os secundários de distribuição e acesso local (fig. 29). Este novo traçado pretende dar resposta aos pontos de conflito existentes no terreno, que se repercutem em zonas de transição entre trilhos pedestres e vias de trânsito, bem como, a falta de uniformização entre faixas.



Fig. 28– Perfil Parque/Via Principal

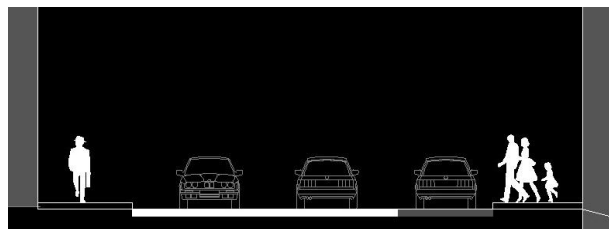


Fig. 29 - Arruamento-tipo

Fonte: Documento Próprio

4. O PARQUE URBANO

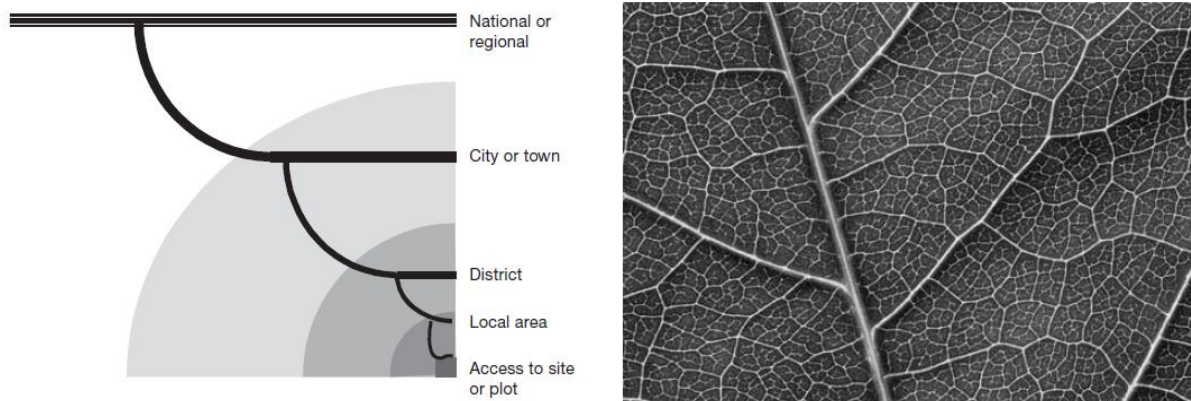


Fig. 30 – Estratificação Viária

Fonte: (Marshall, 2005, p. 66)

A folha, a partir da sua rebuscada constituição, caracterizada por ramificações sucessivas, define de forma simples e rigorosa, a sucessão natural das vias que caracterizam a actuação rodoviária do cidadão, enquanto ser activo na sociedade. Esta sucessão abrange todos os âmbitos de aplicação, onde, no topo – constituído pela ramificação principal que divide a folha, o limbo – surge a via de maior expressão, e gradualmente as vias que se multiplicam até ao último patamar, o de acesso local (fig. 30). Enquanto que na formulação do novo parque anexo ao Fontelo este conceito do uso do elemento vegetal teve uma aplicação formal, já na execução da área destinada à implantação de habitações multifamiliares possuiu uma utilidade funcional, comparável à analogia com as vias e a sua hierarquia.

Atentando na figura 32, o novo Parque, inserido na área de intervenção, surge assim, como ponto unificador das duas zonas, onde se pretende que seja também palco de actividades lúdicas e culturais, com a inserção a Sul do parque, de um campo de jogos anexo a uma extensa área verde de ocupação variável, e a Norte através da inserção de uma zona multiusos, determinada para a projecção de filmes ou peças de teatro. No centro, onde se dá a confluência de muitos dos trilhos projectados e devido à maior proximidade com o maciço arbóreo define-se uma zona de encontros e maior proximidade com a natureza, podendo ser usada como espaço para piqueniques ou outro tipo de ocupações. Em toda a área do parque, inserem-se também pontuais colinas artificiais com o objectivo de abrigarem o espaço da exposição espontânea que possui com a envolvente. Estas colinas, com pouco mais que 3

metros de altura seriam envolvidas com vegetação tipo prado, um pouco à semelhança de todo o parque, à excepção das zonas definidas para os trilhos, não existindo assim nenhum limite entre o utente do parque e a natureza. O pavimento betuminoso que se pretende para aplicação nos trilhos, deveu-se à multiplicidade de ocupações que estas pequenas vias podiam suportar, não só, com maior expressão a nível pedonal, mas também como ciclovia. Os equipamentos propostos passam pela reabilitação das habitações existentes, e nas zonas mais dispersas, integração de novas construções, de modo a dar resposta às necessidades do utente do parque. A disposição destes equipamentos seguem os trilhos de forma casual evitando criar zonas rígidas que pudessem pôr em causa o carácter natural do parque. Todas as opções tomadas para a definição da área do parque possuíram uma grande relação com um projecto de arquitectura paisagista, o *Mill Race Park* do arquitecto Michael van Valkenburgh, nos Estados Unidos da América (fig. 31).

Apesar da existência de uma grande extensão de elementos vegetais, é notório, um pouco por toda a área de intervenção, a existência deste tipo de elementos, ainda que com menor número. Pretendeu-se, sempre que possível, que estas zonas fossem mantidas ou preservadas, de modo a criar locais de natural conotação vegetal, aliadas a zonas fortemente construídas, funcionando como locais de descompressão pontuais. De todas as zonas e árvores protegidas, identifica-se um número residual de exclusões, de onde se assinalam algumas árvores junto ao muro e respectivo trilho, bem como de um conjunto arbóreo, o qual não era constituído por árvores protegidas, inserido a Nascente do parque.



Fig. 31 – Michael Van Valkenburgh Associates – *Mill Race Park*

Fonte: <http://www.mvvainc.com/project.php?id=6>

“Arquitectura e Urbanismo, ao influenciarem decisivamente a qualidade de vida das pessoas, são factores directamente responsáveis pelo reforço da saúde mental das populações ou, pelo contrário, desencadeantes de fragilidades psíquicas diversas. Logo não é possível pensar a paisagem urbana sem introduzir a necessária modulação humana, (...).” (Strecht, 2011, p. 25)



Fig. 32 – Planta da Solução Urbana

Escala: 1/5000 Fonte: Documento Próprio

Em termo de conclusão é possível identificar, na área de intervenção um atravessamento rodoviário principal inserido longitudinalmente, que permite a ligação Poente - Nascente, onde analogamente surge uma via que possui o seu arranque na zona unifamiliar associando as zonas Norte e Sul. A partir do eixo longitudinal principal define-se a zona de parque, caracterizada por um forte maciço arbóreo e sucessivos trilhos definidos para ciclovia e atravessamentos pedonais, onde se inserem variados espaços lúdicos e culturais. A Norte deste ponto desenvolve-se a zona multifamiliar, definida pelo arranque, a partir da via principal de um segundo alinhamento paralelo à mesma, de modo a definir uma via de distribuição local, que assegura gradualmente, o acesso local e pontual ao conjunto de edifícios de 4 e 5 pisos. Esta nova malha ortogonal a Sul, define não só a ligação ao eixo principal como também às restantes vias periféricas que suportam o tráfego na cidade. O novo conjunto edificado, caracterizado por habitações multifamiliares define-se a partir de um pátio central, no qual se desenvolve – à semelhança do parque – um atravessamento pedonal transversal, que liga todos os conjuntos de edifícios em direcção ao parque. Em suma, passa a existir um conjunto de ligações viárias de marcada importância, não só porque ligam zonas antes afastadas por uma grande área desqualificada, mas também porque definem, nos seus enredos, diferentes tipos de ocupações, prevendo novas vivências e locais de dinamismo.

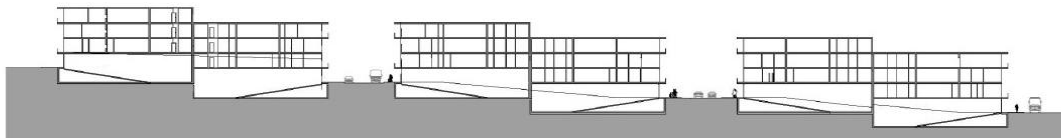


Fig. 33 – Corte Transversal da Solução Urbana

Escala: 1/2000 Fonte: Documento Próprio

“Um outro aspecto que importa ter em conta é a forma de disponibilizar, ao nível urbano, localizações e articulações funcionais que favoreçam a localização de residências assistidas e de outros equipamentos de apoio a idosos, proporcionando-lhes as melhores condições de integração urbana e aproveitando ao máximo o seu positivo protagonismo no meio urbano, (...).” (Coelho, 2007, p. 198)

P A R T E 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“ (...). E notou como era agradável ter com quem falar, em vez de falar só consigo e com o mar. (...) ”

Ernest Hemingway (1956), O Velho e o Mar. Lisboa: edição Livros do Brasil

5. GUIA DAS CIDADES AMIGAS DOS IDOSOS – um ponto de partida

Ao colocar o cidadão idoso no centro das atenções vivenciais, este projecto de análise urbana, permite definir um conjunto de aspectos que se pautam por uma boa adaptação ao modo de vida das pessoas mais envelhecidas por parte de algumas cidades. Subdividido em vários pontos de estudo que levam a um modo global e integrado de viver a cidade, este guia remete-nos, numa primeira fase, para a importância do envelhecimento activo, muito debatido presentemente, que nos alerta para o facto do cidadão se manter em actividade mesmo findo o seu período laboral com a conseqüente entrada na reforma, sendo premente levar o homem a tornar-se útil para valorização pessoal e por conseguinte, devido a questões de inclusão social na sua comunidade.

O ritmo de vida do idoso tende naturalmente a diminuir com o suceder do tempo, mas o guia acautela para o facto deste ritmo dever ser contrariado, igualando, sempre que possível o ritmo dos cidadãos mais jovens de modo a que a sua actividade social não cesse aquando da entrada na reforma, mas sim reavive com esta nova etapa. Assim são assinalados variados parâmetros que facilitam ao cidadão idoso o seu envolvimento em actividades sociais, como a criação de equipamentos públicos que promovam a independência e que de alguma forma contrariem a incapacidade e o receio terminantemente originados nesta fase da vida. Outros tipos de situações que devem ser tidas em conta passam pelos transportes públicos e habitação assistida (sem excluir os espaços exteriores), que de forma integrada com as oportunidades que o espaço público na sua totalidade oferece, devem promover a participação social e formar um espaço integrado de vivência em comunidade, fazendo com que o espaço seja igualmente confortável no interior e exterior da habitação. Este tipo de cidade defendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) deve ainda possuir equipamentos dedicados à saúde, como centros de fisioterapia, centros de saúde, bem como equipamentos desportivos que podem ser valiosos exemplos de desenvolvimento social e promoção da inclusão entre as diferentes faixas etárias.

Contudo, pensar numa integração global de todos os diferentes equipamentos públicos, obriga pensar na qualidade do espaço público. As vias de acesso devem ser dotadas de espaçosos passeios e pontos de passagem perpendiculares à faixa que não exponham uma sensação de insegurança e medo, de modo a promover a actividade social do cidadão. As zonas pedonais, como os passeios, quando integrados em parques urbanos devem delimitar zonas de diferentes actividades desportivas e de lazer ou até mesmo zonas de passagem de bicicletas, de modo a reservar ao utente do parque uma zona aparentemente mais segura,

reservando-lhe a escolha dos locais que mais o acomodam. Qualquer zona de passagem pedonal deve ser dotada ainda de mobiliário urbano que possibilite o descanso do transeunte, porque o idoso tende a sentir-se cansado com maior facilidade, tal como procura também optar por espaços públicos que lhe permitam o seu estudo atento, de modo a ter um maior controlo do que o circunda. (OMS, 2009)

No que concerne a habitação assistida, esta deve incluir em equipamentos públicos e privados, de modo a favorecer a qualidade de vida do idoso, os seguintes parâmetros: elevadores, escadas rolantes, rampas, superfícies planas, escadas adequadas com corrimãos, pavimentos antiderrapantes, portas e passagens largas, zonas de descanso, sinalização, instalações sanitárias acessíveis e espaços para armazenamento variado. Estas sugestões do *Guia das Cidades Amigas dos Idosos* visam no seu conjunto, a criação de espaços seguros para o exercício diário da pessoa idosa, permitindo-lhe o acesso a um conjunto de locais onde se possa sentir apto a circular e relacionar. (OMS, 2009)

Em termo de conclusão o guia surge como ponto de partida para formulação de espaços urbanos com qualidade, fixando-se em exemplos de cidades que pelos seus equipamentos devem ser seguidas e tomadas como pontos de partida para uma integração favorável de todas as vantagens que possuem. Assim e de forma a complementar as sugestões oferecidas por este estudo, desenvolveu-se uma lista de serviços públicos que se afiguram como elementos importantes para a inclusão social do cidadão, tais como:

- lojas e mercados;
- centros de atendimento (loja do cidadão);
- centros comunitários/recreativos;
- bibliotecas;
- ginásio;
- centros desportivos.

6. O ENVELHECIMENTO

6.1. Quem é idoso?

“(...). A ideia do eterno retorno parte da suposição de que a vida é reversível como uma ampulheta.” (Ábalos, 2001, p. 25)



Fig. 34 – Idoso

Fonte:<http://abraco.comunitario.blogspot.com/2011/04/depressa-o-nos-idosos.html>

Segundo Porter (1995), o idoso é todo o cidadão com mais de 65 anos que começa a necessitar de assistência específica, tanto ao nível da saúde como a nível social.

A estipulação dos 65 anos de idade como ponto de referência para esta definição partiu de Otto von Bismarck, na Alemanha, essencialmente devido às regalias dadas pela segurança social a partir desta etapa da vida (Spar e La Rue, 1997). Este tipo de referenciação não pode ser fixada como aplicável a todos os seres humanos. Cada pessoa envelhece em momentos diferentes assumindo também a velhice de formas ambivalentes. A tendência é de que o patamar de idade aumente gradualmente, repercutindo-se nas estatísticas mundiais sobre o aumento do número de idosos em função do reduzido número de jovens.

Esta fase da vida está, na maioria das vezes, associada à solidão, ao desprezo e à falta de condições vivenciais variadas, potenciadas pela sucessiva perda de faculdades físicas e mentais, que se reflectem muitas vezes na perda da liderança familiar e na sucessiva inversão dos papéis naturais.

Sucedem-se em catadupa os casos de idosos encontrados sem vida nas suas residências, em condições extremas de permanência, sem que ninguém desse pelo seu desaparecimento. O isolamento social é uma realidade crescente, não só por falta de políticas de apoio, mas também devido à própria vivência do idoso, frequentemente reservada. Faltando na maioria dos casos o suporte da família, ou noutras circunstâncias, quando ela não existe, a panóplia actual de opções de apoio – essencialmente social - não deixa margem para muitas escolhas. O uso da habitação atinge assim o seu máximo neste período da vida. As pessoas saem menos das suas casas, intensificando assim a sua vivência e o sentido de pertença.

“(...). Nuestro domicilio passa a integrarse en nuestra propia identidad; pasa a ser parte de nuestro cuerpo y de nuestro ser.” (Pallasmaa, 2006, p. 72)¹

As possíveis comunicações com a envolvente social e urbana propiciam-se na maioria das vezes como resultado de um bom planeamento urbanístico, delineador de espaços geradores de convívio e gozo social (Gehl, 2006).

Ainda assim, a velhice não deve ser vista apenas como sinónimo de dependência, carência ou desinserção social, mas também como uma vivência vasta e sábia de conhecimento, habitualmente referenciada pela erudição que incute a outras gerações.

6.2. 2012 - Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações

Segundo a OMS (2009) o envelhecimento activo caracteriza-se por ser “um processo de optimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objectivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

No entanto, uma das principais fragilidades sociais aliadas à velhice é a solidão. O envelhecimento activo pressupõe que o idoso prolongue a sua vida activa, contrariando assim esta debilidade. Os mais jovens, enquanto seres humanos activos, passam a ter um papel preponderante nesta problemática, promovendo uma relação recíproca, vantajosa a ambas as partes. Enquanto os jovens aproveitam a sabedoria dos mais velhos, estes, por sua vez, sentem-se úteis e podem também aprender com os mais novos. A discrepância entre valores sociais diminui, repercutindo-se também numa valorização da auto-estima do idoso, através da aceitação, não só do próprio processo de envelhecimento, mas também da ajuda de terceiros.

Assim, este ano de 2012 principiou-se a reforçar estes dois temas, de forma a criar um conjunto de sinergias aliadas à problemática do envelhecimento que tem vindo a aumentar no continente europeu. A urgência na aplicação de políticas favoráveis à proliferação deste ano temático, devem não só reflectir-se nos sistemas de apoio social, mas também na promoção da independência, dignidade, participação, cuidados de saúde, e auto realização (Daré, 2010).

“(…), os mais idosos encetam conversações honestas, mas cheias de jovialidade e alegria. Longe de falar exclusivamente, eles gostam de escutar os jovens; provocam mesmo os seus repentes, a fim de apreciar-lhes a natureza do carácter e do espírito.”
(More, 1995, p. 32)

¹ A nossa morada passa a integrar a nossa própria identidade; torna-se parte do nosso corpo e do nosso ser. (tradução livre)

6.3. “Este País não é para Velhos”

Sem qualquer referência ao conteúdo do filme com o mesmo nome, realizado por Ethan e Joel Coen em 2007, este título afirma-se como uma ironia à situação demográfica nacional, nomeadamente no que concerne a população idosa e o conjunto de políticas sociais que lhe servem de apoio.

“O envelhecimento demográfico é o fenómeno mais relevante do século XXI nas sociedades desenvolvidas devido às suas implicações na esfera socio-económica, para além das modificações que se reflectem a nível individual e em novos estilos de vida.”
(Carrilho e Gonçalves, 2004, p. 177)

A população mundial está a envelhecer. O problema é global e premente, reforçado não só pelas previsões europeias do aumento exponencial do número de idosos, mas também por esse avanço se verificar com elevada incidência em Portugal. Somos um dos países mais idosos da Europa e ao que parece o rumo vai manter-se inalterado – segundo as antevisões do INE (2004) - pelo menos até 2050 (fig.35).

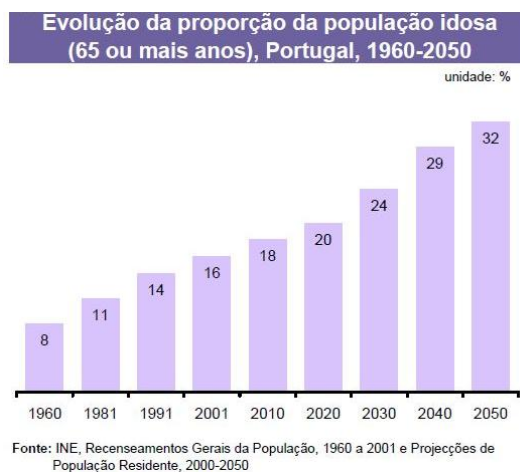


Fig. 35 – Tabela da Proporção da População Idosa em Portugal
Fonte: RED n.º36 - INE

A situação portuguesa alcançou, actualmente, os níveis mais elevados de envelhecimento da população. Segundos dados do INE, através da Revista de Estudos Demográficos (2004), os motivos para este crescimento súbito da população idosa devem-se, maioritariamente à baixa natalidade e ao conseqüente aumento da longevidade, verificados entre os anos 1991 e 2001, fazendo referência, respectivamente, aos Censos destes mesmos anos.

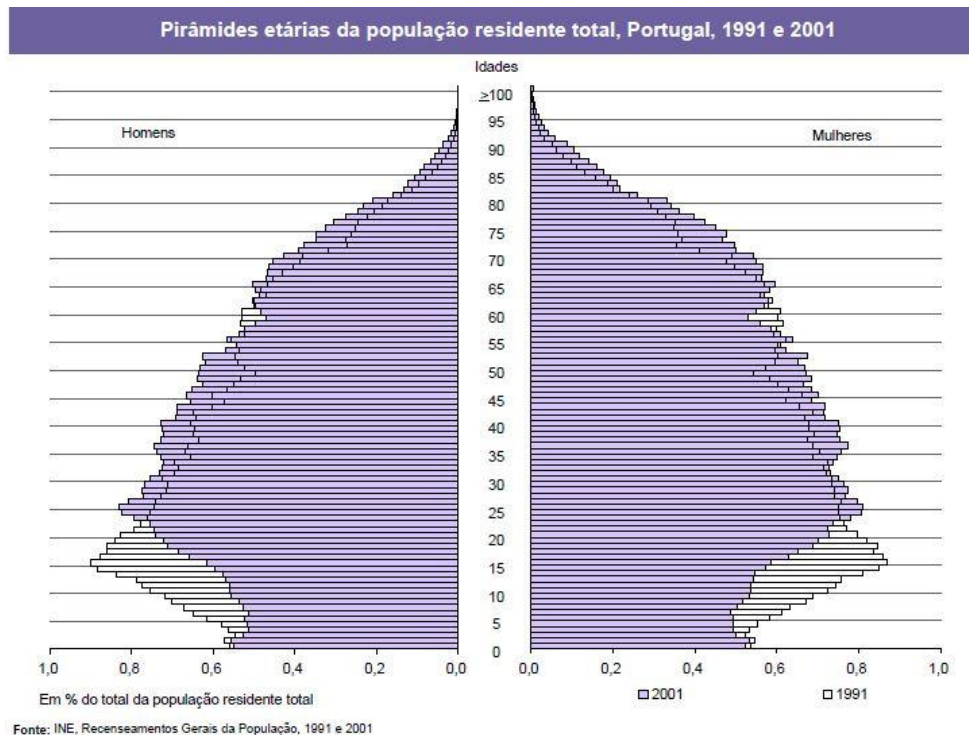


Fig. 36 – Pirâmides Etárias da População Residente – Portugal (1991-2001)

Fonte: RED nº36 - INE

A melhoria das condições de vida sentidas, particularmente, em finais do século XX, definiu não só um aumento da esperança média de vida, mas também um decréscimo acentuado na mortalidade infantil. Contudo, o aumento da esperança média de vida, alterou o trajecto de “inactividade” natural do percurso de vida e faixa etária das pessoas mais velhas. A idade avançada já não define a interrupção da etapa laboral, antagonicamente o aumento da idade da reforma para 65 anos vem favorecer o incremento do movimento de uma sociedade mais activa, por mais anos (Daré, 2010)

A pirâmide é peremptória, uma base estreita contrastante com um centro dilatado que se vai desvanecendo muito lentamente até ao topo. Nascem poucas crianças e os indivíduos em idade adulta caracterizam quase na totalidade a percentagem de população (fig. 36). Assim sendo, os indivíduos idosos tornam-se decisivos na tomada de decisões na sociedade, porque são activos nela.

Apesar de cada vez mais idosos se tornarem habilitados física e mentalmente a prolongar a sua idade activa, o factor “idade” não deixa de ser uma limitação. Quando se trata de pessoas desempregadas, os estudos confirmam que as pessoas mais velhas têm mais dificuldade em encontrar emprego novamente. O término abrupto da etapa laboral pode constituir uma das fases mais difíceis da vida do idoso, porque se toma consciência, tanto do

possível abandono do ciclo activo, como da possível entrada na 3ª idade. No entanto, cada indivíduo faz a sua própria gestão desta etapa. Dos que se detêm à incapacidade de alterar esta predisposição inata, aos que insistem e continuam igualmente activos, todos conduzem à multiplicidade de casos que caracterizam o ser idoso. Todavia, cabe à sociedade e às políticas sociais o desenvolvimento de serviços que, por um lado favoreçam uma continuidade da vida activa, como por outro, expandam as possibilidades para que outros se possam tornar, de novo, activos.

A perda de faculdades, tanto físicas como mentais é também um dos descontentamentos da velhice, que por norma tende a caracterizar a maioria da população idosa. Pensar no idoso como alguém inválido é algo comum na sociedade actual, principalmente nas gerações mais novas que não se propiciam a ver o envelhecimento como etapa futura. Os níveis de dependência do idoso estão intimamente ligados às suas capacidades físicas e mentais, sendo por isso premente dotá-los, quando necessário, de alternativas favoráveis à sustentação tanto da sua dependência, como autonomia, quando os mesmo não são capazes de o fazer por si.

As políticas sociais no caso de Portugal, tentam, de um modo geral responder a estas questões. No entanto, a variedade de alternativas ao nível dos recursos de habitação para idosos limitam-se, na maioria, à institucionalização, quer em lares de idosos, como em centros comunitários (Daré, 2010). Não deveria o idoso possuir as mesmas regalias sociais que caracterizam o adulto em idade activa (- 65 anos)? já que ambos constituem a população portuguesa em números aproximados? O tratamento da velhice em Portugal, no que concerne aos recursos habitacionais, sociais e de saúde, apresentam uma grande discrepância em relação a faixas etárias mais novas.

Numa entrevista recente do programa *Linha da Frente* da RTP1, a 22 de Fevereiro de 2012, sobre solidão na 3ª idade, afirma-se que 400.000 idosos vivem sozinhos só na zona de Lisboa e Alentejo e apresentam um risco de pobreza 50% superior às restantes idades. O tema nunca foi tão debatido, e a comunicação social faz dele notícia a cada dia, quer seja por exemplos de boa conduta social, por parte de instituições, quer seja por modelos de idosos activos nas suas comunidades. No entanto, na maioria dos casos, são notícia as contrariedades e fatalidades que a idade e a vida transporta e que a sociedade não ajuda a suprimir.

7. HABITAÇÃO ASSISTIDA

7.1. Noção - a definição de alguns autores

Embora possa parecer um termo recente, a habitação assistida é já um modelo consolidado na panóplia de opções de habitação para idosos nos Estados Unidos da América. Com o seu desenvolvimento em meados da década de 60 do século passado a habitação assistida (*assisted living*) surgiu de forma a dinamizar o mercado americano de alternativas nesta área pouco habituada a variações (Frank, 2002). O sistema de apoio corrente baseava-se em sistemas de institucionalização para idosos, muito pouco dinamizadores no respeitante à independência e dignidade dos utentes, um pouco à semelhança da generalidade dos casos em todo o mundo. No entanto, foi nos EUA que mais avanços se verificaram nesta área, não só com o surgimento de programas de apoio como a habitação assistida, mas também, e com ela, nasceram outras alternativas assentes em reformar a tendência de uma sociedade pouco preocupada com os mais velhos.

O sucesso desta metodologia foi decisivo para a sua implementação noutros países, nomeadamente europeus, com a Suécia, a Noruega e a Dinamarca a tornarem-se excelentes exemplos do seu êxito (Regnier, 2002). Contudo, e apesar dos bons resultados, este sistema acabou por se difundir muito lentamente pelo resto do continente europeu, nomeadamente em Portugal, podendo surgir agora, como uma alternativa ponderável aos lares e comunidades de idosos.

Definir habitação assistida não se torna fácil quando existe uma multiplicidade de autores a tentar fazê-lo. Eleger uma opinião consensual deixaria de ser honesto, porque a habitação assistida é fruto do contexto onde se insere e daí poder adoptar diferentes interpretações. De todos os autores, importantes e determinantes para o desenvolvimento do conceito surgiram, Regnier (1994), Benor (2009), e Resnick e Mitty (2009) como os mais relevantes.

“(…), the name assisted living does not appear to provide a uniform definition of either the environment or the services offered by a facility.” (Zimmerman, Sloane e Eckert, 2001, p. 4)²

² (...), o nome habitação assistida não parece proporcionar uma definição uniforme tanto do ambiente como dos serviços oferecidos por uma unidade.
(tradução livre)

7.1.1. Victor Regnier

Regnier (1994) é o autor mais citado pela bibliografia internacional sobre a temática da habitação assistida. É um estudioso e pioneiro na investigação sobre os sistemas de apoio habitacional a idosos, nomeadamente na área da habitação assistida, sendo a definição formulada nos primeiros anos da sua pesquisa a que provavelmente mais se universaliza sobre o tema.

“Simply stated, assisted living is a long term care alternative which involves the delivery of professionally managed personal and health care services in a group setting that is residential in character and appearance in ways that optimize the physical and psychological independence of residents.” (Regnier, 1994, p.1)³

Dando grande relevância aos cuidados de saúde como base integrante do sistema de habitação assistida, Regnier enfatiza ainda a importância do carácter residencial dos edifícios dada a sua repercussão, a par com o apoio na saúde, no bem-estar físico e psicológico dos residentes. Anos mais tarde, ainda sobre o estudo da habitação assistida, completa a sua definição partindo dos estudos da ALFA (*Assisted Living Federation of America*).

“(a) special combination of housing, supportive services, personalized assistance and healthcare designed to respond to the individual needs of those who require help with activities of daily living (ADL) and instrumental activities of daily living (IADL). Supportive services are available, 24 hours a day, to meet scheduled and unscheduled needs, in a way that promotes maximum dignity and independence for each resident and involves the resident’s family, neighbors and friends...” (ALFA, citada em Regnier, 2002, p.3)⁴

³ A habitação assistida é uma alternativa de cuidados a longo prazo que envolve a integração de serviços específicos, ao nível de cuidados pessoais de saúde num ambiente de grupo que se pretende que seja residencial em função e imagem de modo a otimizar a independência física e psicológica dos residentes. (tradução livre)

⁴ (a) combinação especial de habitação, serviços de apoio, atendimento personalizado e serviços de saúde concebido para responder às necessidades individuais daqueles que necessitam de ajuda nas atividades diárias (ADL) e instrumentos das actividades diárias (IADL). Os serviços de apoio estão disponíveis 24 horas por dia, para atender às necessidades planeadas e não planeadas, de forma a promover a dignidade e independência máxima para cada residente e envolva a família, vizinhos e amigos ...

A distância temporal desde a primeira definição formulada por Regnier, até esta última argumentada pela análise da ALFA, mantém a caracterização da habitação assistida como um sistema suportado, maioritariamente, pela importância dos cuidados de saúde, mas, também com grande peso, surgem as actividades diárias necessárias à preservação do exercício quotidiano natural, bem como um reforço no envolvimento da família, vizinhos e amigos. Contudo, a definição de habitação assistida permanece bastante flexível, particularmente no que concerne às actividades que pode ou não integrar.

Para Regnier (2002), a habitação assistida deve possuir um carácter residencial tanto quanto for possível, de modo a que a mudança para este sistema habitacional seja fácil e natural. As habitações devem possuir também um tamanho reduzido, porque os idosos tendem a ser criteriosos no uso e escolha dos compartimentos da habitação, potenciando a sua vivência, não esquecendo, contudo a privacidade e integridade. Cada morador, deve ser avaliado como um indivíduo com características únicas e particulares, tanto a nível social, quer de saúde, sendo-lhe aplicado um plano adequado à sua singularidade. Valores, tais como, independência, interdependência e individualidade devem ser fomentados, de modo a promover a fácil inserção do idoso no complexo habitacional, aliando, sempre que possível o envolvimento da família e da comunidade. É também dado especial interesse às actividades que promovam o bem-estar físico e desenvolvimento mental do idoso, seja ele mais saudável ou mais debilitado.

“(...). A typical assisted living building attracts individuals who are both mentally and physically impaired.” (Regnier, 2002, p. 12)⁵

7.1.2. Roberta Schultz Benor

Benor (2009), no seu estudo acerca do tipo de habitações para idosos nos EUA, embora mantenha as bases da definição defendida por Regnier sobre habitação assistida, diminui a carga fornecida aos cuidados de saúde. Na sua definição, expõe para além dos pressupostos já mencionados, um conjunto de actividades sociais e recreativas e reforça que o âmbito da habitação assistida é alterado em função do seu tamanho e da especialização profissional dos funcionários. Assim, introduz na temática, tal como Regnier fez em 2002, a possibilidade da

⁵ Um edifício típico de habitação assistida atrai pessoas que estão mentalmente e fisicamente debilitadas. (tradução livre)

habitação assistida ser especializável em função dos cuidados de saúde que disponibiliza, mantendo os critérios básicos de suporte de saúde. O número de utentes cresce, porque a oferta é mais variada, e aplicável a grupos idosos mais debilitados, quer física ou mentalmente. Benor (2009), fortalece ainda a ideia de uma habitação assistida valorizada através de programas intergeracionais, que incluam a participação dos jovens no dia-a-dia dos idosos.

“Assisted living places, which may also be called residential care, adult care homes, sheltered care homes or domiciliary care, were developed to give support to seniors who could no longer live on their own, but who did not yet need a nursing home. Assisted living residents are provided with personalized levels of daily care, including some minor health care but not the skilled comprehensive support that a nursing home supplies.” (Benor, 2009, p. 87)⁶

“(…). There should also be intergenerational programs to inject the young into your setting, and events where the audience members can participate at various levels. (…).” (Benor, 2009, p. 155)⁷

7.1.3. Barbara Resnick e Ethel Mitty

Ainda no seguimento de demonstrar que a definição de habitação assistida não é imutável, surge um estudo que divide a área da actuação deste sistema em 4 modelos. Todos relacionados com os níveis dos cuidados de saúde, estabelecem um critério de selecção de métodos que incluem, em maior ou menor quantidade, serviços de apoio ao idoso (Resnick e Mitty, 2009).

O primeiro modelo a que chamaram de *híbrido*, reforça a ideia de um formato de habitação assistida pensado e construído de raiz para promover o bem-estar do residente. Este

⁶ Unidades de habitação assistida, que também podem ser chamados de cuidados residenciais, lares para adultos, lares protegidos ou cuidado ao domicílio, foram desenvolvidos para dar suporte aos idosos que não podem mais viver por conta própria, mas que ainda não precisam de um lar de idosos. Residentes da habitação assistida são proporcionados com níveis personalizados de cuidados diários, incluindo alguns cuidados de saúde menores, mas não apoio o especializado abrangente que um lar de idosos proporciona. (tradução livre)

⁷ Também deve haver programas intergeracionais para introduzir o jovem no formato, e eventos onde o público pode participar em vários níveis. (tradução livre)

modelo centra-se nas preferências elementares da globalidade dos idosos quanto a cuidados de saúde, tornando-o aplicável à generalidade dos indivíduos. Intensifica ainda uma promoção da distanciação necessária entre a visão deste tipo de habitação e os lares de idosos, onde o indivíduo está constantemente dependente de terceiros (Resnick e Mitty, 2009).

O modelo seguinte, designado modelo de *hospitalidade*, sustenta o desenvolvimento de um conjunto habitacional e o seu relacionamento com espaços exteriores, onde se fomenta um sentido de acolhimento semelhante a um hotel. Sem possuir de base, cuidados de saúde inseridos no rol de serviços prestados, não excluí, contudo, a possibilidade de estes virem a ser introduzidos (Resnick e Mitty, 2009).

Modelo de *habitação*, o terceiro do conjunto, baseia-se no aproveitamento de edifícios existentes, embora na maior parte estes possuam condições inadequadas para a introdução de cuidados de saúde. A ajuda médica, nestes casos, está dependente da aceitação da comunidade de idosos, e da possibilidade do edifício poder integrar ou não este tipo de apoio domiciliário (Resnick e Mitty, 2009).

O último modelo é de todos o que proporciona maior apoio à saúde. O modelo de *cuidados de saúde*, como foi classificado, sustenta-se na evolução dos típicos lares de idosos, no que refere a assistência médica, resultando em edifícios altamente especializados em várias áreas da saúde, para assim melhor servir o residente (Resnick e Mitty, 2009).

Todas as opiniões foram descritas para reforçar a abrangência da definição de habitação assistida, demonstrando como esta é ajustada consoante as políticas sociais, habitacionais e, principalmente de saúde, do tipo de residente a que se destina.

Contudo, numa visão própria, pensar em habitação assistida, integrando toda a sua ambivalência, deve sempre totalizar a assimilação dos seus principais valores. Independência/autonomia, segurança, aspecto residencial, cuidados de saúde e relações de convívio, devem ser sempre garantidos de forma a atingir-se também uma elevada qualidade de vida (Schwarz, 1999). A habitação assistida deve representar, contudo, distanciando-se do modelo americano, um tipo de habitação permanente. O idoso deve poder adquirir e usufruir da sua residência como pretender, tal como os programas de serviços não devem tentar impor horários rígidos, mas fomentar uma utilização livre.

“(...). The residences are people’s homes, not just homelike environments. They exist because people have indeed aged in place. People have the choice to stay in a setting where they have a maximum degree of independence. (Smith, 2003, p. 184)⁸

Assim, o conceito de habitação assistida, não deve fazer parte de um programa, mas sim de uma concepção generalizada de um conjunto habitacional onde é potenciado o bem-estar do idoso, permitindo-lhe viver a sua velhice como desejar. O que o distingue das demais opções, são os serviços que integra, não só na ajuda que podem fornecer aos idosos relativamente às actividades diárias, mas também no apoio à saúde. Porém, este modelo de habitação para idosos atinge um patamar elevado de qualidade ao integrar, conjuntamente, uma habitação intergeracional. A reciprocidade de conhecimentos, bem como a quebra de uma imagem rígida de uma habitação genericamente especializada ao idoso, aperfeiçoam este modelo num sentido de uma maior abrangência social. O idoso sente-se participante numa vida quotidiana vulgar, aspecto que deve ser reforçado de forma a reduzir os sentimentos de alienação ao lugar. O relacionamento com famílias e gerações mais novas, semelhantes ao habitualmente vivenciado no dia-a-dia, promovem um bem-estar tanto a nível mental como físico. O relacionamento intergeracional não deve fazer parte de um programa momentâneo, mas sim introduzir-se na habitação assistida, tornando-se parte integrante dela.

“Inter-generational concepts offer a variety of flexible housing provisions that allow different generations to live together in different ways and can respond to changing demands as residents grow older.” (Feddersen e Lütke, 2009, p. 85)⁹

“La experiencia de estar com otras personas supone una oportunidad particularmente animada y atractiva de recibir estímulos. Comparada com la experiencia de ver edificios y otros objectos inanimados, la de estar com gente – que habla y se mueve – ofrece abundantes variaciones sensoriales. (...)” (Gehl, 2006, p. 29)¹⁰

⁸ (...). As residências são as casas das pessoas, e não apenas ambientes caseiros. Eles existem porque as pessoas têm o direito de envelhecer nas suas casas. As pessoas têm a escolha de permanecer num ambiente onde têm um elevado grau de independência. (tradução livre)

⁹ Conceitos inter-geracionais oferecem uma variedade de disposições de habitação flexíveis que permitem a diferentes gerações viver juntas de diferentes formas e pode responder às novas exigências enquanto os residentes envelhecem. (tradução livre)

¹⁰ A experiência de estar com outras pessoas supõem uma oportunidade particularmente animada e atraente de receber estímulos. Em relação à experiência de ver edifícios e outros objectos inanimados, a de estar com pessoas - que falam e se movem - oferece uma grande variedade de variações sensoriais. (...) (tradução livre)

O conjunto de serviços integrados neste conceito, devem então, primeiramente servir a generalidade de habitantes e só depois demonstrarem um tipo de particularização, relativo às actividades diárias e cuidados de saúde, mais especializado ao indivíduo idoso.

Todavia, os espaços exteriores circundantes, devem possuir uma lógica inversa. A eliminação de barreiras físicas com a introdução de rampas e outros elementos deve facilitar e promover o percurso diário do idoso, sem que para este, esse exercício se torne complexo. Os espaços verdes têm assim um papel preponderante neste tipo de habitação, devendo para isso, fazer parte do tipo de características a introduzir neste conceito. Ainda sobre a qualidade dos espaços exteriores à habitação introduzem-se como elementos importantes, a existência de galeria interior e pátio. Estes espaços, quando incluídos, reduzem a distância entre o habitante e o mundo exterior, promovendo o relacionamento com a comunidade, quer este deseje manter-se no interior do edifício – galeria; quer intencione sair, sem assim abandonar o perímetro do conjunto habitacional – pátio.

Relativamente à relação interior/exterior aconselha-se a integração nas habitações de uma zona de varanda. Inserido num nível mais residencial, este elemento permite que o habitante – principalmente o residente idoso – experiencie o contacto com o exterior sem sair da sua habitação. Este tipo de solução é favorável quando o idoso se encontra doente ou até incapacitado de sair da sua habitação.

Evitar a institucionalização é o grande objectivo de quem opta por este tipo de solução. A habitação assistida deve ser vista como um conjunto habitacional normalizado ao qual se adicionam serviços específicos de apoio, apenas para quem os solicita. Assim, a sua imagem deve associar-se à generalidade dos edifícios multifamiliares, de modo a que também as suas vivências se fundam no ambiente quotidiano.

“(…), for the residents, the crucial difference is the chance to avoid institutionalization and maintain their remaining functional independence in a residential environment that provides affordable, secure, and supportive dwellings.”
(Schwarz, 1999, p. xviii)¹¹

“(…). The assisted living movement urges that the frail elderly should (1) age in place, (2) preserve their autonomy wherever possible, and (3) live in a supportive, homelike environment. (...).” (Smith, 2003, p. 184)¹²

7.2. Habitação para idosos, habitação para todos

Segundo Huber (2008), a habitação concebida para residentes idosos deve suportar uma aparência corrente. Este tipo de pressuposto permite, quer a habitação englobe, ou não, uma vivência intergeracional, que o residente idoso se sinta incluído num sistema habitacional regular. A ideia da transformação de habitação para idosos numa residência universal, adaptada a todos os indivíduos, permite também uma maior integração de vivências. Contudo, a universalidade não é alcançada, sem antes se assegurar que, tanto idosos, como indivíduos mais novos, se sintam confortáveis nas suas habitações, sendo necessário para isso que não existam barreiras físicas, interiores ou exteriores aos edifícios.

No entanto, não é apenas entre gerações que se aguarda que exista – em relação à habitação - igualdade de valores, também entre os idosos se espera que o mesmo aconteça. As debilidades que o avanço da idade acarreta, repercutem-se nos indivíduos mais velhos de forma diferente. No que respeita à perda de faculdades físicas e mentais, cada uma assume distintas contrariedades. Num nível físico por exemplo, este assume no idoso diferentes carências. Desde permanecer numa cadeira de rodas, ao uso de bengala ou andarilho, ao impedimento de sair de uma cama, ou até a perda de outras faculdades, tudo isto o edifício deve consentir, pela oferta de um nível equitativo de vivência a qualquer um destes grupos (Regnier, 2002).

A nível mental, a demência é dos casos mais experienciados neste tipo de residente. Conforme Regnier (2002) explica, o agravamento dos estados de demência, é um problema comum neste tipo de doentes, bem como perdas de memória. Nestes casos a solução passa – para além da existência de funcionários qualificados – pela divisão do edifício por pisos, consoante o tipo de fragilidades do doente, ou dos graus que cada um possui. É na especialização destes padrões de fragilidades que o grau e tipo de apoio que a habitação assistida disponibiliza se tornam mais valorizados.

Em suma, habitação para idosos, nomeadamente habitação assistida, deve ser um exemplo de habitação global, adaptada a todas as gerações e a todos os grupos de indivíduos.

“The primary goal of assisted living is to provide services tailored to individual needs in a residential and normalized setting. Individuality is the fundamental premise underlying this model of care. Residents are treated as individuals with differing personal needs. Routines and service plans are flexible and can be modified in response to changing individual needs. (...)” (Schwarz, 1999, p. xviii)¹³

¹¹ "(...), para os moradores, a diferença crucial é a oportunidade de evitar a institucionalização e manter a sua restante independência funcional num ambiente residencial, que oferece moradias assistidas, seguras, a preços acessíveis. (tradução livre)

¹² A habitação assistida insiste que o idoso debilitado deve (1) envelhecer no local, (2) preservar a sua autonomia, sempre que possível, e (3) viver num ambiente de apoio familiar. (...). (tradução livre)

¹³ O principal objectivo da habitação assistida é fornecer serviços adequados às necessidades individuais num ambiente residencial normalizado. A individualidade é a premissa fundamental subjacente a este modelo de cuidado. Os residentes são tratados como indivíduos com diferentes necessidades pessoais. As rotinas e os planos de serviços são flexíveis e podem ser modificados em resposta à evolução das necessidades individuais. (...) (tradução livre)

P A R T E 3

DESENHO ARQUITECTÓNICO

“(...). El espacio arquitectónico es espacio vivido más que espacio físico, y el espacio vivido siempre trasciende la geometría y la mensurabilidad.”¹⁴

Juhani Pallasmaa (2006.) Los ojos de la piel. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

dados pela associação dos vários L's, resulta da espessura das paredes e lajes, que associadas descrevem uma moldura diferenciadora de cada apartamento.

8.2. *The Dillon* – Smith-Miller e Hawkinson Architects

No segundo projecto relacionado com conceito, surge o *Dillon* em Nova Iorque da equipa de arquitectos Smith-Miller e Hawkinson. Neste projecto insere-se uma variação de cerca de 52 apartamentos que, encaixados entre si, formam um conjunto uno e sólido (fig.38). Desta forma houve também o intuito de, no projecto realizado, agregar e unir diferentes peças de modo a obter como resultado um bloco compacto multidisciplinar.

8.3. *Habitação para idosos* – Dietrich Schwarz e Sergi Serrat, Gines Egea e Cristina Garcia

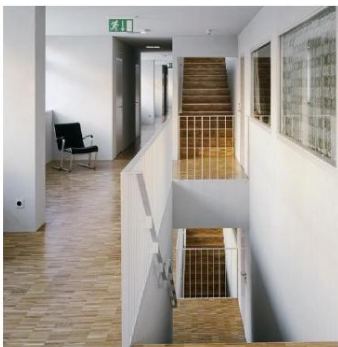


Fig. 39 – *Habitação para Idosos* – Dietrich Schwarz

Fonte: <http://www.schwarz-architekten.com/index2.php?node=24&scrollValue=0>

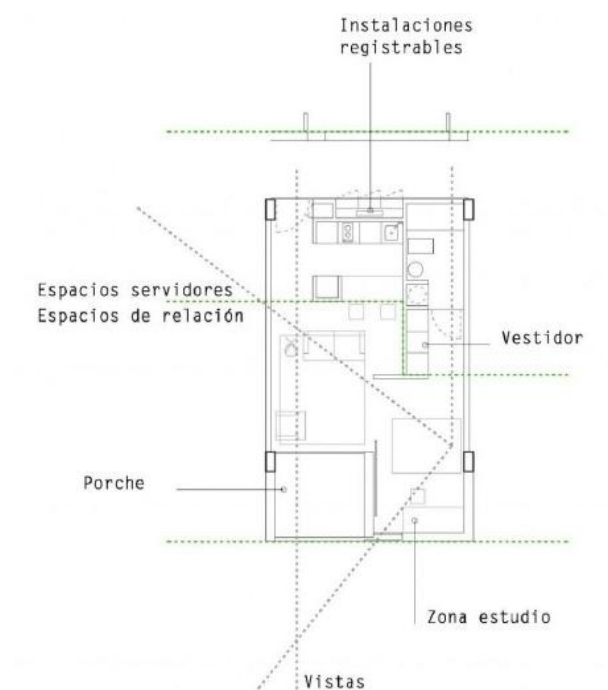


Fig. 40 – *Centro Cívico e Apartamentos para Idosos* Sergi Serrat, Gines Egea, Cristina Garcia

Fonte: <http://www.b-e-t-a.net/~channelb/projects/068sergiserrat/index.html>

Afastados de preocupações formais e introduzidos como elementos de suporte programático do conceito de habitação para idosos, surge o projecto do arquitecto Dietrich

Schwarz, na Suíça e outro de um *atelier* espanhol para um Centro Cívico e Apartamentos para Idosos do grupo Sergi Serrat, Gines Egea e Cristina Garcia. Ambos os projectos revelaram-se bastante úteis para a definição de espaços intrínsecos a este tipo de programa, nomeadamente no referente às zonas de estar contíguas a cada apartamento e o seu relacionamento (galeria – fig.39) e à organização interna dos apartamentos-base e as necessidades básicas que cada um deve incluir (fig.40).

9. O EDIFÍCIO

9.1. Conceito

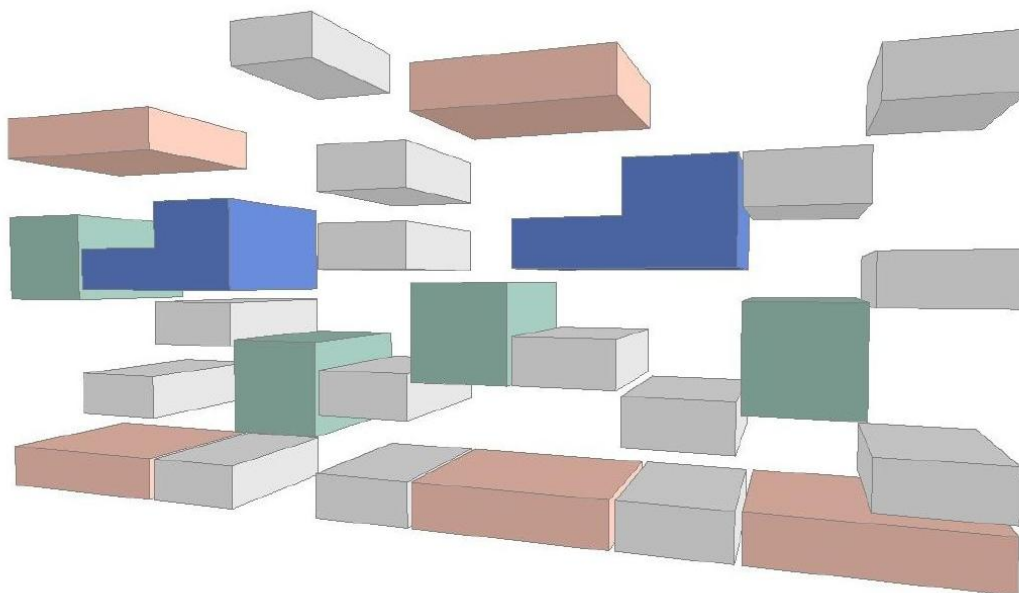


Fig. 41 – Conceito - Lógica do Alçado em Peças

Fonte: Documento Próprio

A lógica de alçado em função das peças de *Tetris* – jogo electrónico popularizado nos anos 80 – gerou-se como ponto de partida para a concepção do edifício. Numa busca de relacionar as peças com os apartamentos e tipologias e a sua definição no alçado principal, deu-se um aperfeiçoamento do conceito inicial, partindo das variações existentes no jogo, para uma adaptação formal e funcional ao conteúdo do edifício na procura de uma vivência integrada a partir do uso diferenciado das peças (fig. 41).

Assim e a partir da sucessão natural surgiram 4 variações. A primeira, a cinza na imagem, define o módulo-base, o apartamento indicado para habitação de idosos, que se multiplica em 27 blocos, dos quais 3 são lojas comerciais no rés-do-chão e 12 estão dispostos no alçado lateral como tipologias T_1 , possuindo adaptações ao nível da área do apartamento. As restantes tipologias T_1 destinadas a idosos, num número total de 12 apartamentos, desenvolvem-se no alçado principal. O segundo conjunto, a verde, identificador de tipologias T_2 *duplex*, gera a primeira adaptação do módulo-base numa sobreposição de dois blocos. Este apartamento, direccionado para famílias jovens, insere-se ao nível do 1º piso com

desenvolvimento até ao 2º, dinamizando o alçado. A partir deste ponto, todos os outros blocos de apartamentos estão incluídos numa agregação aparentemente aleatória, mas que obedeceu à inclusão de apartamentos e tipologias que possibilitassem uma vivência integrada entre diferentes gerações. Nesta introdução adaptada dos apartamentos, incluiu-se ainda, dois blocos de apartamentos *T₄ duplex*, que se desenvolvem em L, à semelhança do projecto de referência (fig. 37). Este apartamento, seguindo a lógica aplicada aos *T₂ duplex*, repete o módulo-base superior e lateralmente, repercutindo-se na peça azul do conjunto. Para finalizar, inserem-se na base, como lojas comerciais, e no topo, como apartamentos, os blocos a rosa, que definem tipologias *T₂*. Esta tipologia, tal como o módulo-base foi pensada para integrar famílias jovens, ou, se necessário um casal idoso com possibilidade de um quarto extra em relação ao módulo predefinido como habitação de idosos. Os pressupostos deste apartamento estão incluídos, tal como todos os outros, numa lógica de vivência integrada, reflectindo, no apartamento *T₁* as necessidades básicas para o idoso, e no apartamento *T₂* uma expansão das características, destinadas a um possível morador mais jovem.

O resultado da agregação integrada das peças, resulta num edifício de aparência simples, em que o exterior define o interior e vice-versa (fig. 42)

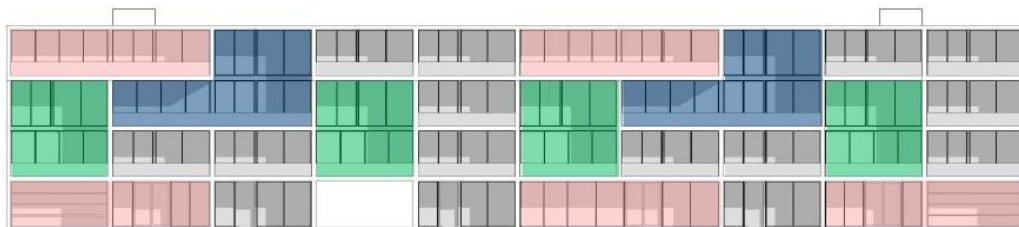


Fig. 42 – Conceito - Alçado Principal

Escala: 1/500 Fonte: Documento Próprio

“A building is an incitement to action, a stage for movement and interaction. It is one partner in a dialogue with the body.” (Bloomer e Moore, 1977, p. 59)¹⁵

“Facade can function, as in the city gate, to address expressively the larger realm, looking beyond the edge to the world outside.” (Bloomer e Moore, 1977, p. 101)¹⁶

¹⁵ Um edifício é uma incitação à acção, um palco para o movimento e interacção. É um parceiro num diálogo com o corpo (tradução livre)

¹⁶ A fachada pode funcionar, como na entrada da cidade, para tratar de forma expressiva o maior domínio, olhando para além do limite para o mundo lá fora. (tradução livre)

9.2. *FORM follows FUNCTION* - A forma segue a função

“(...). Whether it be the sweeping eagle in his flight or the open apple blossom the toiling work horse, the blithe swan, the branching oak, the winding stream at its base, the drifting clouds, over all the coursing sun, *form ever follows function*, and this is the law. Where function does not change form does not change. The granite rocks, the ever brooding hills, remain for ages; the lightning lives, comes into shape, and dies in a twinkling.” (Sullivan, 1896)¹⁷



Fig. 43 – Fachada – Perspectiva

Fonte: Documento Próprio

A função, a *utilitas* da tríade de Vitruvius, o intento do edifício, é o que move o desígnio projectual. A função deve explicar a forma, estando a razão do edifício relacionada com a sua imagem. O edifício deve invocar este princípio e deve, essencialmente, transparecer a representação de um conjunto coerente onde é agradável e seguro viver. Contudo, e apesar do programa indicar uma maior incidência de habitações para idosos, o mesmo não deve ser visto como uma comunidade exclusivamente para idosos, ou um lar de idosos, tendo sido valorizada, pelo mesmo motivo, uma imagem que reflectisse um conjunto habitacional multifamiliar actual, afastando a ideia de se dirigir a um público específico.

O *L* que na fachada define o T₄ duplex ou o T₂ duplex que se repercute numa imagem exterior com duplo pé direito, seguem o desígnio de Sullivan (1896). Esta imagem torna o

¹⁷ (...). Quer seja a águia com o seu voo extenso ou a flor de maçã aberta o cavalo trabalhador, o cisne alegre, o carvalho ramificado, a corrente do rio na sua base, as nuvens à deriva, ao longo de todo o sol que corre, a forma sempre segue a função, e esta é a lei. Onde a função não muda a forma não muda. As rochas de granito, as colinas penetrantes, permanecem por muito tempo, o relâmpago vive, vem em feitiços, e morre num piscar de olhos. (tradução livre)

edifício transparente no seu propósito, exteriorizando a sua vivência e promovendo a envolvência do residente com o quotidiano. As relações mútuas entre morador e vida exterior tornam-se ténues, dissipando uma imagem introspectiva, muitas vezes caracterizadora dos edifícios para idosos (fig. 43).

9.3. Edifício Intergeracional

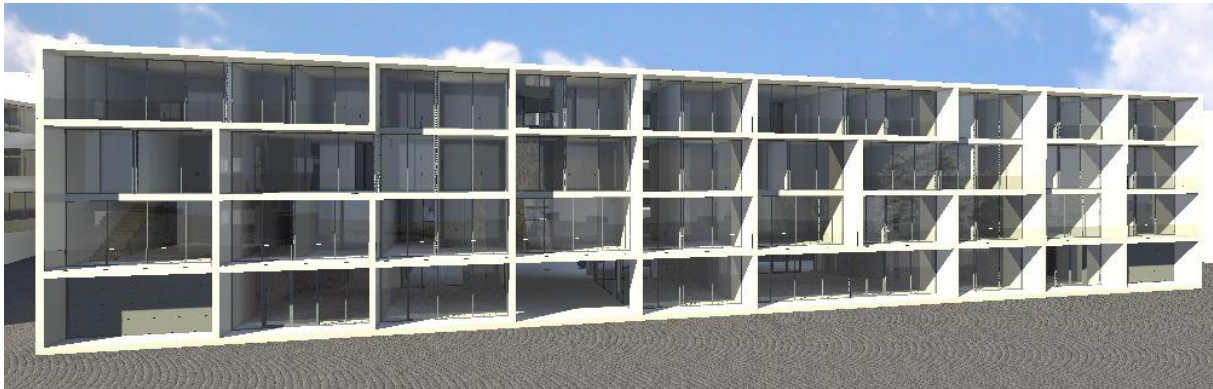


Fig. 44 – Fachada Principal – Perspectiva

Fonte: Documento Próprio

Intergeracionalidade pressupõe a interacção entre diferentes grupos etários, de modo a impulsionar situações de convívio e amizade. Este tipo de vínculos, inseridos em contexto vivencial permitem que o morador crie relações de vizinhança recíprocas. Também corroboradas por Schittich (2007, p. 11), que define uma vivência integrada levada a cabo pelo próprio projecto, ou seja, o edifício deve definir os espaços que permitem ao morador relacionar-se com os outros habitantes, não devendo ser o morador a gerar esse espaços, mas sim a usufruir da sua existência. Este pensamento deve estar incluído no edifício, antecipando as atitudes do futuro morador. Ao nível exterior devem ser também verificados pressupostos que incluam, a par com o edifício, zonas eficazes à prática das mesmas relações de vizinhança, com uma área de actuação que pode incluir moradores de outros quarteirões e edifícios.

Caracterizado por uma panóplia de opções vivenciais adequadas a diferentes grupos etários, o edifício proposto desenvolve uma ambivalência projectual unificada ao comum dos indivíduos, pontualizadas por habitações especializadas para idosos. Esta mistura habitacional (figs. 41, 44 e 45), permite uma fusão de vivências e experiências intergeracionais capazes de dinamizar o quotidiano habitacional.

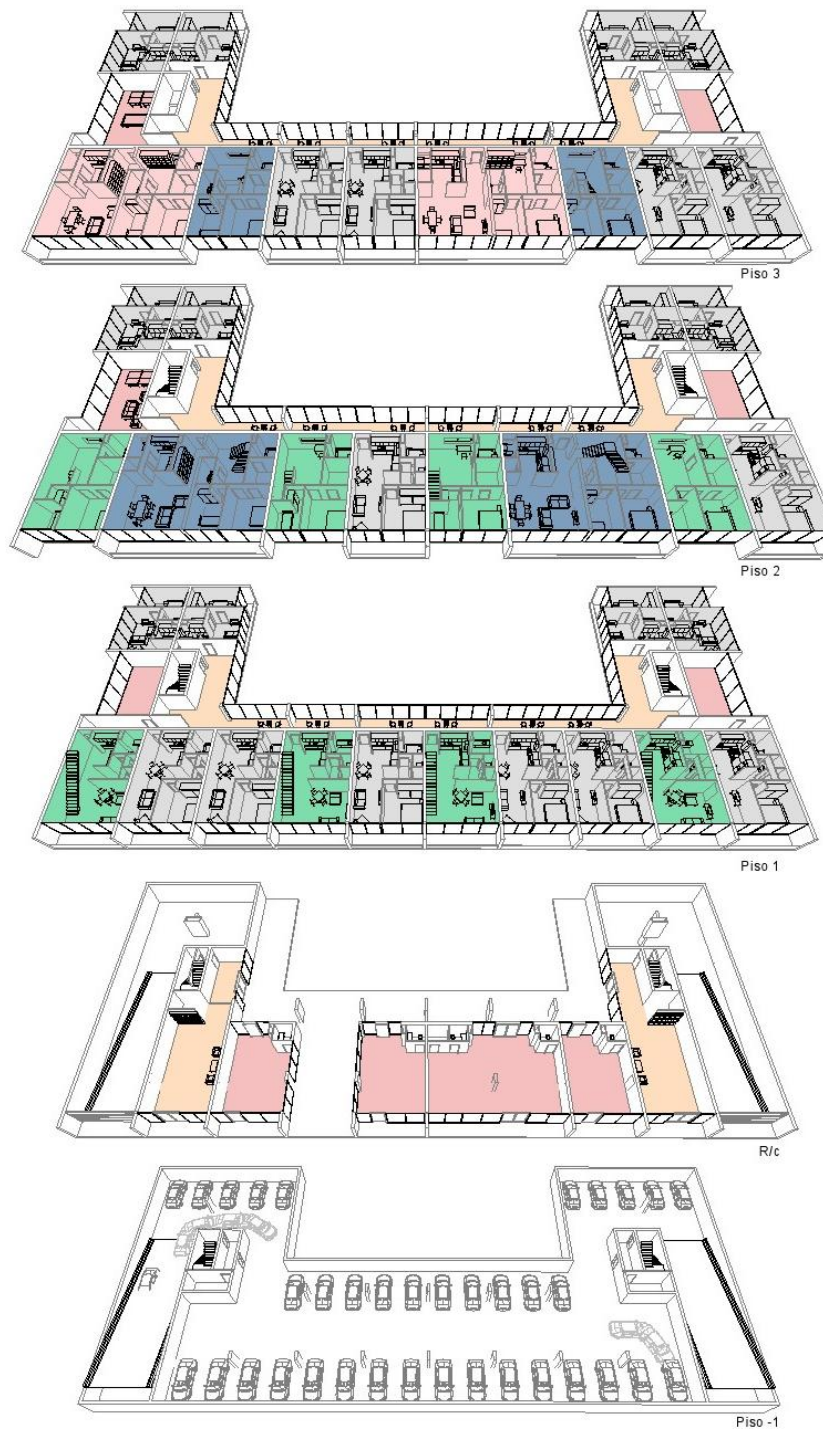


Fig. 45 – Axonometria de Pisos

Fonte: Documento Próprio

10. O QUARTEIRÃO

O quarteirão gerado a partir da solução urbana proposta, insere-se numa malha regular, com orientação Noroeste – Sudeste. Com uma ligação intrincada com o parque a Nascente do Parque do Fontelo, o quarteirão apresenta uma passagem interior, semelhante em todos os conjuntos habitacionais. Esta passagem incluída num pátio central, também comum a todos os quarteirões une os edifícios num propósito corrente - a ligação contígua ao parque.

O espaço exterior, reservado ao arruamento, define uma zona de estacionamento por quarteirão, sendo as mesmas suportadas pelos quarteirões circundantes. De modo a favorecer tanto a utilização do espaço público, como o uso do pátio enquanto extensão desse mesmo espaço inserido em cada quarteirão. As entradas do edifício foram inseridas no interior e exterior do quarteirão, de modo a não limitar o residente a um único acesso ao conjunto habitacional (setas a vermelho – fig.47). No referente ao acesso ao piso de estacionamento, apenas foi dada relevância à chegada/saída através do arruamento principal, anexo às entradas do edifício (figs. 46, 47 e 51).

No que concerne os pisos habitacionais superiores (figs 48, 49 e 50) estes encontram-se integrados numa lógica de vivência semelhante. No piso 1 distribuem-se as tipologias T_1 e T_2 duplex, no piso 2 encontram-se os T_1 e os T_4 duplex, no último piso desenvolvem-se tipologias T_1 e T_2 . Todos os pisos possuem uma zona de estar afecta à entrada de cada apartamento - galeria, bem como uma zona de estar comum no piso 2 – sala de convívio. Nesta lógica de serviços voltados para o habitante, funciona também em todos os pisos uma zona reservada à secagem de roupa, de modo a evitar o amontoar de roupa nas varandas ou na galeria de acesso aos apartamentos.

Com forma em U, o edifício disposto em conjuntos de 2, forma o quarteirão fechado que integra no seu interior uma passagem directa até ao parque em união com o pátio. Esta passagem é a única ligação entre o interior do quarteirão e o espaço público, permitindo o seu atravessamento tanto por residentes, como por outros indivíduos. A multiplicidade de vivências que atravessam o pátio interior incutem a este espaço - aproveitado tanto como espaço público, como uma extensão exterior da habitação – uma ambivalência de ocupações e comportamentos. A qualidade deste espaço está directamente relacionada com a introdução em todos os pisos de habitação, de uma zona de galeria na periferia interior do edifício, circundando todo o pátio e tornando-o constantemente visível. O interior do quarteirão torna-

se assim um espaço vívido, que não está dependente da sua utilização apenas por parte dos moradores, mas aberto a toda a comunidade.

“No matter how spectacular the forms of the buildings within the city may be to the eyes of its citizens, the meanings and feelings that the buildings give will be diminished if those buildings cannot be “possessed”.” (Bloomer e Moore, 1977, p. 55) ¹⁸



Fig. 46 – Edifício – Fachada Principal e Alçado Lateral

Fonte: Documento Próprio

¹⁸ Não importa o quão espetacular as formas dos edifícios na cidade podem ser aos olhos dos seus cidadãos, os significados e sentimentos que os edifícios fornecem são atenuados se os edifícios não podem ser "possuídos". (tradução livre)

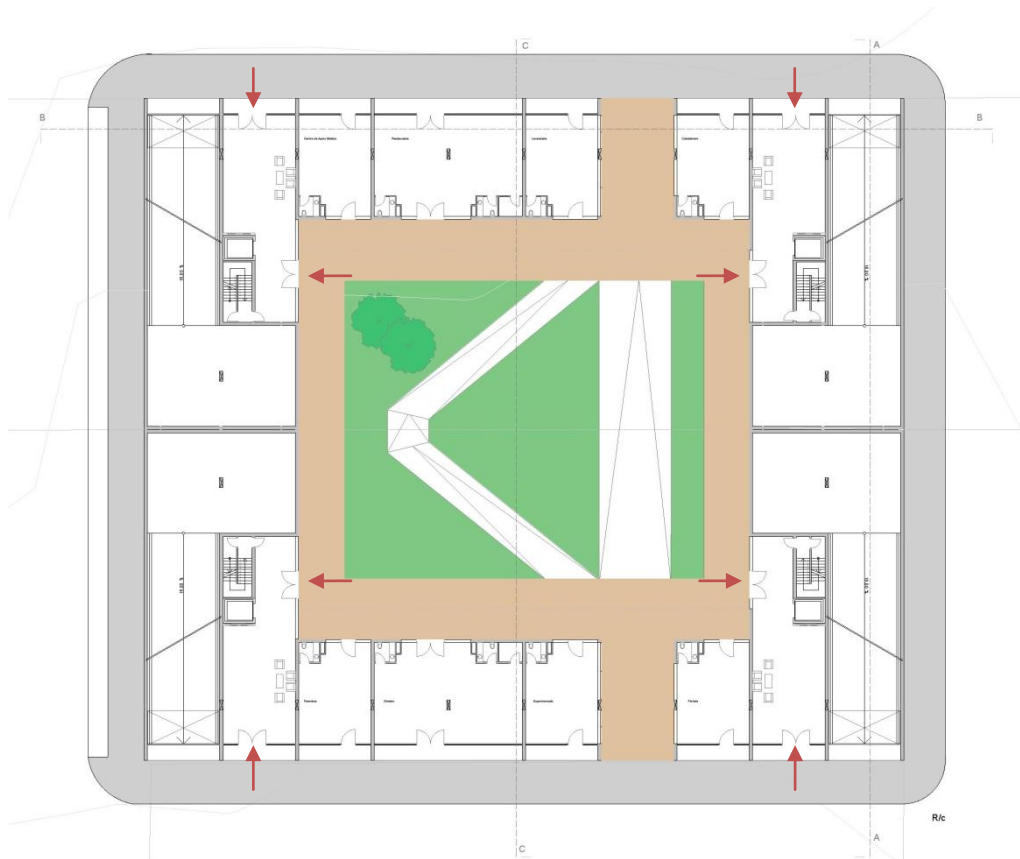


Fig. 47 – Quarteirão – Rés-do-chão

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio

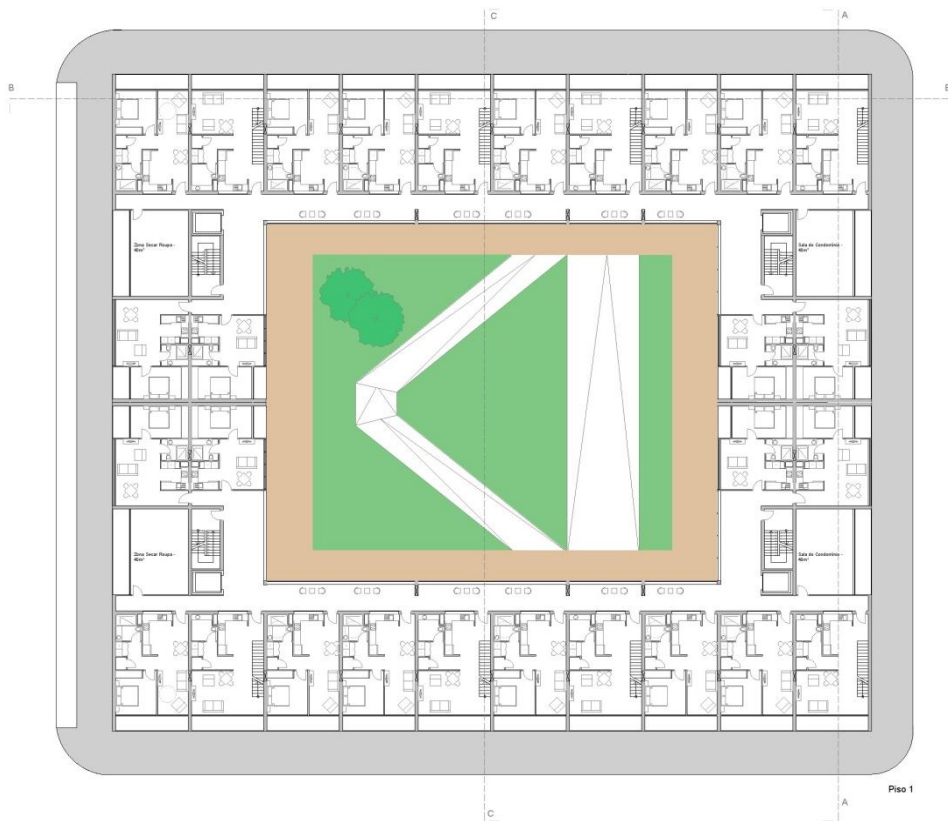


Fig. 48 – Quarteirão – Piso 1

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio

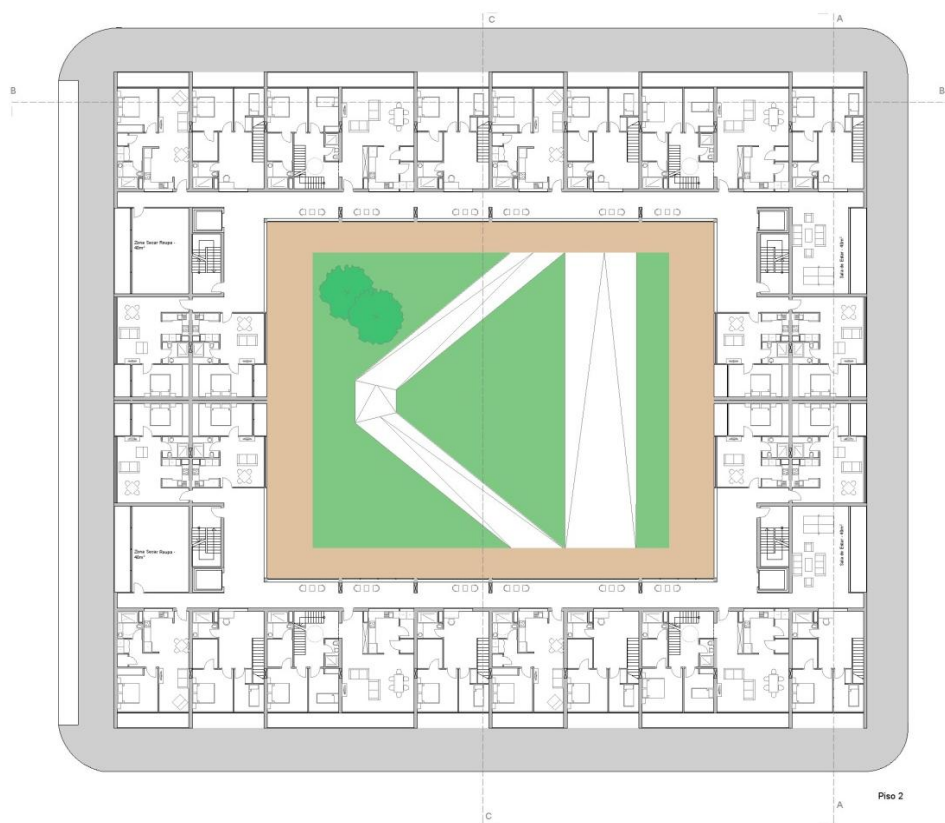


Fig. 49 – Quarteirão – Piso 2

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio

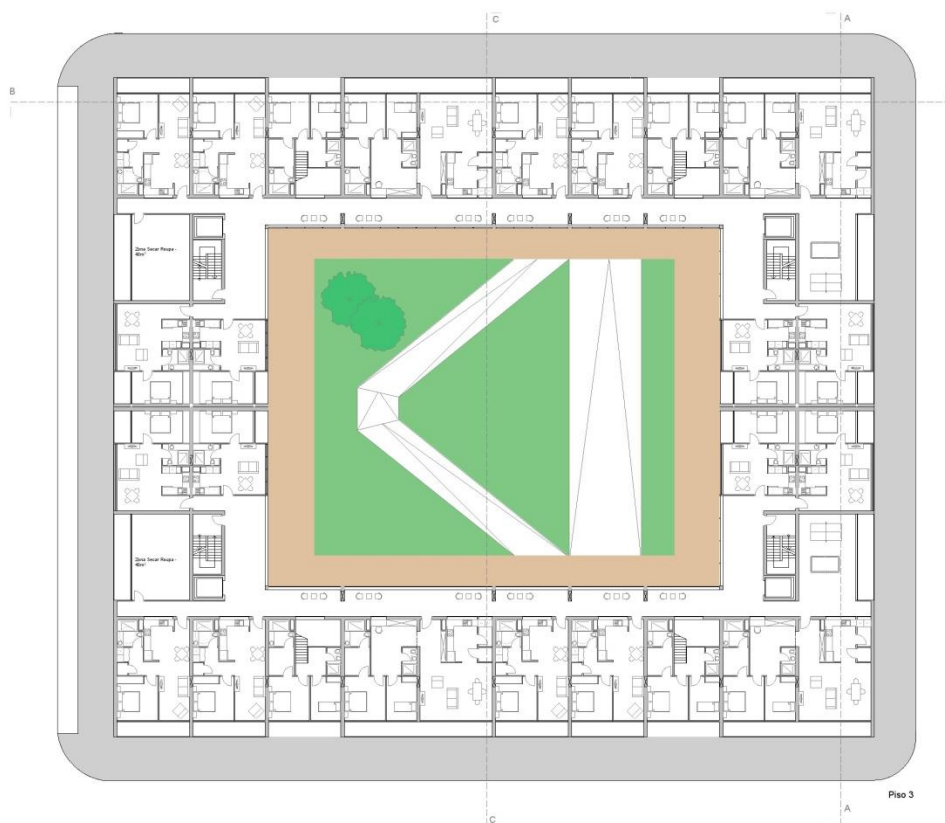


Fig. 50 – Quarteirão – Piso 3

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio

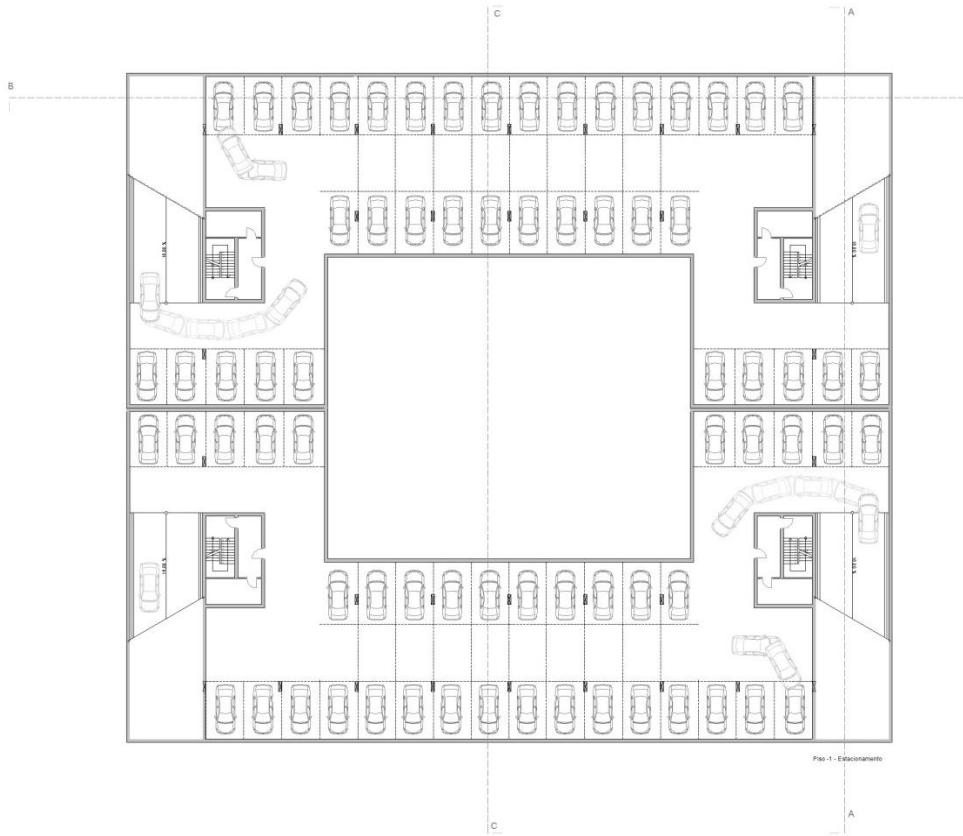


Fig. 51 – Quarteirão – Piso -1

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio



Fig. 52 – Alçados Laterais Nascente e Poente

Escala: 1/700 Fonte: Documento Próprio

10.1. Rede de Serviços Integrados

“Para existir uma cultura de bairro e comunitária é essencial que os mesmos apresentem espaços investidos para esse fim: lugares físicos urbanizados, como alguns clubes, associações, escolas, igrejas, mercados (entre outros) ou não urbanizados como o jardim ou o parque público.” (Strecht, 2011, p. 55)

O nível de suporte na habitação assistida é um dos elementos que a distingue de outro tipo de opções, bem como de outros modelos incluídos em procedimentos semelhantes (Regnier, 2002). O tipo de serviços incluídos, tanto ao nível da habitação, como do quarteirão, inserem-se numa globalidade abrangente de soluções aplicadas a todo o indivíduo. Contudo, pensar em habitação assistida remete a um tipo de suporte especializado e particularizado ao residente essencialmente idoso. Assim, especificou-se um conjunto de serviços fixos a incluir ao nível do rés-do-chão de cada quarteirão.

Este tipo de serviços distinguem-se consoante o padrão dos residentes e do tipo de exigências, inseridos num conjunto global de serviços voltados para a diversidade dos habitantes - rede de serviços (fig. 53). Assim, os serviços fixos caracterizam-se por introduzir cuidados de saúde, com a inclusão de um posto médico; um restaurante e lavandaria.

“Assisted living residences are designed for seniors who are no longer able to live on their own safely but do not require the high level of health care provided in a nursing home. Assistance with medications, activities of daily living, meals, and housekeeping are routinely provided. (...)” (Perkins, 2004, p.41)¹⁹

Estes serviços permitiriam ao residente idoso uma maior independência e autonomia, providenciados não só pelo suporte ao nível dos cuidados de saúde, mas também, quando as fragilidades progredissem, pela possibilidade de existência de uma rede de refeições ao domicílio, bem como tratamento de roupa.

¹⁹ As residências assistidas são projetadas para idosos que já não são capazes de viver por conta própria e em segurança, mas não exigem o alto nível de cuidados de saúde prestados num lar de idosos. Assistência com medicamentos, atividades da vida diária, refeições e limpeza são quotidianamente fornecidas. (...) (tradução livre)

No concernente aos cuidados de saúde, estes estariam divididos em função do tipo de fragilidades dos residentes, sendo por isso destinados diferentes cuidados em função dos diferentes edifícios. Assim, os níveis de habitação assistida variam de edifício para edifício, pois os tipos de cuidados de saúde tendem a ser mais especializados pela especificação do tipo de fragilidades físicas ou mentais do residente.

Os restantes serviços da rede, tentam colmatar, ao nível do comércio e outro tipo de serviços, as exigências dos demais indivíduos, quer sejam eles residentes ou não. Assim, englobam-se neste grupo serviços de cabeleireiro, ginásio, farmácia, supermercado e florista. Importa referir que estes serviços, alheios aos especificados como fixos, assumem uma escolha aleatória de ofertas, estando os outros quarteirões dotados de outro tipo de serviços, de modo a completar o conjunto. A aleatoriedade de serviços inclui contudo uma particularização em função do residente idoso, sendo dada importância a serviços que potenciem a reabilitação física, a interactividade social e autonomia (Perkins, 2004) (figs. 53 e 54).

Incluídos numa lógica integrada em rede, os serviços propostos respondem, no seu conjunto, a necessidades básicas de vivência em comunidade através da permeabilidade de serviços entre quarteirões. A habitação assistida desenvolve-se assim, em função dos serviços de saúde prestados em cada quarteirão, num sistema mais, ou menos especializado conforme as patologias dos residentes.

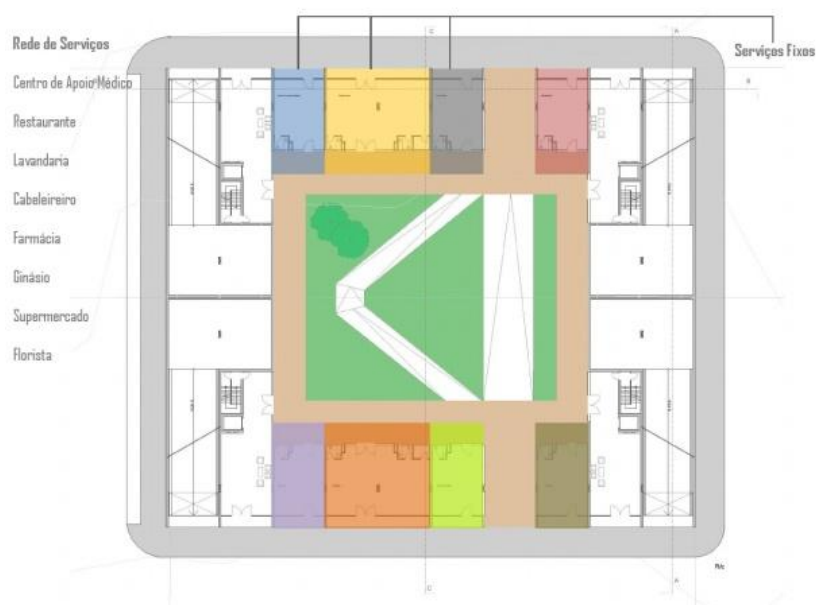


Fig. 53 – Rede de Serviços

Escala: 1:1000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 54 – Rede de Serviços entre quarteirões

Escala 1:2000 Fonte: Documento Próprio

10.2. A Envolvente Próxima – uma relação natural

Inserido no terreno pela assimilação de 2 edifícios em U dependentes das variações altimétricas (figs. 55 e 56), existem várias relações a considerar entre o quarteirão e a envolvente, proporcionadas não só pela ligação com o Parque do Fontelo a Poente, como pelo parque urbano a Norte e até o pátio interior. Estes três elementos inserem-se assim em distintos patamares vivenciais em função da proximidade que possuem com o edifício. O parque do Fontelo, visto possuir semelhanças formais com o parque urbano, caracterizado por árvores imponentes afigura-se como eixo visual para qualquer edifício do conjunto. O parque urbano, por sua vez, representa o limite norte de toda a área edificada, repercutindo-se numa extensa superfície verde.

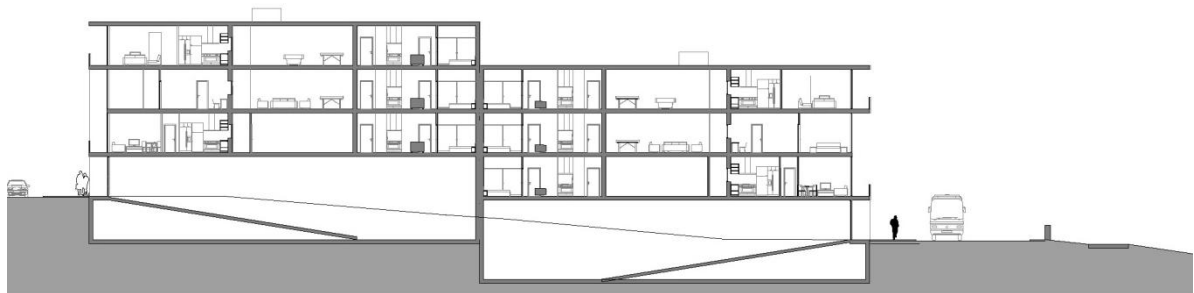


Fig. 55 – Corte A-A

Escala: 1.500 Fonte: Documento Próprio

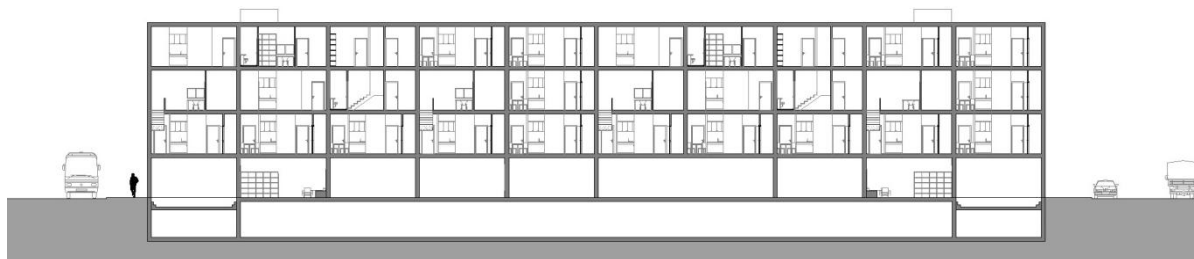


Fig. 56 – Corte B-B

Escala: 1.500 Fonte: Documento Próprio

Funcionando como limite visual a Poente o parque do Fontelo, é um espaço representativo da cidade de Viseu e é de todas as áreas verdes da cidade a mais densa e vasta. A sua proximidade com a área de intervenção reflecte-se com expressão a nível visual, mas também físico, sendo este uma barreira física que confina o terreno a poente. Todavia, o parque urbano visto como uma extensão verde do parque do Fontelo, reduzidos os elementos

arbóreos, repercute-se numa zona cujas características formais enunciadas na primeira parte, o beneficiam como espaço lúdico.

Assim, sendo a proximidade entre o parque urbano e o pátio interior dos quarteirões bastante reduzida, fornece ao residente uma variedade maior de opções no que concerne a vivência do espaço público. Desde permanecer pelo pátio, até passear pelo parque, é também possível apreciar estes espaços através da galeria ou da varanda. O contacto, seja directo ou indirecto, é na sua maioria dos casos fortuito e espontâneo devido à forte proximidade entre os ambientes público e residencial.

10.2.1. Pátio Interior

“Pátio: forma de agrupamento semelhante à “passagem”, mas com uma escala mais pequena, convindo quer a situações menos urbanas, quer a certas disposições do terreno.” (Coelho, 2007, p. 192)



Fig. 57 – Corte Perspectivado do Pátio

Fonte: Documento Próprio

Partindo da definição de Coelho (2007), o pátio, elemento inserido no centro do conjunto habitacional, surgiu como componente de bem-estar e convívio. Característica de todos os conjuntos habitacionais propostos, a imagem deste elemento central de configuração rectangular pretendeu-se despojada, de fácil acesso e sem roubar protagonismo ao edifício que o envolve. O pátio teve a sua origem no sentido de dotar os edifícios de um atravessamento contínuo, de ligação ao parque, que gerasse não só uma conexão entre os mesmos, mas que potenciase também a importância do parque como espaço de lazer. Assim, como reflexo

deste espaço mais vasto, surge a materialização do mesmo numa área mais pequena de forte ligação residencial (fig. 58).

“ o conceito de casa-pátio (...) é um grande exemplo a seguir tanto no uso do solo como na conservação da energia e na definição hierárquica das ruas, proporciona identificação mais íntima com a comunidade residente, e é um modelo urbano compacto que não desperdiça espaço resultando em distâncias pedonais razoáveis e numa densidade adequada a um eficaz sistema de transportes.” (Schoenauer, 1981, p. 241 citado em Coelho, 2007, p. 235)

O pátio proposto desenvolve-se assim, numa continuidade do atravessamento transversal, num espaço dedicado ao usufruto do residente, possuindo para isso uma extensa área verde. Aliado a estes elementos, surge um terceiro, desenvolvido para permitir uma vivência aleatória do espaço, dada pela extensão do atravessamento principal através de um conjunto de rampas mais suaves, dirigidas ao residente idoso (fig. 59).

Este espaço aberto ao exterior mantém ainda uma forte ligação com a galeria interior do edifício, que circunda todo o pátio. Assim, para além de permitir uma vivência do exterior próxima do âmbito residencial, possibilita também a sua observação para aqueles que se encontram impossibilitados de sair da habitação, ou então, em dias que não permitam um gozo mais prolongado, concede um contacto aproximado com o exterior. Este tipo de visão do pátio é partilhada por Norbert Schoenauer (1981, citado em Coelho, 2007) acerca da casa oriental e da importância que o pátio-ajardinado assume no seu equilíbrio vivencial.

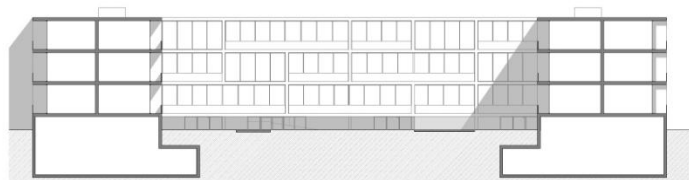
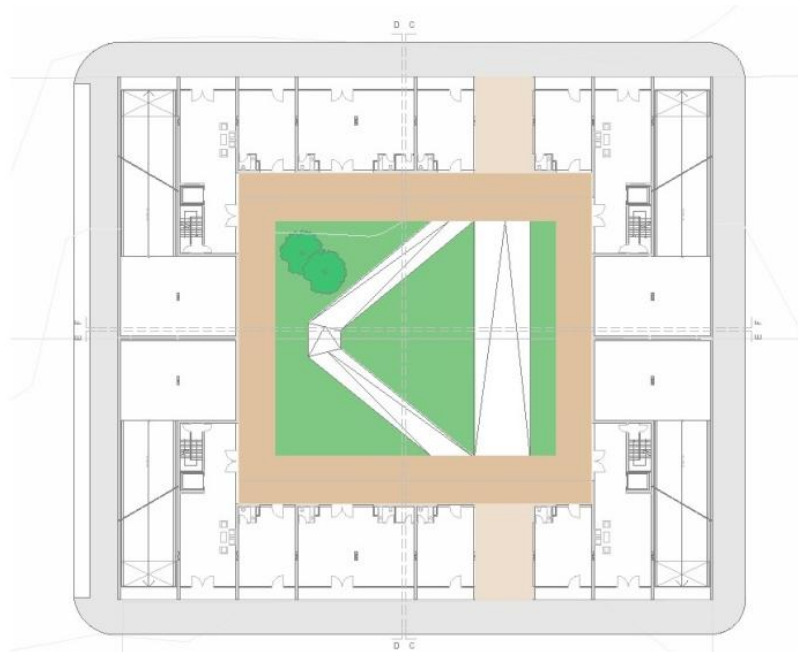
“(...) a mais importante das suas características é o pátio-ajardinado, espaço privado central e aberto, o pátio é o coração da casa urbana oriental e não existe em nenhuma outra língua uma expressão mais poética do que a chinesa para definir o pátio, «oferenda do céu», fonte que proporciona luz, ar e água da chuva à habitação (...).” (Schoenauer, 1981, p. 237 citado em Coelho, 2007, p. 235)

Apesar da sua inicial afinidade como espaço elementar da habitação unifamiliar, o pátio evoluiu e ao manter as suas características principais, é capaz de proporcionar o mesmo tipo de experiências e vivências do espaço, inserido contudo, num sistema multifamiliar mais extenso e diverso.

Segundo Ravetllat i Mira (1993) o pátio desenvolve-se como uma extensão exterior da habitação apesar de diferir em proporção, dimensão e função, o que contudo potencia as características espaciais da habitação enquanto espaço interior. Na maioria dos casos, as referências ao pátio estão intimamente ligadas com o espaço habitacional unifamiliar, no entanto as suas características são adaptáveis a outro tipo de vivências, garantindo assim o seu propósito na organização dos espaços.

No âmbito do tema de habitação para idosos, Iacomoni (2009) reforça a ideia da existência de um espaço aberto como representação de um ambiente de continuidade habitacional capaz de permitir ao residente idoso a realização de actividades lúdicas, bem como um contacto generalizado com um espaço exterior próximo que pode considerar seu.

Em suma, o pátio é um elemento complementar do sistema de habitação assistida, tornando-se modelador de vivências e relações intergeracionais.



Corte F-F



Corte D-D



Corte E-E



Corte C-C

Fig. 58 – Planta e Cortes-Alçado interiores - Pátio

Escala: 1.1000 Fonte: Documento Próprio



Fig. 59 – Pátio - Perspectivas

Fonte: Documento Próprio

10.3. Zonas de Estar

As zonas de estar do edifício incluem-se um pouco por todo o espaço exterior às habitações. Num primeiro nível encontra-se uma pequena zona de estar junto à entrada para o edifício, fundamental ao possível descanso do residente, especialmente no que concerne os indivíduos idosos. Surge também, nos pisos 2 e 3, um espaço no extremo da galeria concebido como pequeno clube sénior. Este espaço pode também assumir outros aproveitamentos, sobretudo no referente a actividades lúdicas diárias levadas a cabo tanto pelos residentes idosos, como pelos habitantes mais jovens.

10.3.1. Galeria

“Galeria: bem tratada e dimensionada pode ser um prolongamento elevado da rua, para isso tem de ter adequadas dimensões e ser tratada com uma certa transparência, mas também tem de ser um sítio abrigado e agradável, e que sirva um número reduzido de fogos.” (Coelho, 2007, p. 193)



Fig. 60 – Galeria

Fonte: Documento Próprio

Enquadrada nas zonas de estar do edifício encontra-se a galeria. Este espaço intermédio entre o interior e o exterior do edifício permite ao residente, não só o acesso ao seu apartamento, mas também a possibilidade de usufruir de um local reservado a encontros e relações com a vizinhança permitindo o seu aproveitamento também para fins lúdicos. Este

espaço, tal como o pátio que enquadra, permite um prolongamento da área habitacional, fornecendo ao residente a possibilidade de o experienciar de uma forma bastante próxima. As janelas abertas para este espaço, configuradas na zona da cozinha, permitem um reforço desta relação e uma analogia com o que comumente acontece nas habitações unifamiliares com uma relação próxima com a rua.

A galeria faz assim a ponte entre uma relação dimensional gradual entre espaços do conjunto habitacional. Varanda/habitação, galeria e pátio, são 3 dimensões espaciais que permitem ao residente usufruir do espaço exterior de formas ambivalentes. Neste conjunto, a galeria possui uma relação mais íntima com o pátio, duplicando o sentido de varanda, onde são potenciadas fortes relações de vizinhança e um contacto secundário com o ambiente do pátio.

O residente dispõe assim de uma panóplia de espaços geradores de situações vivenciais diversas, onde a galeria assume um papel de convergência entre diferentes espaços e consequentemente, de diferentes actividades.

“(…). Visibility of the garden from inside, as well access to the outside is important for residents and staff in long-term care settings.” (Brawley, 2006, p. 281)²⁰

²⁰ “(…). A visibilidade do jardim do interior, assim como o acesso ao exterior é importante para os moradores e funcionários em ambientes de longa permanência. ” (tradução livre)

11. O APARTAMENTO

“Residents in assisted living schemes and serviced apartments enjoy a way of living that in some ways resemble living in a hotel, with the associated security and comfort it provides at extra cost. This concept comprises a wide range of housing for the elderly with the provision of care services. (...)” (Feddersen e Lüdtke, 2009, p. 103)²¹

Pensar o apartamento é pensar a habitação, a residência, o lar. É pensar em modos de vida e quotidianos. O apartamento, num edifício programado para habitação assistida, deve considerar, na globalidade de residentes, os pressupostos que primeiramente definem a habitação para idosos. Assim, alheios aos serviços que possam ou não ser requeridos, os apartamentos devem incorporar os elementos básicos e essenciais à actividade diária, sem esquecer o conforto e bem-estar.

“Comfort is quite clearly a central aspect of this typology, supplemented by individual personal and health services as required.” (Feddersen e Lüdtke, 2009, p. 103)²²

Os valores que suportam a definição deste tipo de habitação, como a independência e autonomia devem integrar todos os apartamentos propostos e não apenas a habitação para idosos. Assim, foram definidos 5 tipos de apartamentos, englobados num sistema de coerência formal e funcional e direccionados para públicos específicos. Incluídos na intenção de uma intergeracionalidade potenciada não só pelos indivíduos, mas também pela integração das habitações entre si, os apartamentos caracterizam tanto os residentes mais velhos, como os mais jovens.

Neste contexto definiu-se o apartamento T₁ como habitação para idosos e os restantes direccionados para residentes jovens. No conjunto englobam-se assim tipologias, T₁, T₂, T₂ duplex e T₄ duplex, na sua maioria para residentes jovens. No entanto, a tipologia T₁ é a que mais

²¹ Os residentes em esquemas de habitação assistida e apartamentos com serviços desfrutam de um modo de vida que de certa forma se assemelha a viver num hotel, com segurança e conforto associados, que proporciona com um custo extra. Este conceito engloba uma ampla gama de habitação para idosos com uma prestação de serviços de saúde. (...). (tradução livre)

²² O conforto é claramente um aspecto central desta tipologia, complementado por serviços pessoais e individuais de saúde, conforme necessário. (tradução livre)

apartamentos detém, de modo a não afastar a intenção de um edifício que privilegia, na sua base, o residente idoso.

Numa mistura coerente destas tipologias, foi reforçada uma integração de edifícios que variam entre habitação para jovens e habitação para idosos. Este tipo de inclusão dos apartamentos permitia não só um desenho dinâmico da fachada, mas também uma natural vivência intergeracional. A imagem de uma fachada dinâmica é ainda suportada pela introdução de grandes vãos envidraçados, que caracterizam, na maioria das situações, o quarto e a sala das habitações.

O desenvolvimento evolutivo das tipologias teve como base o apartamento definido como habitação para idosos, o T1, tendo sido este a ocasionar os restantes. Assim, numa forte analogia com o sistema das Matrioskas - bonecas russas que se desmultiplicam a partir de uma só boneca (fig. 61) – é também a partir do T1 que se originam todas as outras tipologias.



Fig. 61 – Matrioskas

Fonte: <http://www.freakingnews.com/Matryoshka-Dolls-Pictures--1943.asp>

Com características formais e funcionais semelhantes ao T₁, existe em todos os apartamentos uma duplicação do módulo-base (T₁). Quer seja a nível superior, no caso do T₂ duplex, ou superior e lateral no caso do T₄ duplex, essa duplicação define sempre a compatibilidade com o apartamento que lhe serviu de suporte.

11.1. T₁ – o módulo base

A definição do apartamento T₁ como módulo-base obedeceu a um estudo de situações específicas enquadradas nas necessidades básicas do morador-alvo, o idoso. Com uma área de cerca de 67m², este apartamento distribuído num rectângulo de 6,70x10m, divide-se numa

zona social, onde se insere a sala e cozinha, e uma zona privada, onde se inclui o quarto (dimensionado para um casal de idosos) e a instalação sanitária (fig. 62).

Todo o apartamento cumpre as acessibilidades elementares à possível circulação de cadeira de rodas, bem como o acesso separado à zona de casa-de-banho, de modo a abranger possíveis visitas. Se se encontrar impossibilitado de sair de casa, o idoso deve poder usufruir da sua habitação livremente e sem impedimentos, mantendo uma relação com o exterior, a partir não só da varanda, mas também da comunicação da cozinha com a galeria.

Este apartamento desenvolve-se do piso 1 ao piso 3, existindo apenas 2 apartamentos no último piso e sendo o primeiro o que mais apartamentos possui. Esta diferença entre pisos deve-se à ocorrência da redução das faculdades de locomoção que surgem com a idade, podendo existir contudo quem privilegie as qualidades de um último andar.

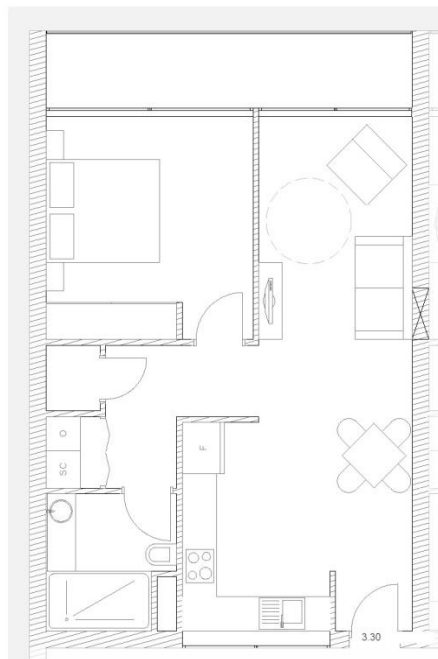


Fig. 62 – Módulo-base – T₁

Escala: 1.150 Fonte: Documento Próprio

A definição de Neufert (2002, p. 565) para a execução de um apartamento para idosos, que serviu de base para o arranque da execução do módulo-base, expõe um conjunto de espaços básicos neste tipo de apartamentos, dos quais se destacam a existência de varanda. Este elemento possui uma importância relevante no elemento habitacional, não só por se afirmar como uma ligação mais próxima entre o habitante e o exterior, mas também, porque no caso específico da habitação assistida, a integração de varandas nos apartamentos

reflectem uma maior independência do morador, funcionando como estímulo visual para a actividade exterior.

“(...) uma reinvenção da varanda, que, entre outros aspectos funcionais, transforma um fogo de um grande edifício multifamiliar num fogo com muitas das características formais de um unifamiliar, marcando escalas de proximidade humanizadas.” (Coelho, 2007, p. 275) - sobre o projecto do *atelier* Promontório para Telheiras.

11.2. T₁ lateral

Com ligação directa ao T₁ que representa o módulo-base, este apartamento por se situar nos pontos de ligação entre edifícios, ou seja, nos alçados laterais, possui uma configuração adaptada a esta localização. Este apartamento partilha todas as características do que lhe dá origem, à excepção da dimensão do quarto que é favorecida pela forma do apartamento – um rectângulo 6,70x 8,50m – no qual o alçado principal é definido pela maior dimensão. Este apartamento de cerca de 57m², possui duas variações, uma em contacto com o pátio interior e outra com o arruamento (fig.63). Este apartamento, apesar das semelhanças com o T₁ base, funcionaria como habitação de possíveis funcionários a integrar nos serviços oferecidos pelo sistema de habitação assistida, pois oferece uma observação completa de toda a galeria de acesso aos apartamentos, bem como do pátio – no caso do apartamento voltado para este espaço - podendo por isso funcionar como elemento de segurança e monitorização.

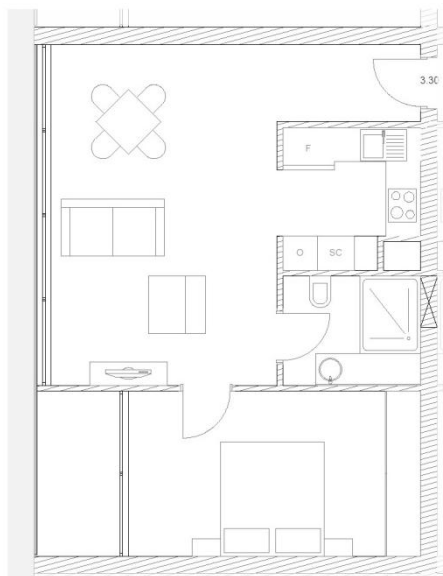


Fig. 63 – T₁ lateral Escala: 1:150 Fonte: Documento Próprio

11.3. T₂ duplex

O T_{2 duplex} apresenta-se como uma multiplicação do módulo-base, sendo o primeiro piso, por isso semelhante ao T₁, à exceção da inexistência de quarto, sendo favorecida a área de estar (fig. 65) e a não inclusão de uma instalação sanitária completa, visto os quartos se desenvolverem no piso acima. Estes apartamentos são distribuídos de forma a complementarem, tal como os outros, os T₁ para idosos no que concerne à introdução de habitação jovem. As características a integrar no T₁ para idosos devem também integrar o T_{2 duplex} e restantes tipologias para famílias mais jovens, sendo a partir delas que se procede a adaptações ajustadas ao tipo de residente. Desenvolvidos em 4 apartamentos, todos os pisos do T_{2 duplex} têm contacto com a galeria, através da cozinha – no piso 1, e de um espaço de estudo – no piso 2 (fig. 64).

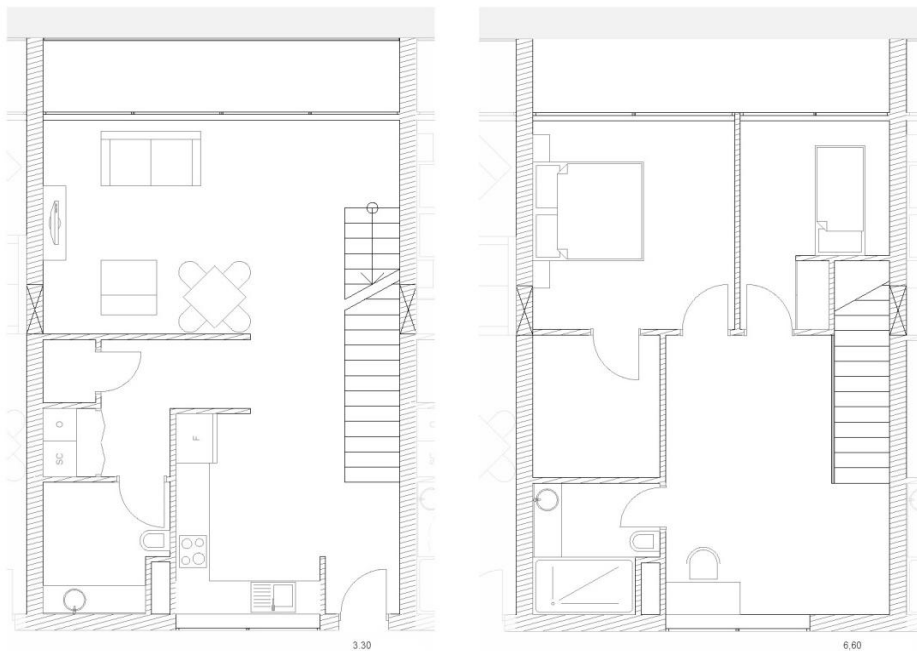


Fig. 64 – T₂ duplex

Escala: 1.150 Fonte: Documento Próprio

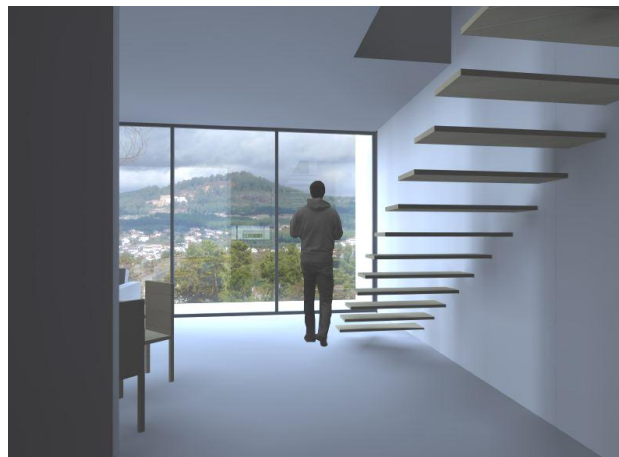


Fig. 65 – T₂ duplex – Vista interior

Fonte: Documento Próprio

11.4. T₄ duplex

No que toca o T_{4 duplex}, um apartamento em L, direccionado para famílias jovens, é dada maior importância a uma zona social ampla, na qual a dimensão do módulo base é totalmente ocupada por uma zona de sala e cozinha com apoios de lavandaria e arrumos. Diametralmente, também o módulo lateral, reservado aos quartos e acesso ao segundo piso possui uma área mais alargada, em todo semelhante à situação no piso acima. Este apartamento tal como o T₂, é projectado tendo em conta a existência de um possível morador inabilitado, visto cumprir também os pressupostos quanto a acessibilidades, e possuir 2 quartos no nível inferior da habitação (fig.66 e 67).

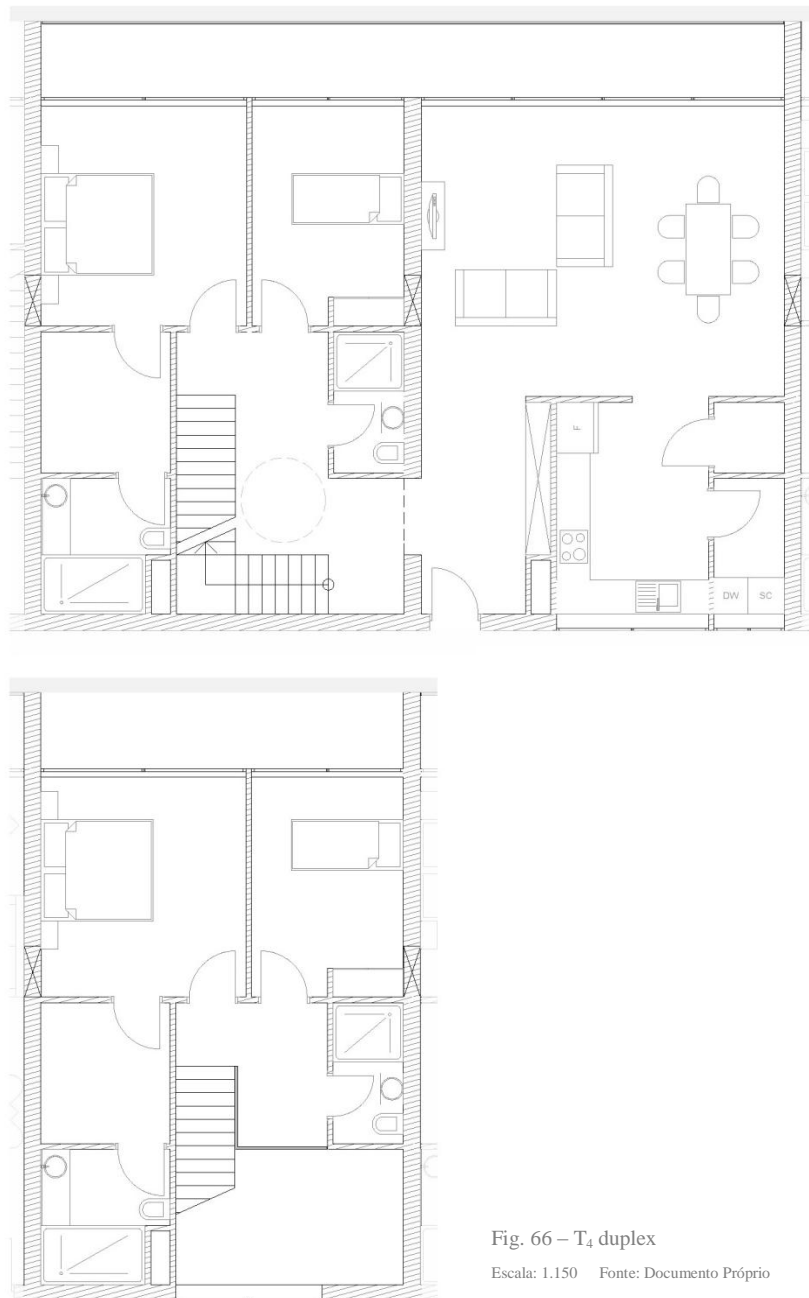


Fig. 66 – T₄ duplex

Escala: 1.150 Fonte: Documento Próprio



Fig. 67 – Quarto

Fonte: Documento Próprio

11.5. T₂

Neste apartamento é dado particular interesse ao seu usufruto por parte de famílias mais velhas ou mais jovens, não só por cumprirem as acessibilidades, mas também porque é cada vez mais perceptível que os jovens portugueses adiam a saída de casa dos pais e por esse motivo, da mesma forma que o filho envelhece, também os pais envelhecem com ele e a necessidade de uma cama extra para além do formulado no módulo-base é uma carência premente. Este apartamento é pensado para ser habitado num espaço de tempo mais alargado – desde o início até ao fim da vida - contrariamente ao predisposto pelo módulo-base, que reflecte como habitante um idoso ou casal de idosos que escolhem aquele tipo de habitação por necessitarem de serviços de saúde (fig.68).

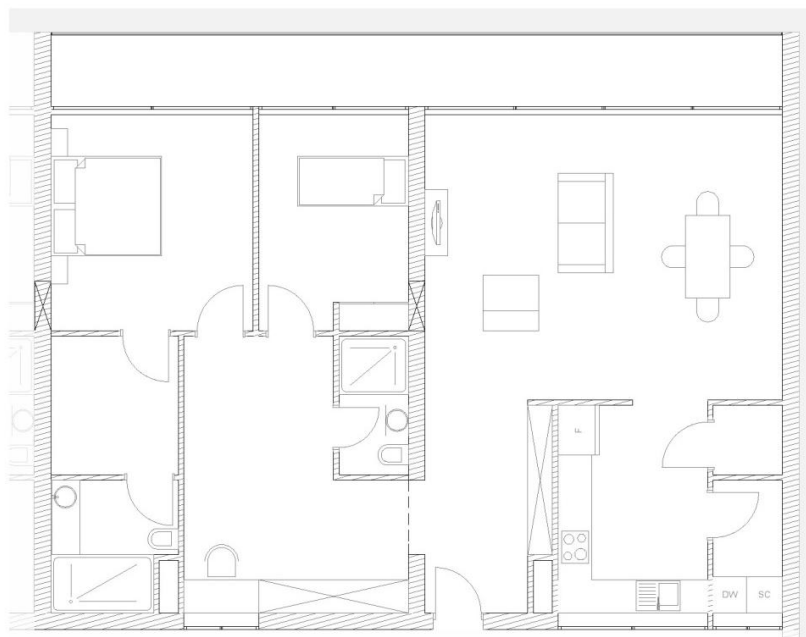


Fig. 68 – T₂

Escala: 1.150 Fonte: Documento Próprio

12. PORMENORIZAÇÃO CONSTRUTIVA

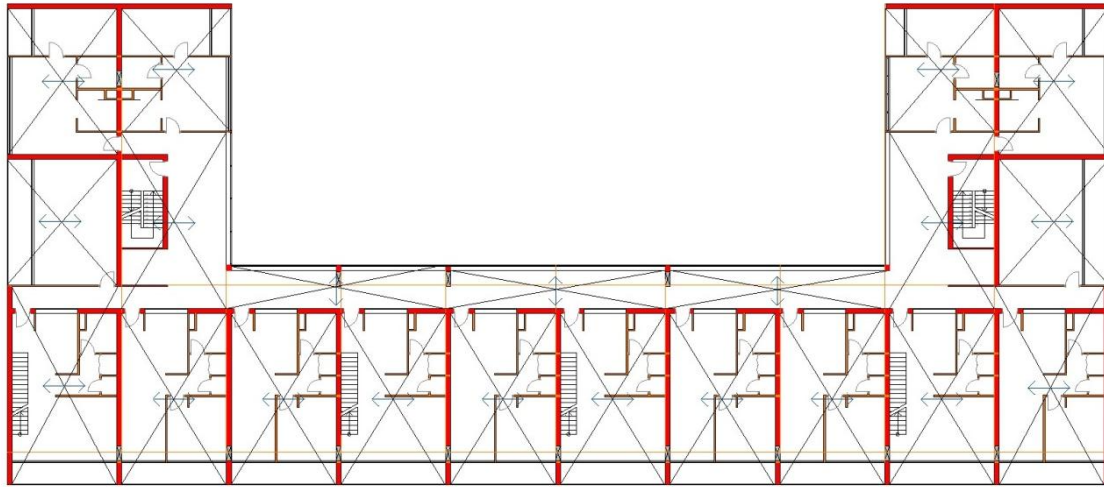


Fig. 69 – Esquema Estrutural – Piso 1

Escala: 1.500 Fonte: Documento Próprio

12.1. Esquema estrutural

Quanto à estrutura do edifício, esta desenvolve-se num sistema integrado de pilares e vigas de betão armado, com pontuais elementos estruturais, como os acessos verticais, também constituídos por paredes de betão. A marcação a azul define a direcção das vigotas integradas na laje aligeirada unidimensional. Já a sua interrupção define o começo da laje maciça necessária ao contrabalanço da zona de galeria. As paredes, em betão, definem todas as zonas sobre as quais recai todo o edifício, suportadas também por um conjunto de pilares, em betão armado, constantes em todos os pisos.

Marcadas a vermelho (fig.69) encontram-se as paredes de betão, de localização pontual utilizadas como um grande pilar/parede de modo a ser possível aliar dois módulos base e assim duplicar o espaço de varanda sem pilares visíveis na fachada, estando estes integrados na parede que acompanha a varanda. Com a excepção das paredes acima mencionadas, todas as paredes interiores que dividem os apartamentos são paredes simples em alvenaria de tijolo, todas as outras utilizadas para a criação de compartimentos interiores aos apartamentos são em gesso cartonado (marcadas a laranja – fig.69).

As varandas e galeria foram o ponto de origem para a solução estrutural apresentada, por constituírem pontos do edifício sobre os quais recaem diferentes escolhas, nomeadamente ao nível das lajes de piso.

Cada módulo base (6x10) possui duas lajes diferentes, uma criada para suportar a imagem de moldura da fachada principal e outra, desenvolvida de modo a resolver o balanço criado pela galeria interior.

12.2. Materiais

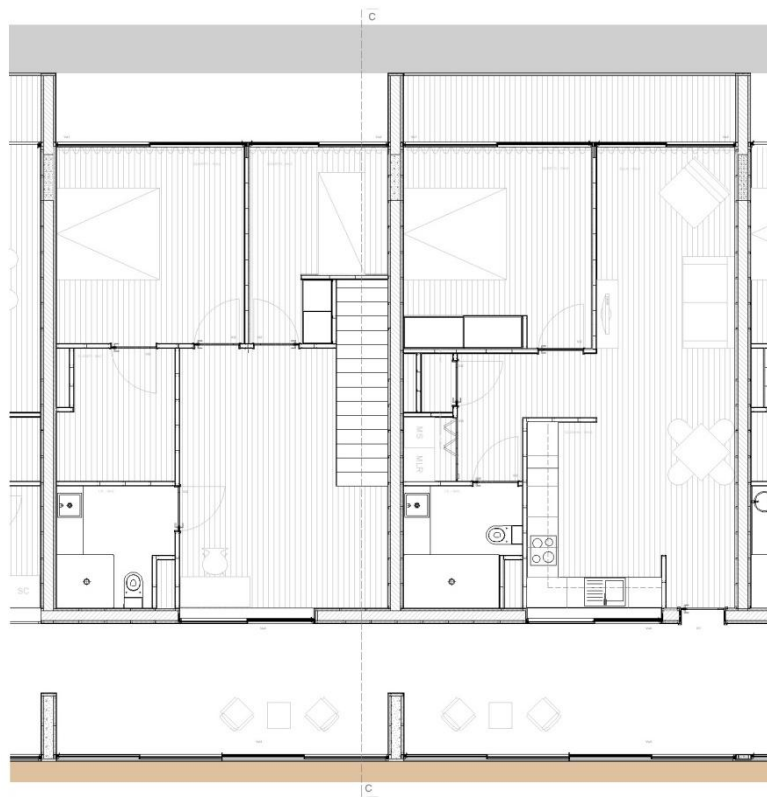
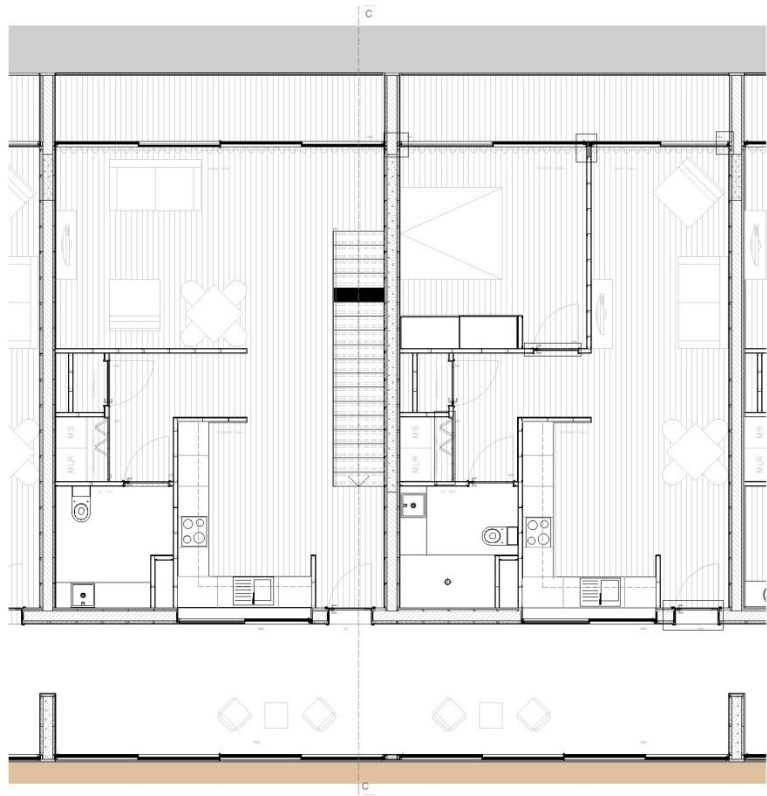
Quanto ao revestimento exterior optou-se pela utilização de isolamento térmico de forma contínua pelo exterior (*ETIC*), de modo a revestir o edifício de uma forma uniforme e coerente dada a importância das molduras dos apartamentos, definidas pelas lajes e paredes.

Quanto aos vãos exteriores, estes devem ser capazes de ocultar, a partir da caixilharia, lajes e paredes, ou seja, o tipo de caixilharia desejada deve parecer uma, de modo a que o plano da janela pareça um só, tanto a nível vertical (ocultação da laje no duplex), como a nível horizontal (ocultação de paredes divisórias) (figs. 71 e 72).

No que concerne às características de cada piso, neste ponto foi dada especial importância a todos os compartimentos constituintes do apartamento T₁ e T_{2 duplex}. Decisões tais como o material do pavimento da sala, em madeira de sucupira, em contraste com o branco das paredes, visam fortalecer uma dinâmica que insira não só o arranque das vistas para o vão exterior principal, mas também as escadas de acesso ao piso mais privado da habitação (no caso do duplex), que se devem fundir com o pavimento e demonstrar leveza e continuidade (fig. 70).

Em compartimentos mais reservados como o quarto e o sanitário, existe uma ambivalência gerada pela relação do quarto com a sala, ao nível das escolhas de materiais e pelo destaque do sanitário, constituído por duas paredes confrontantes revestidas a espelho (de modo a ampliar o espaço) e do pavimento revestido a betão afagado, que também caracteriza o duche (fig. 70).

Quanto à cobertura, ao usar-se o sistema *pluvia* em cada troço com uma média de 150 m², foi possível resolver o escoamento das águas pluviais através das coretes interiores do edifício, posteriormente ligadas à rede municipal.



PISO 1

PISO 2

Fig. 70 – Piso 1 e 2 (apartamento T1 e T2 duplex)

Escala: 1.150 Fonte: Documento Próprio

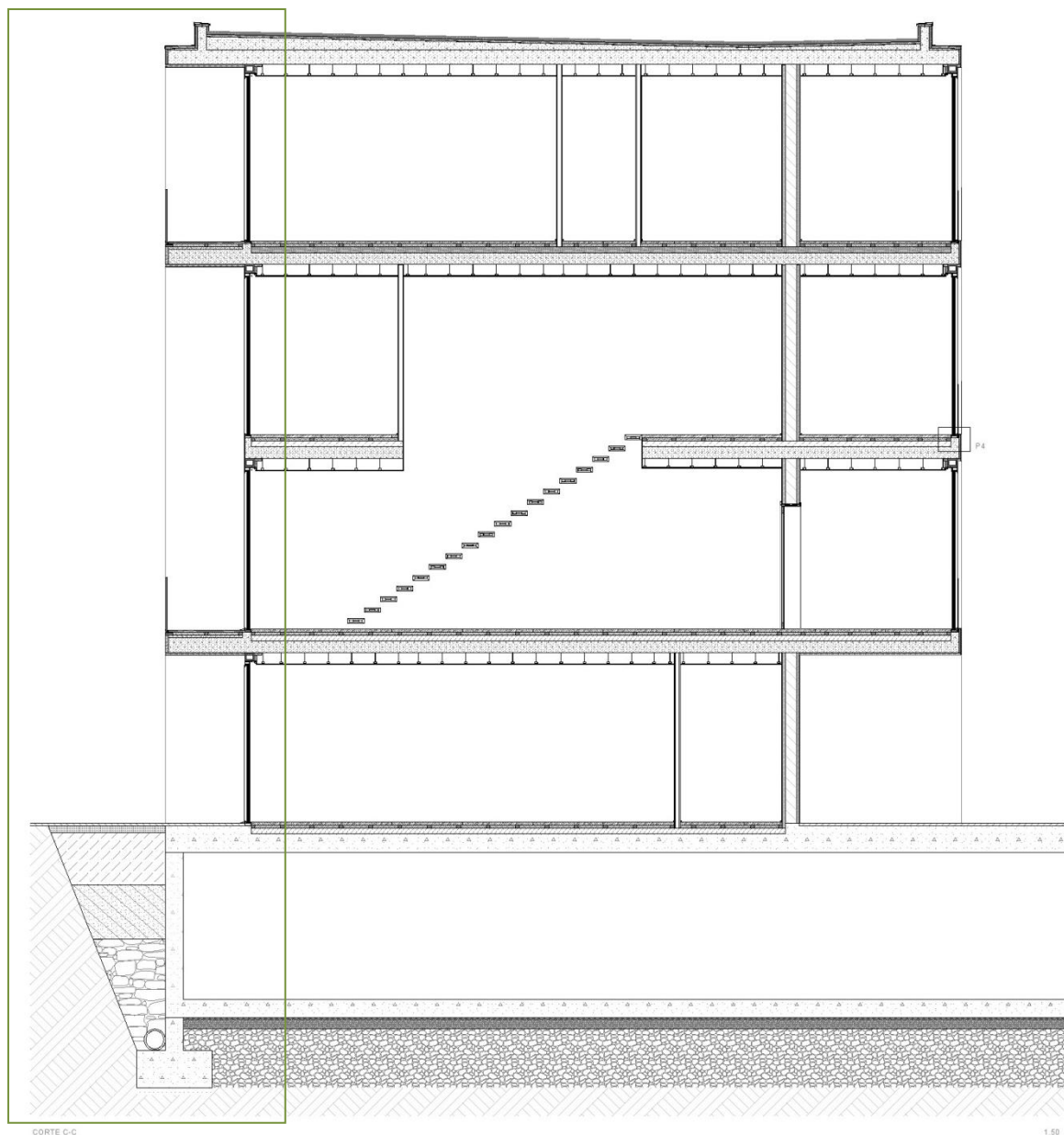


Fig. 71 – Corte C-C

Escala: 1.100 Fonte: Documento Próprio

A escada surge como elemento escultórico na sala. O momento em que arranca para o piso superior define a passagem, através de degraus aparentemente suspensos. Este tipo de elemento alia-se a uma parede de betão que suporta os elementos metálicos das escadas, envolvidos em madeira de sucupira, tal como no pavimento (fig. 71).

O corrimão foi pensado para ser um elemento que não perturbasse as escadas, materializando-se num perfil metálico rectangular, fixo em cada extremidade, pintado de branco, situado no lado oposto ao da parede que suporta a escada.

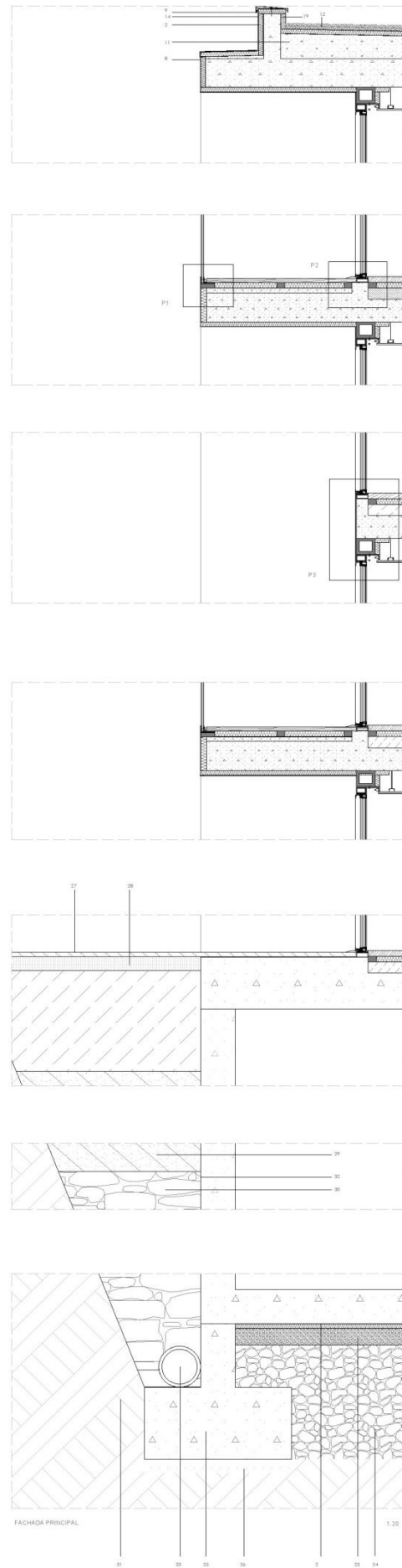
LEGENDA

- | | |
|------------------------|--------------------------------|
| 1 - GESSO CARTONADO | 9 - RUFO |
| 2 - ISOLAMENTO TERMICO | 10 - CORTINA |
| 3 - PRE-ARCO | 11 - CAMADA FORMA |
| 4 - GUARDA EM VIDRO | 12 - CAMADA GODO |
| 5 - CAIXILHO DE CORRER | 13 - LUMINÁRIA |
| 6 - SOALHO | 14 - TELA |
| 7 - SUPORTE EM MADEIRA | 15 - LAJE DE BETÃO |
| 8 - REBOCCO ETIC | 16 - PINGADEIRA |
| | 17 - CHAPA DE AÇO |
| | 18 - PERFIL METÁLICO |
| | 19 - IMPERMEABILIZAÇÃO |
| | 20 - MONTANTE DE TECTO |
| | 21 - PERFIL DE GUARDA DE VIDRO |
| | 22 - SOLEIRA |
| | 23 - BRITA DE REGULARIZAÇÃO |
| | 24 - ENROCAMENTO |
| | 25 - SAPATA |
| | 26 - BETÃO DE LIMPEZA |
| | 27 - LAJETAS DE BETÃO |
| | 28 - AREIA E CIMENTO |
| | 29 - TOUT-VENANT |
| | 30 - AREIA GROSSA |
| | 31 - TERRENO |
| | 32 - PINTURA BETUMINOSA |
| | 33 - GEODRENO |

Fig. 72 – Pormenorização da Fachada – Corte C-C

Fonte: Documento Próprio

Escala: 1:50



III. CONCLUSÃO

Habitar e Envelhecer no séc. XXI, é a base de um estudo sobre o tipo de suporte ao envelhecimento, que deve sustentar o indivíduo nesta fase da vida. Torna-se um tema pertinente, relativamente a boas políticas de suporte que ainda subsistem, e do qual a habitação assistida deve ser exemplo.

Existem poucos jovens e muitos idosos e a realidade do país não parece ter melhorias nos próximos anos. Aguarda-nos uma população maioritariamente envelhecida que carece de um nível de suporte adequado e especializado. Os lares de idosos são na maioria das vezes a solução mais fácil para colmatar as fragilidades físicas e mentais deste grupo etário, onde a família não parece oferecer uma ajuda permanente. A par desta fragilidade, a população idosa está progressivamente mais activa, o que a longo prazo se pode repercutir em novas determinações no que concerne ao apoio social e habitacional.

Do desenho urbano ao desenho arquitectónico, todo o estudo tentou abranger a população mais envelhecida como público-alvo, sem por isso esquecer a generalidade da população. No que concerne a proposta urbana, esta é maioritariamente caracterizada pela introdução de um parque urbano contíguo ao parque do Fontelo, propondo-se como limite Norte da solução arquitectónica.

Pensar em habitação assistida, com toda a pluralidade que a definição possa considerar, permitiu um desenvolvimento projectual capaz de incluir outros propósitos e valências aos residentes idosos. Apesar da habitação assistida não obedecer a um padrão, existem contudo características básicas que apesar de sustentadas careciam de ser complementadas. A introdução de elementos como pátio, galeria, varanda e diferentes tipologias dotaram o edifício proposto de elementos suplementares, que integrados suportaram uma evolução do termo habitação assistida para um patamar de adaptação a novos públicos, novas actividades e novos espaços. A habitação assistida inclui assim uma valorização intergeracional, que se reflecte numa habitação universal.

O apartamento adquire uma especialização formal e funcional, especialmente no que toca à tipologia definida como adequada à população idosa, multiplicando-se numa progressão habitacional ajustada a residentes mais jovens. O edifício obtém também características directamente relacionadas com as tipologias propostas, que se repercutem numa fachada dinâmica afastada de uma imagem representativa de um grupo específico de

habitantes. O edifício alcança uma visão global, abraçando assim uma vida cotidiana normalizada, a qual é valorizada pela proximidade do parque urbano e de uma diversidade de comércio e serviços, nos quais se valorizam os serviços de saúde.

Este estudo pretende reforçar a habitação assistida como solução à falta de apoios no processo de envelhecimento. Ao afastar o idoso da institucionalização, fortalecendo a sua independência, autonomia, bem-estar e conforto, a par com cuidados de saúde particularizados, a habitação assistida é progressivamente um suporte ao envelhecimento, ao bom envelhecimento.

“It is also interesting to think about what the future will hold for senior housing. I envision investors of conglomerates buying up properties or building new ones. They will make sure the places have a coffee house atmosphere like Starbucks, maybe called Seniorbucks.” (Benor, 2009, p. 170)²³

“(...). Elderly people see nursing homes as a place they go to die not to live; yet, the usual idea of home we tend to carry with us invokes life, contentment, and happiness.” (Frank, 2002, p. 2)²⁴

²³ É também interessante pensar sobre o que o futuro reserva para habitação de idosos. Prevejo investidores a comprar propriedades ou a construir novas. Vão fazer com que os lugares tenham uma atmosfera de café como o Starbucks, talvez chamado de Seniorbucks. (tradução livre)

²⁴ (...). Os idosos veem os lares como um lugar onde vão para morrer, não para viver; a ideia comum de casa, que queremos transportar, invoca vida, contentamento e felicidade. (tradução livre)

IV. BIBLIOGRAFIA

BAEZA, A.C., 2004. *A Ideia Construída*. Lisboa: Caleidoscópio.

PARTE 1

ALEXANDER, C., 1977. *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. London: Oxford University Press.

ASCHER, F., 2010. *Novos Princípios do Urbanismo / Novos Compromissos Urbanos – um léxico*. Lisboa: Livros Horizonte.

COELHO, A. B., 2007. *Habitação Humanizada*. Lisboa: LNEC.

COSTA, G., 2004. *Barcelona 1992-2004*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

DUANY, A., SPECK, J., LYDON, M., 2009. *The Smart Growth Manual*. New York: McGraw-Hill Professional.

FREITAG, M., 2004. *Arquitetura e Sociedade*. Lisboa: Dom Quixote.

GEHL, J., GEMZOE, L., 2001. *New City Spaces*. Copenhagen: The Danish Architectural Press.

GIRÃO, A. A., 1925. *Viseu – Estudo de um aglomerado urbano*. Coimbra: Coimbra Editora Lda.

LYNCH, K., 1990. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

MARSHALL, S., 2005. *Streets & Patterns*. London: Spon Press.

MCLEOD, V., 2008. *Detail in Contemporary Landscape Architecture*. London: Laurence King Publishers.

MOZAS, J.; FERNANDEZ PER, A., 2006. *Densidad – Nueva Vivienda Colectiva*. Vitoria-Gasteiz: A+T Ediciones.

PORTAS, N., 2007. *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. Lisboa: Livros Horizonte.

RELPH, E., 2002. *A Paisagem Urbana Moderna*. Lisboa: Edições 70.

ROSSI, A., 2001. *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Cosmos.

STRECHT, P., 2011. *Uma Certa Harmonia – notas sobre arquitectura, urbanismo e saúde mental infanto-juvenil*. Lisboa: Assírio e Alvim.

VAZ, J. L. I., 1997. *A Civitas de Viseu: Espaço e Sociedade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.

WEILACHER, U., 2008. *Syntax of Landscape*. Berlim: Birkhäuser.

PUBLICAÇÕES DA INTERNET

CARSTENS, D. Y., 1993. *Site Planning and Design for the Elderly: issues, guidelines, and alternatives*. New York: John Wiley & Sons. Disponível em: <http://goo.gl/pL42W>

PARTE 2 e PARTE 3

ÁBALOS, I., 2001. *A Boa-Vida – visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

BENOR, R. S., 2009. *The Keys to Senior Housing: a guideline for two generations*. Baltimore: Publish America.

BLOOMER, K. C., MOORE, C. W., 1977. *Body, Memory, and Architecture*. London: Yale University Press.

BRAWLEY, E. C., 2006. *Design innovations for aging and Alzheimer's: creating caring environments*. New York: John Wiley & Sons.

BROTO, C., 1998. *Residences for the elderly*. Barcelona: Monsa.

CABRITA, A.R., 1995. *O homem e a casa*. Lisboa: LNEC.

- CHAPMAN, W.; ROSENFELD, J. P., 2008. *Home design in an aging world*. New York: Fairchild Books.
- COELHO, A. B., 2007. *Habitação Humanizada*. Lisboa: LNEC.
- DARÉ, A. C. L., 2010. *Design Inclusivo: o impacto do ambiente doméstico no utilizador idoso*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- FEDDERSEN, E., LÜDTKE, I., 2009. *A Design Manual – living for the elderly*. Basel: Birkhäuser.
- HUBER, A., 2008. *New Approaches to Housing for the Second Half of Life*. Basel: Birkhäuser.
- LAMSTER, M., 2000. *Architecture and Film*. New York: Princeton Architectural Press.
- MINGUET, J. M.; MIRA, O., 2009. *Contemporary Living Spaces for the Elderly*. Barcelona: Monsa.
- MORE, T., 1995. *Utopia*. Lisboa: Edições Europa-América.
- MOSTAEDI, A., 2003. *Homes for Senior Citizens*. Barcelona: Monsa.
- NEUFERT, E., 2002. *Arte de projectar em arquitectura*. 17^a ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- OMS, 2009. *Global age-friendly cities - Guia das Cidades Amigas dos Idosos*. Lisboa: OMS.
- PALLASMAA, J., 2006. *Los ojos de la piel*. Barcelona. Editorial Gustavo Gili.
- PORTER, D. R., 1995. *Housing for Seniors: Developing Successful Projects*. Washington: Urban Land Institute.
- RAVETLLAT i MIRA, P. J., 1993. *La casa pompeyana: referencias al conjunto de casas-patio realizadas por L. Mies Van der Rohe en la década 1930-40*. Barcelona: Escola Técnica Superior d'Arquitectura.
- REGNIER, V., 1994. *Assisted Living Housing for the Elderly: design innovations from the United States and Europe*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

REGNIER, V., 2002. *Design for Assisted Living: guidelines for housing the physically and mentally frail*. New York: John Wiley & Sons.

SCHITTICH, C., 2004. *High Density Housing*. Munich: Birkhäuser Detail.

SCHITTICH, C., 2007. *Housing for People Of All Ages*. Munich: Birkhäuser Detail.

SPAR, J. E., LA RUE, A., 1997. *Guia de Psiquiatria Geriátrica*. Lisboa: Climepsi Editores.

STRECHT, P., 2011. *Uma Certa Harmonia – notas sobre arquitectura, urbanismo e saúde mental infanto-juvenil*. Lisboa: Assírio e Alvim.

PUBLICAÇÕES DA INTERNET

AIA - American Institute of Architects, 2006. *Design for aging review*. 8ª ed. Mulgrave: Images Publishing Dist. A/C. Disponível em: <http://goo.gl/n2Ltq>

CARRILHO, M. J., GONÇALVES, C., 2004. *Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento*. INE - Revista de Estudos Demográficos nº 36 (175). Disponível em: <http://goo.gl/I2T5o>

CARRILHO, M. J., PATRICIO, L., 2010. *A situação demográfica recente em Portugal*. INE - Revista de Estudos Demográficos nº 48 (101). Disponível em: <http://goo.gl/I2T5o>

ECKERT, J. K. et al., 2009. *Inside Assisted Living: the search for home*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. Disponível em: <http://goo.gl/bPfOM>

FRANK, J. B., 2002. *The Paradox of Aging in Place in Assisted Living*. Westport: Greenwood Publishing Group, Inc. Disponível em: <http://goo.gl/DWZAO>

GEHL, J., 2006. *La Humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, SA. Disponível em: <http://goo.gl/XwRHn>

GOLDENBERG, L., 1981. *Housing for the elderly: new trends in Europe*. New York: Garland STPM Press. Disponível em: <http://goo.gl/hdS40>

- HARRIGAN, J. E., RAISER, J. M., RAISER, P. H., 1998. *Senior Residences: designing retirement communities for the future*. New York: John Wiley & Sons.
Disponível em: <http://goo.gl/KtbmH>
- IACOMONI, A., 2009. *Architetture per Anziani*. Firenze: Alinea Editrice. Disponível em:
<http://goo.gl/FbMQo>
- KATSURA, H. M., STRUYK, R. J., NEWMAN, S. J., 1989. *Housing for the Elderly in 2010: projections and policy options*. Washington: The Urban Institute Press.
Disponível em: <http://goo.gl/EmQsd>
- McCALLION, P., 2007. *Housing for the elderly: policy and practice issues*. Binghamton: The Haworth Press. Disponível em: <http://goo.gl/zAOcM>
- PASTALAN, L. A., BAKER, P. M., PRINCE, M. J., 1990. *Optimizing housing for the elderly: homes not houses*. Binghamton: The Haworth Press. Disponível em:
<http://goo.gl/Avhwh>
- PERKINS, B., HOGLUND, J. D., KING, D., COHEN, E., 2004. *Building type basics for: Senior Living*. New Jersey: John Wiley & Sons. Disponível em:
<http://goo.gl/r8C23>
- RESNICK, B., MITTY, E., 2009. *Assisted Living Nursing: a manual for management and practice*. New York: Springer Publishing Company. Disponível em:
<http://goo.gl/4il6u>
- SCHWARZ, B., 1999. *Aging, Autonomy and Architecture: advances in assisted living*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. Disponível em:
<http://goo.gl/gbnOq>
- SCHWARZ, B., 2001. *Assisted Living: Sobering Realities*. Binghamton: The Haworth Press.
Disponível em: <http://goo.gl/TcWO9>
- SMITH, D. B., 2003. *Reinventig Care: assisted living in New York City*. Nashville: Vanderbilt University Press. Disponível em: <http://goo.gl/McM09>
- SULLIVAN, L. H., 1896. *The Tall Office Building Artistically Considered*. Triton College.
Disponível em:
<http://academics.triton.edu/faculty/fheitzman/tallofficebuilding.html>

ZIMMERMAN, S., SLOANE, P. D., ECKERT, J. K., 2001. *Assisted Living: needs, practices, and policies in residential care for the elderly*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. Disponível em: <http://goo.gl/4HAug>

DOCUMENTOS LEGISLATIVOS

PORTARIA 216/B 2008 – DIÁRIO DA REPÚBLICA – I SÉRIE Nº 44 DE 3 DE MARÇO DE 2008

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS Nº 173/95. DIÁRIO DA REPÚBLICA - I SÉRIE B. Nº 291 DE 19.12.1995 - PDM DE VISEU

V. ÍNDICE DE FIGURAS

PARTE 1

Fig.1	Viseu	13
Fig.2	Área de Intervenção	15
Fig.3	Hipsometria	17
Fig.4	Hipsometria e Malha Viária	18
Fig.5	Hipsometria e Malha Urbana	19
Fig.6	Linhas de Água	20
Fig.7	Malha Viária – Viseu	22
Fig.8	Malha Viária – Acesso Local	23
Fig.9	Malha Viária – Situação Existente	24
Fig.10	Malha Viária – Situação proposta pela CMV	25
Fig.11	Zonas de Conflito	26
Fig.12	Planta de Condicionantes	28
Fig.13	Ocupação do Solo - Panoramas	29
Fig.14	Ocupação do Solo	30
Fig.15	Periferia da Área de Intervenção	32
Fig.16	Habitação Unifamiliar	33
Fig.17	Habitação Multifamiliar	34
Fig.18	Rés-do-chão + 1	35
Fig.19	Rés-do-chão + 2	36
Fig.20	Rés-do-chão + 3	37
Fig.21	Rés-do-chão + 4	38
Fig.22	Rés-do-chão + 6	39
Fig.23	Comércio	40
Fig.24	Indústria	41
Fig.25	Planta de Cheios e Vazios – Edifícios	43
Fig.26	Planta de Cheios e Vazios – Lotes	44
Fig.27	Mapa Mental	46

Fig.28	Perfil Parque/Via Principal	47
Fig.29	Arruamento-tipo	47
Fig.30	Estratificação Viária	48
Fig.31	Michael Van Valkenburgh – <i>Mill Race Park</i>	49
Fig.32	Planta da Solução Urbana	50
Fig.33	Corte Transversal da Solução Urbana	51

PARTE 2

Fig.34	Idoso	56
Fig.35	Tabela da Proporção da População Idosa em Portugal	58
Fig.36	Pirâmides Etárias da População Residente - Portugal	59

PARTE 3

Fig.37	<i>Pile up</i> – Hans Zwimpfer	72
Fig.38	<i>The Dillon</i> – Smith-Miller e Hawkinson	72
Fig.39	<i>Habitação para idosos</i> – Dietrich Schwarz	73
Fig.40	<i>Centro Cívico e Apartamentos para Idosos</i> – S. Serrat, G. Egea e C. Garcia	73
Fig.41	Conceito – Lógica do Alçado em Peças	75
Fig.42	Conceito – Alçado Principal	76
Fig.43	Fachada – Perspectiva	77
Fig.44	Fachada Principal – Perspectiva	78
Fig.45	Axonometria de Pisos	79
Fig.46	Edifício – Fachada Principal e Alçado Lateral	81
Fig.47	Quarteirão – Rés-do-chão	82
Fig.48	Quarteirão – Piso 1	82
Fig.49	Quarteirão – Piso 2	83
Fig.50	Quarteirão – Piso 3	83
Fig.51	Quarteirão – Piso -1	84
Fig.52	Alçados Laterais Nascente e Poente	84

Fig.53	Rede de Serviços	86
Fig.54	Rede de Serviços entre quarteirões	87
Fig.55	Corte A-A	88
Fig.56	Corte B-B	88
Fig.57	Corte Perspectivado do Pátio	89
Fig.58	Planta e Cortes-Alçado interiores – Pátio	92
Fig.59	Pátio – Perspectivas	93
Fig.60	Galeria	94
Fig.61	Matrioskas	97
Fig.62	Módulo Base – T ₁	98
Fig.63	T ₁ Lateral	99
Fig.64	T ₂ duplex	100
Fig.65	T ₂ duplex – Vista interior	100
Fig.66	T ₄ duplex	101
Fig.67	Quarto	102
Fig.68	T ₂	102
Fig.69	Esquema Estrutural – Piso 1	103
Fig.70	Piso 1 e 2 (apartamentos T ₁ e T ₂ duplex)	105
Fig.71	Corte C-C	106
Fig.72	Pormenorização da Fachada (Corte C-C)	107

A N E X O S

MAQUETE



P A I N E I S F I N A I S

Habitare e Envelhecer no Séc. XXI

ARQUIAÇÃO VERSÃO EDUCAÇÃO
 GRAFIA: GRAPHISOFT

CORTES _ SOLUÇÃO URBANA



CORTES A

1:1000



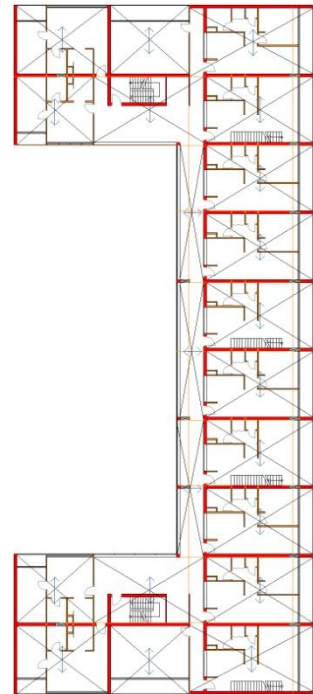
CORTES B

1:1000



COMUNHO HABITACIONAL

1:500



ESTRUTURA

1:200



Perspetiva Fachada

Interiores: Pórtico, Habitação multifamiliar, única

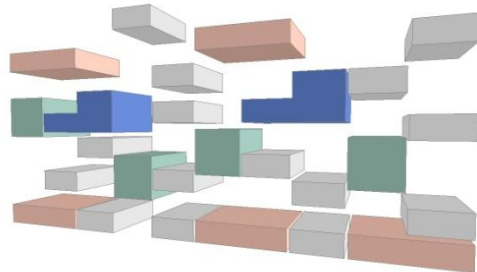
Clayco Martins e Filipe Almeida (arquitectos) remodelação universidade pólo 3, Coimbra

Sergio Samil, Sílvia Egas e Cristina Sáncos (arquitectos) edifício técnico e apartamentos para idosos, Barcelona, 2009

Dwight Driessens (interiores) projeto idosos, Suíça

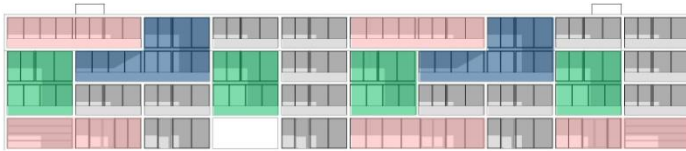
Universidade Católica Portuguesa CDE - 2010 de Vila	Projeto Integrado de Remediação 17º ano de Novembro - 2010/2011	Cliente: Maria João B. C. P. da Fonseca Docentes: Prof. Ana, Domingos, Ana, António Carvalho	Maio de 2012	Folha nº 2
Maio e Junho de 2012	Maio e Junho de 2012	Maio e Junho de 2012	Maio e Junho de 2012	Maio e Junho de 2012

H a b i t a r e E n v e l h e c e r n o S é c . X X I

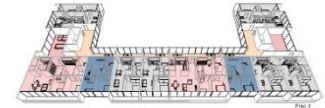


Lógica de Alças

T1 - T2 - T2 duplex - T4 duplex



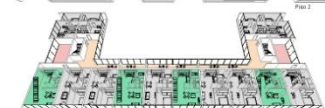
Lógica de Alças



Plano 1



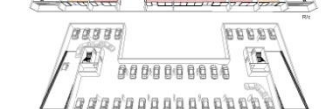
Plano 2



Plano 3



Plano 4

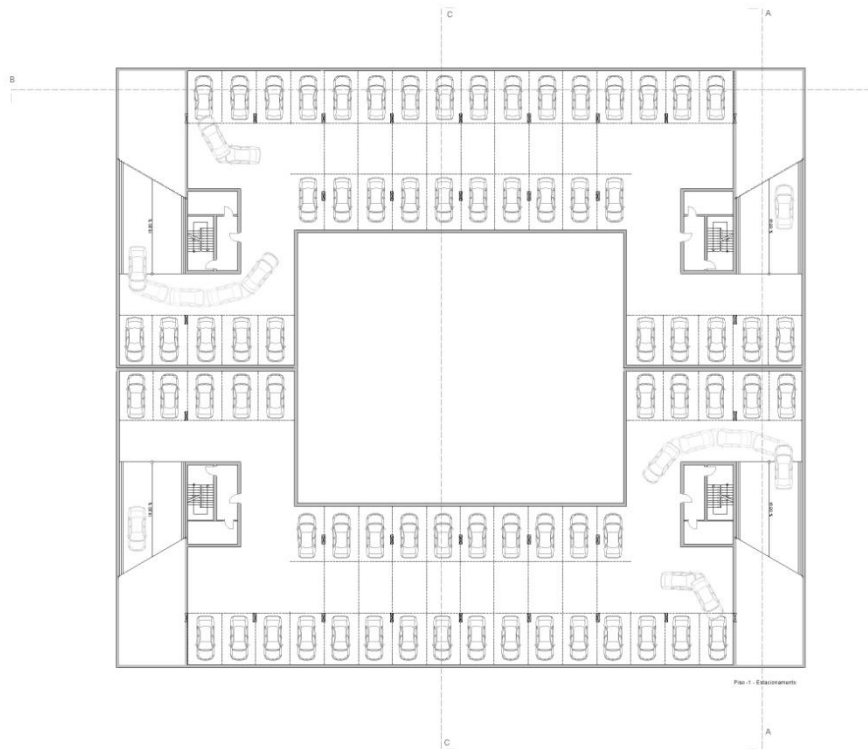


Plano 5



Plano 6

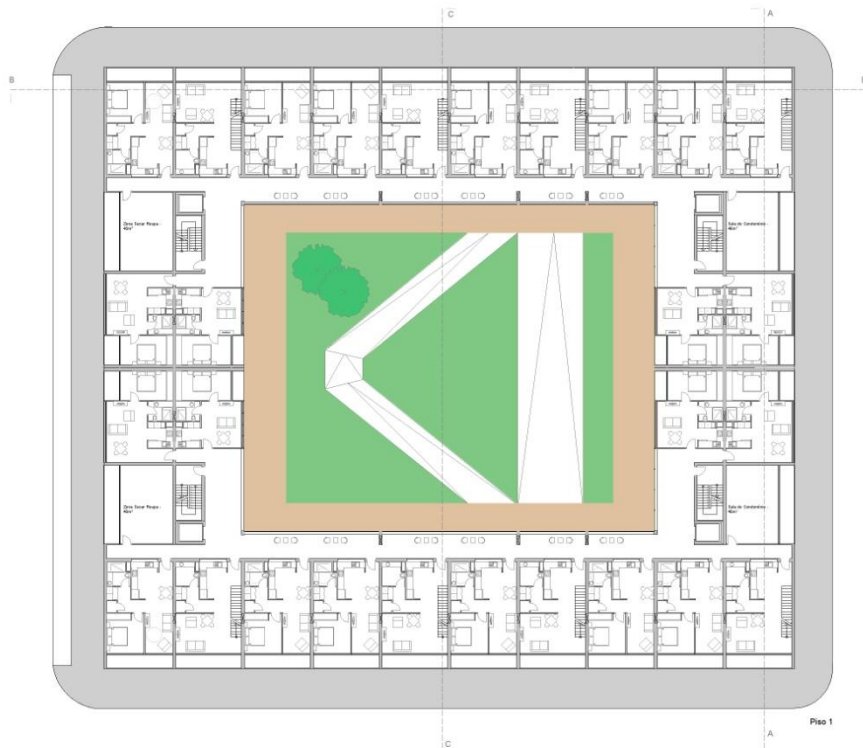
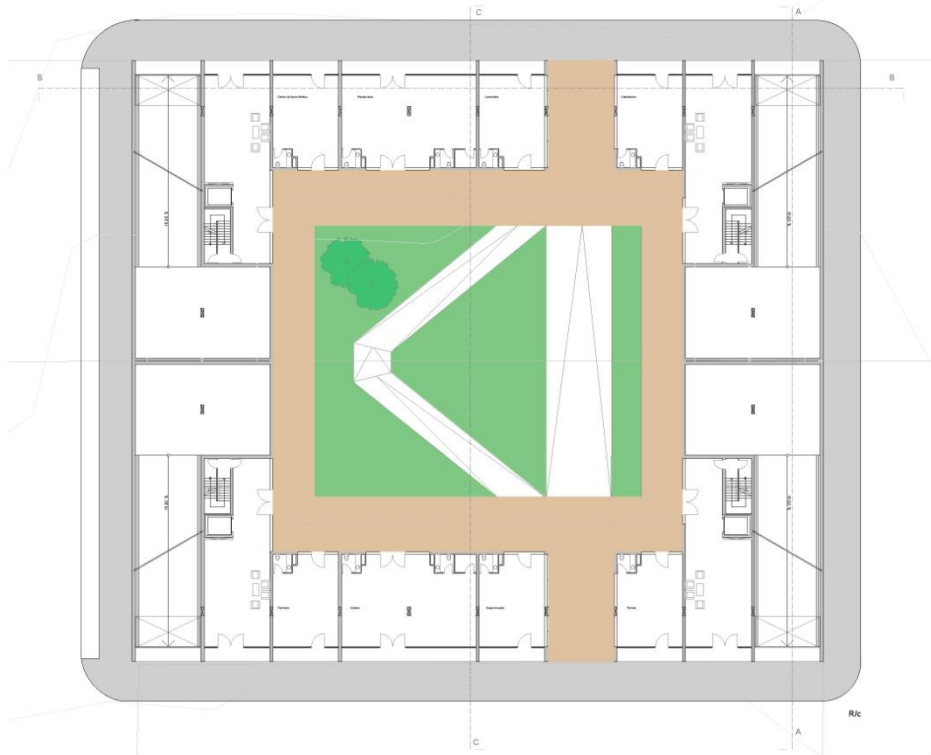
Paragem Exterior Interior

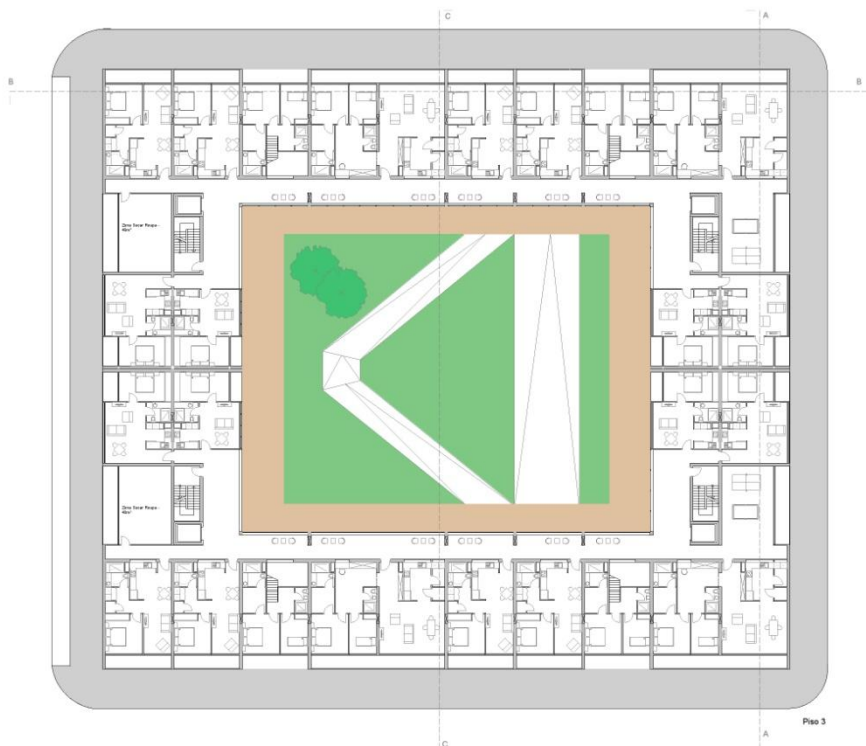
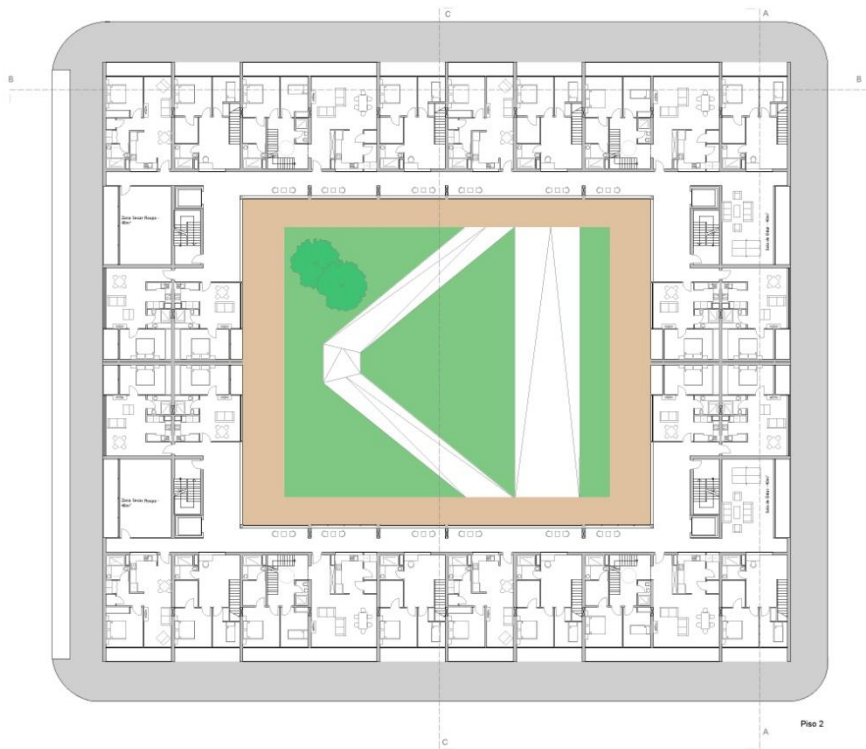


Plano 6 - Estacionamento

Habitare e Envelhecerno Séc. XXI

ARQUITECTURA VERSAO EDUCACAO
GRAPHISOFT





H a b i t a r e E n v e l h e c e r n o S é c . X X I

ARQUITECTURA VERSÃO EDUCAÇÃO
GRAPHISOFT

CORTES



CORTES A

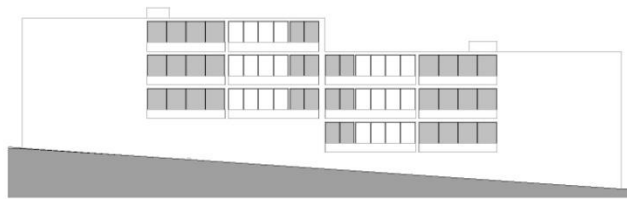


CORTES B

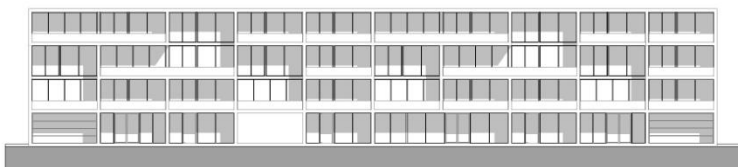
ALÇADOS



Perspetiva - Fachada e Alçado Lateral



Alçado Norte-Oeste



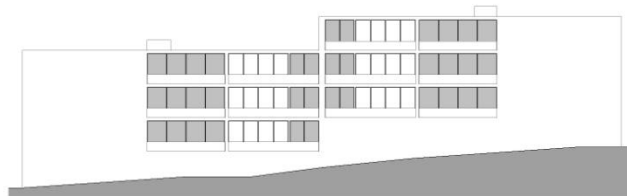
Alçado Poente



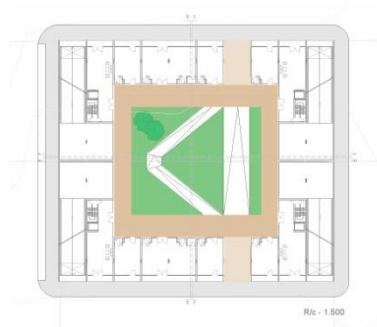
Perspetiva



Perspetiva - Fachada



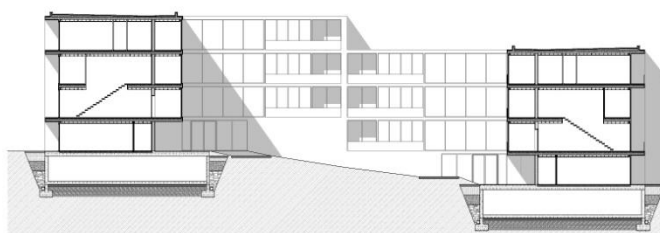
Alçado Norte e Sul



Perspectiva - Corte



Perspectiva - Pátio



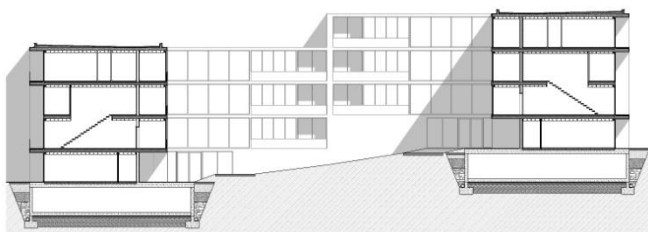
corte C



Perspectiva - Passagem Pátio



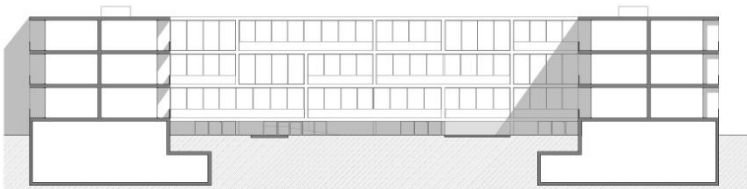
corte E



corte D



Perspectiva - Vista Galeria / Pátio

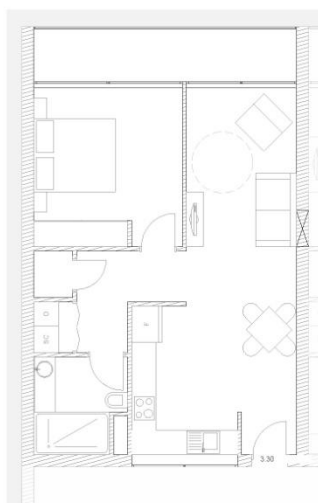


corte F

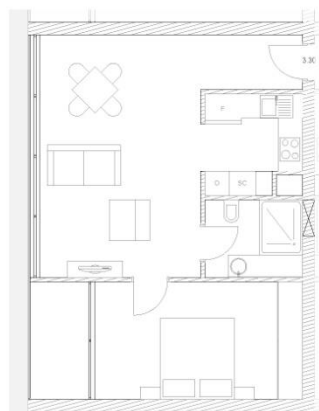


Perspectiva - Pátio

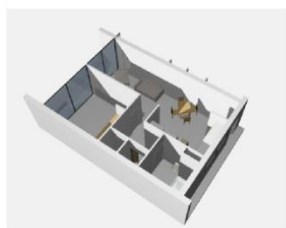
H a b i t a r e E n v e l h e c e r n o S é c . X X I



T1
67m2



T1
57m2



T1 - Perspectiva



T1 - Perspectiva

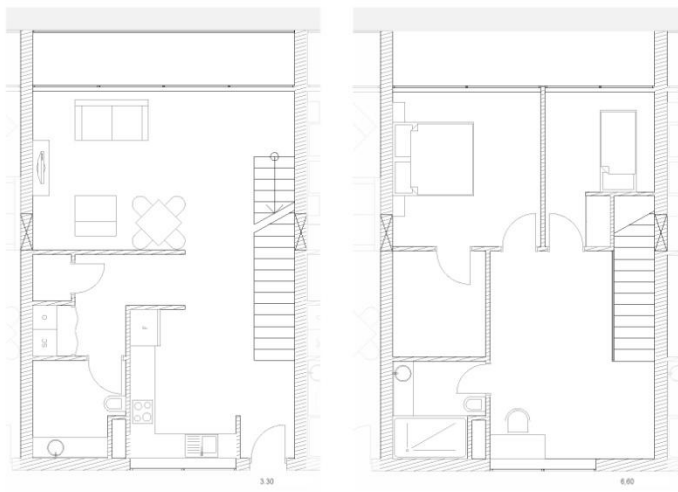


T2
138m2

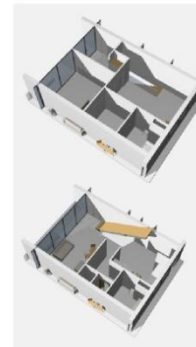


T2 - Perspectiva

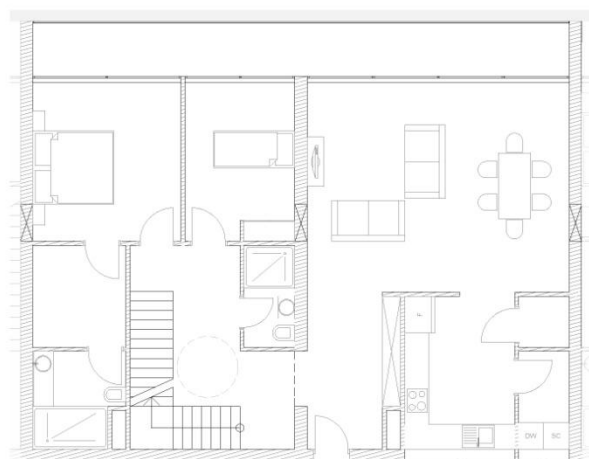
Habitare e Envelhecer no Séc. XXI



T2 DUPLEX
125m²



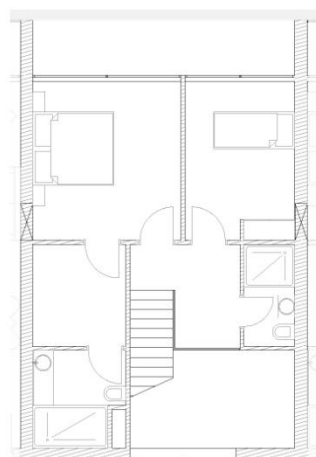
T2 DUPLEX - Perspectiva



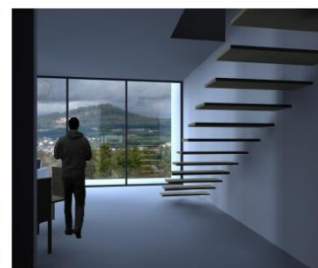
T4 DUPLEX
187m²



T4 DUPLEX - Perspectiva

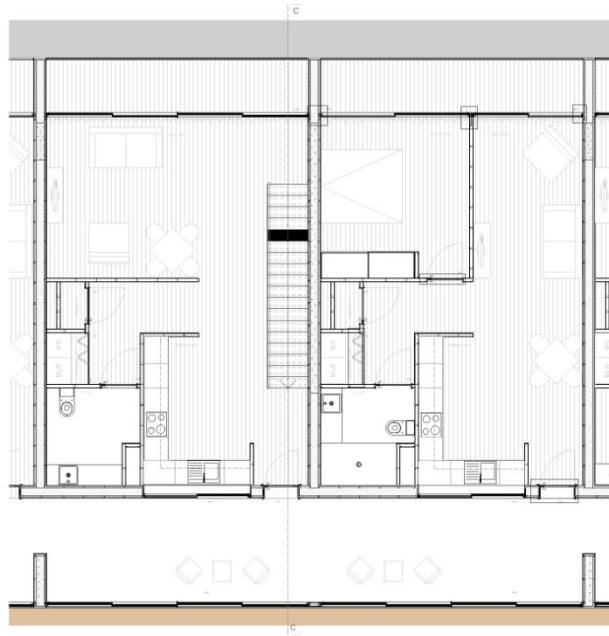


30m²T2



30m²T2 DUPLEX

H a b i t a r e E n v e l h e c e r n o S é c . X X I



PISO 1

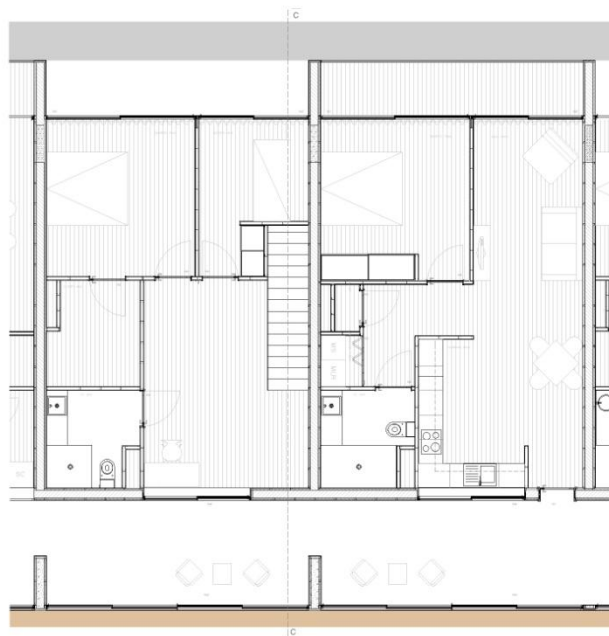
1:50

LEGENDA

1. REBOCO
2. GESSO CARTONADO
3. MONTANTE
4. ISOLAMENTO TERMICO
5. TUDOLO
6. PSE ARO
7. ARO METALIZADO
8. MADEIRA DE PINHO
9. FAVO DE CARTÃO
10. ARO DE MADEIRA
11. GUARÇA EM HORMO
12. CANTONSEIRA
13. CAVALHO DE CORREIA
14. REGULAZIÇÃO
15. SOLAÇO
16. SUPORTE EM MADEIRA
17. REBOCO ETIC
18. PERFIL T

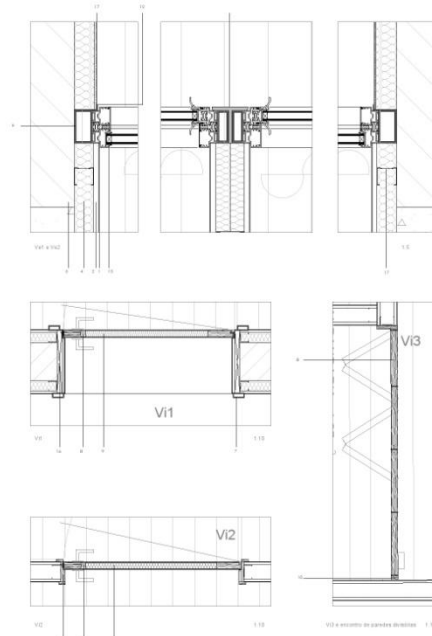


GALERIA

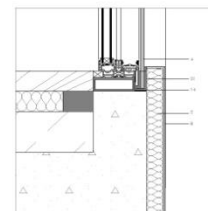
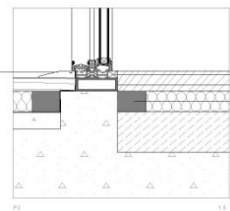
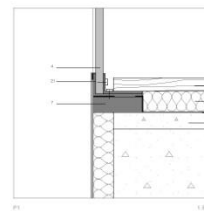
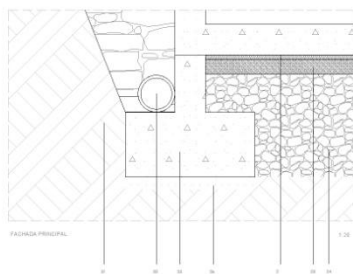
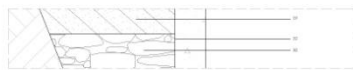
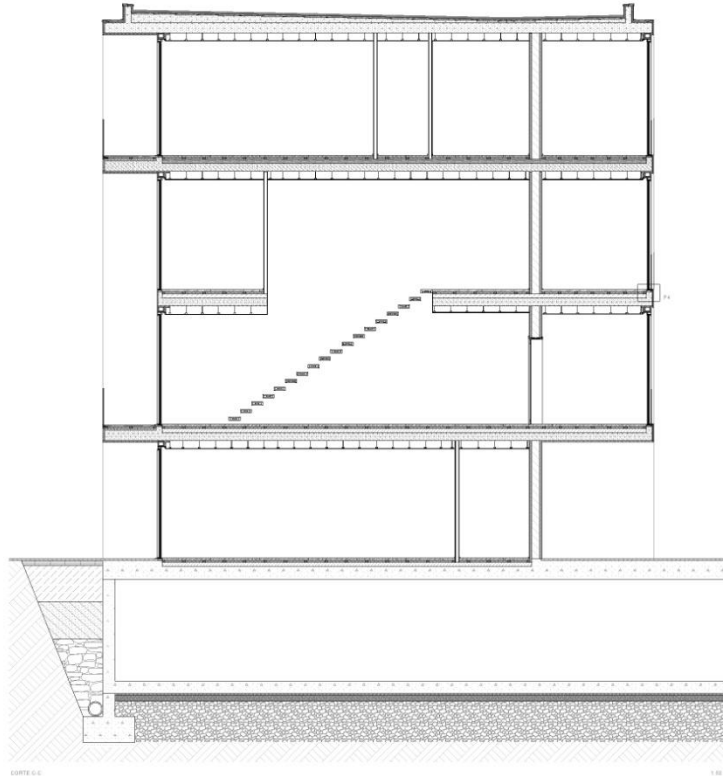
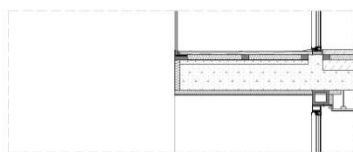
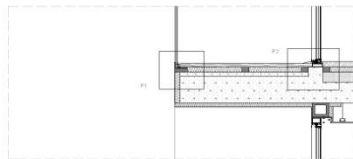
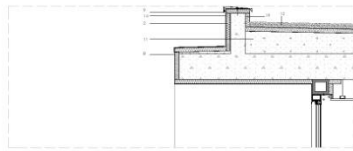


PISO 2

1:50



H a b i t a r e E n v e l h e c e r n o S é c . X X I



LEGENDA

- 1- GESSO CARTONADO
- 2- ISOLAMENTO TERMICO
- 3- PSE-ARQ
- 4- GUARDA EM VIDRO
- 5- CAVALHO DE CORRER
- 6- SOLAHO
- 7- SUPORTE EM MADEIRA
- 8- REBOCO ETIC
- 9- ALUO
- 10- JORTELIA
- 11- CAMADA FORMA
- 12- CAMADA GODO
- 13- LUMINARIA
- 14- TELA
- 15- LAJE DE BETÃO
- 16- PIVADEIRA
- 17- CHAPA DE AÇO
- 18- PERSIL METALICO
- 19- IMPERMEABILIZAÇÃO
- 20- MONTANTE DE TECTO
- 21- PERSIL DE GUARDA DE VIDRO
- 22- SOLEIRA
- 23- BRITA DE REGULARIZAÇÃO
- 24- ENDOCAMENTO
- 25- SAPATA
- 26- BETÃO DE LIMPEZA
- 27- LAJETAS DE BETÃO
- 28- AREIA-CIMENTO
- 29- TOUT-VEHANT
- 30- AREIA GROSSA
- 31- TERRENO
- 32- PORTULA BETUMINOSA
- 33- GEODRENDO

